

5 - OCT 1937

Revista da **SOCIEDADE**
de **GEOGRAFIA** do Rio de Janeiro

T O M O X X X I X — 1 9 3 4 — (1.º e 2.º semestres)

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Alcides Bezerra — Alexandre Sommier — Carlos Domingues —
Saladino de Gusmão — S. Fróis de Abreu

S U M Á R I O

Agenor Augusto de Miranda — Pelo Brasil Interior.

Contra-Almirante Raul Tavares — Corografia da Costa do
Brasil.

Raul Correia Bandeira de Melo — As novas subdivisões
politico-administrativas do Brasil.

Rodolfo da Mota Lima — Geografia das Calamidades.

RESUMO DE TODOS OS ARTIGOS EM ESPERANTO

AVEN. MARECHAL FLORIANO, 212-1.º—Rio de Janeiro

B R A S I L

— Revista da **SOCIEDADE**
de **GEOGRAFIA** do Rio de Janeiro

T O M O X X X I X

1 9 3 4

(1.º e 2.º semestres)

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Alcides Bezerra — Alexandre Sommer — Carlos Domingues —
Saladino de Gusmão — S. Fróis de Abreu

I N D I C E

Agenor Augusto de Miranda — Pelo Brasil Interior.	3
Contra-Almirante Raul Tavares — Corografia da Costa do Brasil.....	24
Raul Correia Bandeira de Melo — As novas subdivi- sões politico-administrativas do Brasil.....	71
Rodolfo da Mota Lima — Geografia das Calamidades.	98

RESUMO DE TODOS OS ARTIGOS EM ESPERANTO

AVEN. MARECHAL FLORIANO, 212-1.º—Rio de Janeiro
BRASIL

UNIVERSIDAD DE LA HABANA
Biblioteca Central
Rubén Martínez Villena

C A N J E

5 - OCT 1937

PELO BRASIL INTERIOR

Agenor Augusto de Miranda

SEGUNDA PARTE

— CAPITULO TERCEIRO —

26 anos de estudos e observações no interior norte do País.

A Zona do Jalapão: Limites da Baía — Goiaz — Piauí — Maranhão. Um ponto singular na geografia nacional. A pedra da Baliza — monumento notável nos gerais do Jalapão.

ESTUDOS SOBRE O JALAPÃO

A zona brasileira que vamos descrever e estudar, à luz do que lemos e do que vimos, é das mais desconhecidas dos nossos eminentes geógrafos; entretanto, não deixa de ter particularidades dignas de interesse científico.

Fica no alto divisor das águas de afluentes de 3 grandes rios, com a circunstancia *sui-generis*, de uma só e abundante nascente, servir a duas cabeceiras.

Limita-se, ao norte, pelas escarpas da Serra da Mangabeira, donde nascem o Parnaíba, o Urussuí-preto e o Gurguéa; ao sul está a grande Serra do Duro, em Goiaz; a este correm as águas do Sapão, principal afluente do rio Preto; e, finalmente, a oeste, acham-se o Galhão, o Formoso e o rio Novo, formadores principais do rio do Sono, que corre para o Tocantins. É o macisso central de onde partem águas para norte, para este e para oeste do País, e que alimentam o Parnaíba, o São Francisco e o Tocantins, cheio de inumeros brejos, onde há buritizais extensos e riachos de águas cristalinas, correntes em leitos de arenito, em cujas margens, ora encontram-se formidaveis matas, ora vêm ter os celebres *gerais* goianos, deixando as barrancas nuas.

A area do Jalapão é avaliada em 300 leguas quadradas, tal-

vez mesmo 1.500.000 hectares de terrenos que, pela sua formação geologica, abundancia de aguadas e, sobretudo, pelo seu amenissimo clima, podem constituir ainda uma zona das mais atraentes do Brasil interior, até mesmo do ponto de vista do turismo.

Quem, hoje mesmo, a visita, abandonada como está, no meio das dificuldades da viagem e da pobreza sem par que se observa, sem assistencia administrativa, disputada pela Baía e por Goiaz, quando, de fato, pertence a êste Estado, não se esquecerá jamais das belezas que apreciou, no meio da natureza bruta, da excelencia do clima, mesmo nas horas mais quentes do dia.

Esse grande macisso é todo de arenito, cuja coloração vai do amarelo, do lado baiano, ao vermelho vivo, do lado piauiense e maranhense. De acordo com os conhecimentos gerais do País, o nosso serviço geologico, na sua coluna geologica, organizada de acordo com os estudos feitos até 31 de Dezembro de 1929, incluye o divisor São Francisco-Tocantins, na Baía, na Era Mesozoica e no sistema Cretaceo superior, precisamente na zona que corresponde ao Jalapão, de que nos ocupamos; e mais recentemente, devido a informações por mim prestadas, esboça-se uma suposição que poderá ser confirmada de futuro. Quero me referir ao que me escreveu, em 30 de Outubro de 1930, o Dr. Horacio Williams, notavel engenheiro do serviço geologico brasileiro. “Realmente a pedra da Baliza é um monumento notavel. Não é somente um marco muito bom, embora “um pouco fora do alinhamento, como V. me diz, mas é um paragrafo, ao menos na historia geologica daquela região, mostrando a existencia, em tempos idos, de uma grande camada de “arenito que a encobria; pedra de facil desagregação, a origem “talvez de grande parte da areia das dunas ao longo do São “Francisco e na costa do Atlântico, levada pelas correntes, durante o correr dos seculos.

“Pedras semelhantes observei nas fraldas dos morros, uns “60 kms. a oeste de Correntina, presumivelmente pertencente ao “mesmo horizonte geologico — parecem sentinelas petrificadas “no cumprimento do dever.

“Achei, ao longo do Corrente, um terraço (pleistocenico?), “desde umas leguas abaixo do Porto Novo até a barra do Arro- “jado, cuja superficie é plana e de nivel, com cascalho, areia e “barro em diversas camadas, o que indica que, em outros tem- “pos, houve uma grande lagôa no vale do São Francisco, uns “30 ms. acima da planicie da Lapa. Tambem defronte de Re-

“manso e de Pilão Arcado, ha 23 anos, achei um terraço semelhante, mas consistindo de material cimentado com ferro.

“Tudo isto me faz pensar que, talvez, em tempo geologico relativamente recente, é possível que o São Francisco achasse saída pelo vão do Jalapão, sem precisarmos recorrer a movimentos orogenicos para explicar a situação.

“A sua nota de altitude de 590 ms., no Jalapão, favorece esta hipotese. E' uma coisa para futuras investigações, talvez para outros, menos eu, que já principio a sentir o peso dos Janeiroiros.”

Do lado do norte, nascem o Parnaíba e seus principais afluentes; e de acordo com os estudos feitos, não só pelo engenheiro Guilherme Dodt, em 1867, como, recentemente, pela Comissão de limites Piauí-Maranhão, a principal cabeceira desse rio nasce a 709 ms. acima do nivel do mar, na encosta da Serra da Mangabeira, cujo planalto está uns 100 metros mais acima, deixando, assim, observar que as aguas do Jalapão, formadoras do Sapão e do Sono, nascem mais de 100 ms. abaixo das formações do Parnaíba.

E' interessante registrar as altitudes de todos os pontos mais importantes da viagem.

QUADRO DAS ALTITUDES DE LOCALIDADES DA ZONA DO JALAPÃO E CIRCUNVIZINHANÇAS,
NA BAÍA, PIAUÍ E GOIAZ

<i>Localidades</i>	<i>Altitudes ms.</i>	<i>Tempt. O° C.</i>	<i>Hora</i>	<i>Estados</i>
Santa Rita do Rio Preto	445	22°	6	Baía
Boa-Vista — Cachoeira	595	20	6	"
Divisor — Baía-Piauí	645			
Riacho Fresco	525	31	14	Piauí
Parnaguá	345	22	6	"
Fazenda Cima (rio Paraim)	375	21	6	"
Corrente	425	20	6	"
Ramalhete (Cab. rio Corrente)	515	15	6	"
Divisor—Corrente—Sassafráz (Baía)	805			
Sassafráz — Cabeceira	595	13	6	Baía
Brejo Buritirana	545	11	6	"
Ermiço — Cabeceira	665	27	15	"
Divisor — Pedra Baliza — Baía-Goiaz	725			
Galhão — passagem	590	18	6	Goiaz
Divisor — Veredão — Goiaz-Baía	590			
9 Galhos (afluentes do Sapão)	585	10	6	Baía
Medio Sapão (Salto)	555	14	6	"
S. Marcelo — (foz do Sapão)	530	13	6	"
Mato Grosso (margem do rio Preto)	525	8	6	"
Formosa	515	17	6	"

Mais ainda o trajeto que fizemos, tomando as direções gerais entre os pontos percorridos e reduzindo suas distancias, pelos trajetos feitos, ás linhas de projeção na carta :

QUADRO DAS DIREÇÕES GERAIS E DAS DISTANCIAS ENTRE OS PRINCIPAIS PONTOS PERCORRIDOS NA ZONA DO JALAPÃO

Localidades	Direção geral AZM	Dist. real	Trajetos reduzi- dos	
Corrente — Faz-Malhada	340°	10.200	8.980	(1) Na chapada da S. da Mangabeira.
Faz. Malhada — Cocos	310	11.970	10.530	
Cocos — Ramalhete	290	6.360	5.590	
Ramalhete — Catulé (1)	300	15.000	13.200	
Catulé — Cruzamento (2)	290	18.500	16.280	
Cruzamento — Cab. Justino	230	5.300	4.670	(2) No cruzamento da nos- sa direção com o cami- nho para a Cab. do rio Parnaíba.
Cab. Justino — Caldeirão	230	9.700	8.540	
Caldeirão — Uricuri	225	25.000	22.000	
Uricuri — Buritirana	220	27.800	24.460	
Buritirana — Ermiço	320	20.600	18.130	
Ermiço — Galhão	310	18.600	16.370	(3) Cabeceira de um brejo.
Galhão — Veredão	220	24.900	21.910	
Veredão — 9 Galhos	80	21.500	18.920	
9 Galhos — Ribeirão	100	19.200	16.896	(4) Varzea do rio Sapão.
Ribeirão — Cabeceira (3)	120	24.200	21.296	
Cabeceira — Varzea (4)	130	36.700	32.290	
Varzea — S. Marcelo	130	13.400	11.792	
São Marcelo — Formosa	140	41.200	36.256	
Somas		350.130	308.110	

Em relação ás altitudes registradas no quadro atrás convém mencionar outras do meu conhecimento: —

Na Baía, Joazeiro, como ponto de partida, está a 373 ms. acima do nível do mar e a cidade de Barra do Rio Grande, a 430 ms.

No Piauí, Bom Jesús do Gurguéa, a 180 ms., e Filomena, no alto Parnaíba, a 1.215 kms. do Atlantico, apenas a 228 ms.

Do exame, em conjunto, de todos estes valores verifica-se que nas duas localidades piauienses de Corrente e de Parnaguá, quasi simetricamente ao norte de Formosa e de Santa Rita, os rios correm deste modo: o Corrente, abaixo do rio Preto, em Formosa, 91 ms., e o Paraim, em Parnaguá, abaixo do rio Preto, em Santa Rita, 71 ms. De um modo geral, os rios do Piauí, tendo suas cabeceiras mais altas que os da Baía, no Jalapão, caem bruscamente para correr em planos mais baixos que os rios da Baía, rios de planalto, correntes em declividade uniforme geralmente. Do lado piauíense a serra da Mangabeira cai abruptamente e os rios Correntes, Paraim e seus afluentes, correm com tanta impetuosidade, quando enchem, que, desde os primeiros momentos, ninguém mais os pode atravessar, especialmente pela quantidade formidavel de terra vermelha que arrastam, desmontada do arenito das escarpas. Ao passo que, do chapadão divisor, que é totalmente plano, se desce ás aguas da Baía em declive suave até ás barrancas dos rios. E' de notar mais o seguinte: — estando o divisor principal das bacias do Parnaíba, ao norte, com as bacias dos rios Preto, São Francisco, a este, e o do Sono, Tocantins, a oeste, a mais de 800 ms. de altitude, os divisores secundarios estão na Pedra da Baliza e no Veredão, a 590 ms.; e que as serras que separam a Baía do Piauí entre Formosa e Corrente e entre Santa Rita e Parnaguá, são tão baixas que, quem viaja de um Estado para outro, sem prestar atenção ao caso, não nota o divisor.

Os rios da Baía, o Sapão e o rio Preto, são de aguas claras, correndo em leitos de arenito amarelado, ao passo que a serra escarpada, pelo lado norte, mostra sua coloração vermelha e que tolda as aguas dos seus rios, especialmente do Urussuí-Vermelho. Só muito mais abaixo, nas cabeceiras do outro Urussuí, o Preto, é que aparece o mesmo arenito da côr baiana, dando ás aguas destes rios a mesma apparencia das aguas do rio Preto da Baía.

Do lado baiano podemos considerar que, entre as cabeceiras do Sapão e Santa Rita do rio Preto, as aguas correm com o declive de 580 mms. p/km (145 ms. para 250 kms.), ao passo que entre as cabeceiras do Corrente e Parnaguá, o declive é

quasi 4 vezes maior, 2.014 mms. p/km. (270 ms. para 134 kms.), sendo que de Parnaguá para baixo as aguas passam a descer brandamente, como verifiquei entre Bom Jesús do Gurguéa e Floriano, com a declividade apenas, de 315 mms. p/km. (120 ms. para 380 kms.)

— Não é facil fazer a historia do territorio do Jalapão, como e quando fôra descoberto e dos indios que o habitavam. A respeito, nada de positivo encontrei, nada consegui descobrir na nossa literatura historica, além de algumas notas que se referem ao Sul do Piauí e ao norte de Goiaz, o Jalapão estando de per-meio. Como eu já tive oportunidade de referir, o povoamento do Piauí deu-se em tres direções diferentes e convergentes para o médio-Parnaíba: —

A corrente que subiu o rio Itapicurú-mirim, a partir de Maranhão; a que partiu de Cabrobó, no alto São Francisco, e foi orientada para oeste, descendo o Canindé, depois de atravessar o divisor das aguas; e finalmente a que pelos rios Grande e Preto acima, a partir da barra do Rio Grande, alimentada pelos bandeirantes paulistas e pelos baianos do Sertão do São Francisco, foi ter ao Gurguéa, depois de desbravado o sertão de Parnaguá, o celebre sertão dos Rodeleiros. Esta corrente data de 1662/63. 35 anos depois, foi de Portugal expedida a carta Regia, dirigida ao Governador Geral do Brasil, D. João de Lencastro, determinando a fundação da vila de Parnaguá, por terem sido dominados os indios Acroás, Macoazes e Rodeleiros, que infestavam essas pastagens, indios que só em 1751, isto é, quasi um seculo depois (1669-1751) foram pacificados em São José do Duro, ao norte de Goiaz, pela ação dos padres Jesuitas. E', pois, de crer que o Jalapão, entre Parnaguá e Duro, tinha sido habitado ao tempo do seu descobrimento pelos referidos Acroás, de que tanto nos fala a historia. Saint-Hilaire, na sua obra "Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco" (1819), refere que a Aldeia do Duro foi fundada em 1749 e que mais tarde esses indios foram massacrados, depois de se terem revoltado; e, na *Cronologia historica do Estado do Piauí*, pag. 15, ha o que passo a transcrever: —

"Os Acroás, escreve Cerqueira e Silva, que, reduzidos pelos Jesuitas, fundaram em 1751 a povoação denominada de São José do Duro, na parte septentrional da provincia de Goiaz, estendiam-se a principio por toda a comarca do Rio de São Francisco e chegavam até a Lagoa de Parnaguá, em cuja margem ocidental está assentada a vila do mesmo nome, pertencente ao territorio da provincia do Piauí. Esses indios reunidos aos Macoazes e Rodeleiros, infestaram, por bastante tempo, os es-

tabelecimentos das fazendas criadas em toda essa extensão, do interior, geralmente conhecido naquelle tempo por *Sertão de Rodelas* e foi ás suas incursões que se deveu a fundação dos arraiais, hoje vilas, de Parnaguá, Santa Rita do Rio Preto, Campo Largo e Villa da Barra, fundação essa determinada ao Governador, D. João de Lencastro, por C. Régia de 2 de Dezembro de 1698, depois de serem batidos os mesmos indios na guerra que lhes declarou, em virtude de outra C. Régia de 17 de Dezembro de 1699, por haver representado aquelle governador ser impossivel reduzi-los á obediencia por outras maneiras pacificas, como era ordenado na primeira C. R. expedida por efeito das queixas que levaram ao Soberano os prejudicados em tais incursões."

Em tão vasto sertão, onde ainda hoje abundam o peixe, a caça e as frutas silvestres, de clima tão ameno, deveria existir numerosa população indigena, hoje totalmente desaparecida, rechassada para os sertões do Tocantins, nas lutas que se estabeleceram por tantos anos, ao longo do caminho e no vasto sertão percorrido pelos celebres bandeirantes Domingos Jorge Velho e Domingos Afonso Mafrense — o Sertão.

Eu tive sempre desejos de poder identificar êsse caminho antigo e que é ainda pouco frequentado, caminho dos bandeirantes do seculo 17, em sua travessia da bacia do rio São Francisco para a do rio Parnaíba, em seu afluente o Gurguéa, travessia que se poderia ter dado em mais de uma direção.

Em Maio de 1930, na minha ultima viagem telegrafica ao alto sertão brasileiro, passei a limpo todas as minhas duvidas e posso, hoje, afirmar que o caminho dos antigos bandeirantes fôra o seguinte:

Da barra do Rio Grande, pelo Rio Grande acima até a foz do rio Preto; por este acima até a Barrinha, abaixo de Santa Rita 23 kms.; pela vereda que aí desagua e tem o nome generico de Sapé, acima até a fazenda da Boa Vista, no sopé da serra divisora, lugar de grandes brejos e otimas pastagens; e atravessando a serra por estreito chapadão ás aguas do riacho Fresco, a 17 kms. de Boa Vista; e pelo riacho Fresco abaixo até a Lagoa do Parnaguá, formada pelo rio Paraim; e por êste abaixo ao Gurguéa, logo adiante. De Barrinha á Boa Vista, são 50 kms., de Boa Vista ao riacho Fresco, 17 kms., e dêste a Parnaguá 56, o que tudo soma 123 kms. de distancia entre os extremos dessa antiga travessia. A fazenda do Riacho Fresco é um ponto historico do País.

E' propriedade do Sr. Raimundo da Cunha Lustosa, neto do desbravador desses sertões, José da Cunha Lustosa, Coro-

nel Comandante Geral da Vila de Parnaguá e que exerceu grande influencia na vida administrativa do nascente Piauí, pela sua grande autoridade em tão vasto sertão brasileiro, e teve illustre descendencia. De uma informação que este homem clarividente prestou ao Governo, em 1827, a respeito da pacificação dos indios, convém transcrever o seguinte, como subsidio historico: "*As causas obstantes de sua civilização teem sido, no meu entender, até presente, idéias de opressão e cativoiro que eles têm concebido á vista da occupação violenta do seu país, e á vista da má fé e crueza com que os têm tratado seus diversos conquistadores, etc.*"

José da Cunha Lustosa, como bem retrata a noticia acima, de sua auctoria, era um homem de visão clara e humanitario.

Deixou uma enorme prole, sobressaindo o Barão de Paraim, nascido em 1813, o Marquês de Paranaguá, nascido em 1821, e o Barão de Filomena, nascido em 1827, todos na antiga sede da actual fazenda do Riacho Fresco e que era denominada Mucambo. A fazenda Riacho Fresco pertence hoje a Raimundo da Cunha Lustosa, filho de Francisco da Cunha Lustosa, neto de José da Cunha Lustosa, portanto sobrinho do celebre Marquês de Paranaguá e dos outros titulares acima referidos.

A antiga fazenda Mucambo foi um grande estabelecimento no seu tempo e em 1819 nela foi construida a capela de N. Senhora do Rosário, "de muito boa construção e dimensões regulares".

Há nas terras dessa ainda muito grande propriedade agricola mais de 800 mangueiras, arvores de grande porte e muito frutiferas, e grandes extensões, pela margem do riacho, de limoeiros e limeiras.

Os canaviaes ainda são abundantes e fabricam rapaduras. Tive oportunidade de conversar com o Coronel Francisco Lustosa, homem forte e laborioso.

Cheguei a Parnaguá no dia 12 de Maio. Parnaguá, lugar próspero em outros tempos, hoje é uma tapera, assim pode-se dizer. Vila em 3 de Junho de 1762, teve foros de Comarca, em 1833, e em 1857 tinha 67 casas de telhas, 15 de palha e 355 habitantes.

Em 1762, "34 fogos, com 97 habitantes, sendo 37 livres e 60 escravos," e nas fazendas, em numero de 55, "130 fogos com 805 habitantes", sendo 229 livres e 567 escravos".

Em 1831 a população de todo o municipio era de 9.157 almas, em 1854 de 12.654 almas, e, proporcionalmente, a população, em 1930, deveria ser de cerca de 24.000 habitantes, para todo o municipio. As lutas, especialmente dos ultimos anos,

entre membros da familia Nogueira, arruinaram a vida desse grande e rico municipio e ha um recenseamento de 1919 que avalia sua população apenas em 8.000 almas. Julgo que não traduza a verdade. Nestas lutas, geralmente morre pouca gente. O movel é o roubo. Tive uma carta do Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, antigo senador pelo Piauí, e que me informava haver sua familia perdido mais de 1500 cabeças de gado vacuum, além de avultado prejuizo do muar e cavalari, incendio em duas fazendas, que ficaram sem casas e benfeitorias, os prejuizos totais foram a mais de 10.000 cabeças de gado roubado e depois vendido em Baía e em outros municipios do Estado do Piauí! A pacificação da zona foi feita pelo Comandante Gaioso e Almendra, então chefe de Policia do Piauí. A população, no tempo dessas calamidades periodicas no sertão, espalha-se pelos municipios vizinhos, mas torna ás suas terras, a que está aquerenciada, logo que o flagelo passa. Ora, em terras ricas e sob clima ameno, um municipio que, em 1854, tinha apenas 12.654 almas, evidentemente em 1919, 65 anos depois, não pode ter apenas 8.000; o municipio deve ter pelo menos 20.000 pessoas. Terá sido, por exemplo, contada a população que habita o vale do Curimatá pela riqueza de suas pastagens?

A lagoa de Parnaguá é uma formação do rio Paraim. Tem 14 kms. de extensão e 5 kms. de largura, portanto a área de 70 kms. O rio Paraim, vindo da encosta da serra da Mangabeira, entre Corrente e Formosa, correndo para NNE., forma a lagoa, a mais de 100 kms. de sua origem, e depois, tomando a direção N., ao sair da Lagoa vai abaixo cair no rio Gurguéa.

A vila está ao NNE. da Lagoa. O engenheiro Giulherme Dodt que, em 1871, estudou o curso dos afluentes do Parnaíba, depois de fazê-lo detalhadamente, dá noticia pitoresca da lagoa, e que convém relembrar: "Quanto aos fenomenos que deram origem á fama de ser a lagoa encantada, são miragens no ar que se mostram frequentemente em paragens onde se podem formar, na atmosfera, camadas de ar de diferentes densidades. A lagôa é extensa e rodeada, por todos os lados, de morros, de sorte que, em dias de calmaria, não existe o menor movimento na atmosfera e o ar fica parado. Sobre a lagoa, que reflete os raios do sol, esquentam-se extraordinariamente o ar, e principalmente as camadas inferiores tornam-se muito dilatadas, por isto menos densas do que as superiores e aquelas que se acham sobre a terra coberta de vegetação. Todas as vezes que os raios da luz passam de um meio para o outro, de densidade diferente, são refratados. E' justamente o que acontece na lagoa, como em outros lugares, por ex.: entre a costa Norte da Africa e a Si-

cilia, nos desertos arenosos da Africa e da Asia, onde este fenomeno é conhecido pelo nome de *fata morgana*. As miragens dos desertos foram, outrora, atribuidas á *Fada morgana*. Explica-se, deste modo, facilmente, que se tem visto a lagoa e a vila, longe do seu lugar, no meio da chapada, ou, em outras occasiões, a lagoa no lugar da vila, ou esta no lugar daquela, etc. A propensão do povo para o milagre se era a falta de conhecimento para achar uma explicação satisfatoria do fenomeno, fez pô-lo em relação com uma tradição antiga, que se refere a um infanticidio, e faz vagar pela lagoa na forma de um velho com barbas brancas e assentado em uma vasilha de ouro.

Já estava quasi caída em esquecimento essa tradição, que uma vez tinha produzido tanto medo que grande parte da população se retirou da vila, quando ela reviveu no animo do povo e causou um susto extraordinario, pelo fato que se deu em 1854, e que me seja licito relatar em poucas palavras: João de tal, conhecido como homem sério e incapaz de mentir, foi tomar banho na lagoa, pelas duas horas da tarde de um dia em que o sol abrasador e a falta de toda a viração tornava o calor insuportavel. Escolheu um lugar onde uma gameleira frondosa oferecia uma sombra densa na margem da lagoa e assentou-se onde a agua mal lhe chegou até o peito. Logo que começou a deitar agua na cabeça, abaixou-se e não viu o que estava diante de si. Erguendo, porém, a cabeça, com grande susto, viu em sua frente um homem assentado como ele, nagua, com os cabelos e as barbas brancas, e olhando-o.

Levantou-se e correu para a vila, sem se lembrar que estava nu, apavorado, pois lhe veio à mente aquela tradição antiga a que já aludi, e embora não visse diante de si a sua propria imagem, deu sua fantasia ao fato, os traços que a tradição exige.

Neste caso vê-se, evidentemente, que a diferença de densidade do ar sobre a lagoa, onde batiam os raios do sol, e na sombra da gameleira, produziu o fenômeno que o povo não sabia explicar e parecia milagroso.”

— A fertilidade das terras marginaes da lagôa é conhecida e nas fazendas de criar o gado adquire grande porte, é muito prolifero e as vacas produzem abundante leite. Partimos para Corrente, Paraim acima, e no dia 14, estavamos na vila mais meridional do Piauí, á margem esquerda do rio Corrente.

A vila de Corrente tambem foi assolada pelas lutas desses tempos e teria desaparecido se nela não existisse, em suas imediações, o Instituto Batista Industrial, dirigido pelo Ministro Americano Dr. Adolfo John Terry. Esse estabelecimento, em

tão alto sertão, é obra das famílias Lustosa, Nogueira e Paranaguá, hoje entrelaçadas nos Municipios de Corrente e de Parnaguá, familias de que era chefe, grandemente estimado, o Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá. Uma doação de terras, em torno da vila de Corrente, e de algum gado, serve de patrimonio ao Instituto, que procura, com o maior amor, instruir os filhos daquelas terras, com o programa simplissimo de ensinar a ler e a escrever a todos aqueles que possam receber sua influencia, o que é feito sem nenhum preconceito religioso.

Varios edificios, de construção singela, servem a todos os misteres: — Corpo da Diretoria, salões para aulas, pavilhão para conferencias, campo para exercicios fisicos, tudo formando um conjunto digno de observação. Na ordem absoluta que notei, é que está o segredo da sua eficiencia. Cabendo a direção geral ao Dr. Terry, tem ele, como vice-diretor, o filho mais velho do Dr. Joaquim N. Paranaguá, agronomo, educado na America do Norte, e dispõe de um corpo de professores devotados ao ensino. Mas a alma do estabelecimento, ao tempo em que o visitei, era Mrs. Terry, a D. Lulú, como é conhecida em toda aquela redondeza.

Oito curtos dias passei entre tão abnegadas pessoas, e, estudioso da organização de Taylor — o taylorismo americano — pude apreciar uma sua aplicação viva que D. Lulú deu, talvez sem o saber, ás teorias de Mrs. Frederick, na pratica do taylorismo na organização da casa da familia. No estabelecimento tudo marchava com uma precisão matematica, não se ouvia uma ordem, nem uma providência ostensiva; não havia faltas. A *maquina* era revista diariamente, tudo previsto a tempo, e tanto o Dr. Terry, como todos os seus auxiliares, tinha suas boas horas de recreio.

Oitenta pessoas instruiam-se nesse tempo, e, além das disciplinas escolares, diariamente os professores fazem conferencias no salão proprio, sobre assuntos de interesse geral; e não são somente os professores, qualquer pessoa que visite o estabelecimento pode, usando da palavra, discorrer sobre qualquer assunto de educação.

O Instituto é um *oasis* no sertão abandonado, um exemplo do que se pode fazer no interior do nosso país.

Aí no Instituto preparei-me para percorrer o Jalapão. O Dr. Terry estava de viagem para o Rio de Janeiro e podia dispor de tempo para me acompanhar. Igualmente o fez o Dr. Correntino Paranaguá, também filho do Dr. Joaquim Paranaguá, medico e residente no Rio de Janeiro, e que estava em visita ás fazendas de sua propriedade e de sua mãe. Meu irmão,

Edgard Miranda, que estava construindo a linha telegrafica, de Formosa para Corrente, tambem nos acompanhou, e assim fomos quatro a percorrer um dos mais solitarios e singulares pontos do Brasil, limite comum de 4 Estados da federação: Baía, Piauí, Maranhão e Goiaz.

Quem do Corrente vai ao Jalapão, do lado goiano, segue o caminho que desponha as cabeceiras do Gurguéa e vai ás do rio Parnaíba, que é contra-vertente das do Galhão, afluente do Sono, e dá uma enorme volta. Nós seguimos um caminho novo, ainda pouco trilhado, subindo as cabeceiras do Corrente, para procurar o Sassafras, na Baía, afluente do Sapão. Partimos para o Jalapão no dia 21. A comitiva compunha-se de nós quatro e mais dois camaradas, além do guia, que nos levaria até a travessia do Galhão, onde passa o caminho de Formosa para Porto Nacional, em Goiaz, e mora um homem prestimoso, capaz de nos orientar para diante.

Nesse dia dormimos quasi nas escarpas da Serra da Mangabeira, na Fazenda "Ramallete", á margem do Corrente, que é o principal formador dos ribeirões: á esquerda o Mangabeira, o Porteira e o Barro Vermelho, que contravertem com as cabeceiras do Gurguéa, e, á direita, "Passagem de Pedra", que nasce na Serra da Mangabeira, num vão profundo, e que é contravertente das cabeceiras do rio Sassafras, que é afluente médio do Sapão; e entre essas cabeceiras o chapadão não tem mais de 4 leguas, como me informou o guia. Não foi por esse caminho que seguimos. Entre as cabeceiras do Mangabeira e do Passagem de Pedra ha outro vão, de melhor acesso, e que é da verdadeira cabeceira do Corrente, mais profundo e que, vencida sua escarpa, nos levou diretamente ao chapadão. Foi áspera a viagem desde que, meia legua depois do Ramallete, começámos a galgar a Serra. Trilhando uma picada mal aberta, na escarpa da margem esquerda, foi preciso fazer o percurso a pé, dando liberdade aos animais de sela, para puxarmos e auxiliar os de carga, em perigosos trechos onde não viam sinão grandes despenhadeiros á esquerda. Alcançamos o chapadão, cansadissimos os animais de carga, quasi ao escurecer, e andamos mais um pouco até perto do extremo da picada, onde fizemos o nosso pouso.

Galgada a Serra, entra-se no chapadão plano e coberto de *Carrasco*, onde abunda a palmeira catolé (*Atalea Humilis*). O *Carrasco* é a vegetação anã dos nossos sertões secos, de arbustos, mesmo de especies gigantes, mas que não atingem mais de 1,5 m. e formam balseiros intrincados que nem os bichos atravessam. O Catolé, aí tão abundante, é uma palmeira

sem caule e cujos cachos ficam deitados no chão. O terreno, endurecido pelas chuvas, não permite o desenvolvimento vegetal. No meio deste *cerrado* fizemos nosso pouso, tendo cuidado com o fogo, que poderia nos atrapalhar á noite, e de que necessitavamos pelo frio que começava a fazer. Estavamos a 800 ms. de altitude e no horizonte não se descortinava nenhuma elevação. Acampamos no primeiro *aberto* que encontramos e onde os animais poderiam achar pastagem. Dormimos todos no chão, sobre os *tilins* das cargas e envolvidos nas nossas colchas de lã. Já havíamos percorrido 15 kms., na direção do Jalapão, e estavamos, evidentemente, quasi na assentada divisora do Piauí com a Baía.

A temperatura desceu a 15°. Pela manhã de 23, prosseguimos nossa marcha dentro do deserto. 6 quilometros adiante terminava a picada e daí deveríamos rumar, pelo chapadão, cada vez mais limpo, á procura do caminho que, das cabeceiras do rio Urussuí-Vermelho, vem ter ás cabeceiras do Brejo Uricurí, ou á Formosa, uma verdadeira trilha dos caçadores destas longinquas paragens. Do fim da picada á trilha, deveríamos percorrer, aproximadamente, 4 leguas e seguimos com cautela, o guia á frente, e eu, com a bussola na mão, procurando qualquer referencia no horizonte, sempre mais limpo, na direção querida. Não foi facil fazer a travessia, sem estrada, nos gerais que iamos percorrendo, merecendo, nossos animais de carga, cuidados a cada instante. Eles não tinham bebido agua, não sabiam para onde iam. Queriam sempre voltar. O do guia, insensivelmente, ia *derivando* para a esquerda, na direção da agua mais proxima. Corrigimos o desvio e, cerca de meio dia, estavamos em pleno chapadão divisor das aguas, de aspecto tão plano e tão limpo de qualquer arbusto que, nos 360° e num raio de mais de 15 kms., havia a mais perfeita uniformidade. Não se vê um sulco no terreno, provocado pelas aguas que se infiltram, caindo nesse *taboleiro* coberto, apenas, de capim agreste, e por sôbre o qual pode correr um automóvel ou pousar um avião. Levamos o rumo de 70° NO e, ás 13,20 horas, encontramos a trilha procurada. Prosseguimos, agora, porém, no rumo 50° SO. Pela trilha fomos á cabeceira do Justino e daí ao Caldeirão, onde chegamos ás 16 horas, pensando em agua, para nós e para os animais. Tivemos, porém, a peor decepção. Não encontramos uma gota d'agua, sequer, nos Caldeirões! Continuamos a viagem para 4 leguas adiante, depois de penoso percurso, que tinhamos feito (33,5 kms) sem almoço e sem agua. Não havia o que fazer senão partir, depois de ligeiro descanso dos animais, e só ás 9 horas da noite chegamos ás ca-

beceiras do Uricurí, brejo da esquerda do Sassafráz. Encontramo-nos, assim como os animais, inteiramente estropeados. 58,500 ms. de viagem nas condições descritas, é uma tarefa pesada, e só tivemos que admirar, além do panorama estranho e inesquecível do chapadão divisor limpo e plano, como em pleno oceano, a pericia com que, do escurecer até as nove horas da noite, o nosso guia nos conduziu em pleno deserto brasileiro. Era a habilidade natural do nosso homem atual, relembrando as marchas de seus antigos ascendentes os índios dêstes desertos. Não houve tempo, senão para fazer um limpo, comer um pouco e dormir profundamente. Ninguém se lembra dos perigos, nesses momentos de cansasso. O sono foi reparador e já em pleno Jalapão prosseguimos no dia imediato, Uricurí abaixo, até o Sassafráz, percorrendo varjados extensos, cobertos de capim de brejo, sempre verde claro. A' tarde alcançamos a foz do Buritirana, afluente da direita do rio Sassafráz, e procurando despontar suas cabeceiras, deveríamos atingir o Ermiço, outro afluente do Sapão, de onde se avista a Pedra da Baliza, no divisor das águas de Baía e Goiás. Tínhamos passado do Piauí para a Baía e deveríamos passar agora de Baía para Goiás.

De fato, no dia 25 de Maio, pelo meio dia, chegamos ao morador do Ermiço, o primeiro ribeirão que cai á esquerda do Sapão e cujas águas contravertem com as de brejos da esquerda do Galhão, que corre para o rio do Sono, em Goiás. A lombada pouco elevada, que separa as águas, é um divisor secundário da Baía e de Goiás, e onde está de pé, no meio dos *gerais*, quasi despidos de vegetação, um grupo de formação arenítica, dentre o qual se destaca, majestosamente, a *Pedra da Baliza*, situada na Baía e a cêrca de 35 ms. do visível divisor das águas.

Depois do Ramalhete era que viamos os primeiros moradores.

No percurso que fizemos de 122 kms., não ha sinão vestígios dos caçadores destas redondezas e que quasi o ano inteiro devastam os poucos animais silvestres que ainda existem: A ema (rhéa americana), o veado sussuapara (*cervos campestris*), o animal de grande porte e bellissimo pela sua armação; a anta (*tapirus americanus*), o unico paquiderme brasileiro, animal arisco e solitario das nossas florestas molhadas; o queixada (*tayassú-tayassú*), que ainda anda em grandes varas; o caetetú (*tayassú albirestris*), o porco da canela ruiva, cujo couro é muito apreciado no sertão, para baixeiros de sela, especialmente; e todos esses animais, de dupla utilidade para o caçador, que come a carne e vende o couro, ou a plumagem, de cujo produto se veste e adquire os meios de ataque — a espingarda, a

polvora e o chumbo, estão destinados a desaparecer, se, em tempo, não vier alguma lei salvadora regulamentar a época da caça no nosso interior. E se pensarmos que a destruição pelo homem é menor que a devida ao fogo, que ateam no verão, nós até ficamos admirados como resistem essas especies de animais á devastação em tantos séculos seguidos.

Lembrei na Baía, depois da minha excursão, o estabelecimento de lei reguladora da caça e da pesca nos nossos sertões, com o fim acautelador de algumas especies animais, que já vão desaparecendo. Dos cervos, por ex., que viviam em manadas numerosas, nos *gerais* do Jalapão, apenas encontramos um pequeno lote de cinco, nas margens do Sassafras, e nenhum outro animal selvagem vimos na nossa longa travessia. Prosseguimos á tarde e chegamos logo á Pedra da Baliza, o marco natural da divisa dos dois Estados, embora um pouco afastado da cumiada da lombada que estava em nossa frente.

A *Pedra da Baliza* tem 6 ms. de altura e 15 de perimetro, na base, levantada do chão mais de 2 ms. De longe, aparenta um ser humano com enorme trouxa á cabeça. Pelo lado do Norte ha um grupo de outras formações areniticas descobertas, mas sem aspeto atraente. A *Pedra da Baliza* destaca-se, imponentemente, no meio daqueles *gerais* limpos, como "um monumento notavel"; e chegará o dia em que o homem, curioso de ver as fantasias naturais que os séculos passados prepararam para os vindouros, penetrará nos sertões, em caravanas, por terra ou pelos ares, somente para visita-las.

A linha divisoria segue o rumo de 70 NE., que é o mesmo que, do Veredão, depois observamos para o divisor geral do Sapão, á direita, e Galhão á esquerda. E como as aguas do Galhão contravertem com as da nascente principal do Parnaíba, pudemos admitir o seguinte fato geografico: a linha que liga essas nascentes, deixa, á direita, o Piauí e a Baía e á esquerda o Maranhão e Goiaz, devendo haver, no chapadão da Mangabeira, um ponto nessa linha comum aos 4 Estados. A necessidade de precisão dos limites decorre do povoamento e, assim como o Maranhão e o Piauí já tiveram que recorrer ao engenheiro para a delimitação de seus territorios, nas cabeceiras e na foz do Parnaíba, a Baía e Goiaz precisam delimitar as areas de seus dominios no territorio do Jalapão. Não estará longe o dia em que uma comissão dos 4 Estados interessados levante, na referida chapada, o marco indicador desse ponto singular no nosso grande País. Temos pontos comuns a 3 Estados; a 4 esse será o unico. Prosseguimos na nossa rota, e, pela demora que tivemos na *Pedra da Baliza*, sómente á noi-

tinha chegamos á passagem do Galhão, ribeirão já avolumado e que impetuosamente corre no rumo de 70° SE.; isto é, paralelamente á linha divisoria. Nesse ponto reside o Sr. Joaquim Muniz, velho morador, e desses homens do sertão, representantes dos tradicionais habitos de uma hospitalidade prazenteira. O Galhão tem os afluentes seguintes: á direita, o Veredão, o principal, que contraverte com a principal cabeceira do rio Parnaíba, e cuja foz está acima um pouco da foz do ribeiro "Pacheco", afluente da esquerda. Abaixo e pela esquerda, estão o "Cachoeira" e o "Floro" e pela direita abaixo deste cai o "Raiz". Pela esquerda vem depois o "João Ribeiro", pela direita o "Formiga", pela esquerda o "Urubú", que nós contamos entre a *Pedra da Baliza* e o "Galhão", o da "Porta", que cai na passagem onde mora o Sr. Muniz, e o *Formoso*, que nasce na Lagoa do "Veredão", cujas águas, em comum, também alimentam o Sapão, que corre para o rio Preto, na Baía.

Abaixo, o "Galhão" cai no rio Novo, contravertente da lagoa do "Veredão" e com êle forma o conhecido rio do Sono, que cai no Tocantins.

Estavamos dentro de uma zona onde, por toda a parte, mina agua cristalina e fria, com abundancia e impetuosidade, podendo irrigar, naturalmente, e com pequeno esforço, formidaveis areas cultivaveis. No meio, porém, de todas as possibilidades de uma vida facil e feliz, sómente há o deserto, alimentado pela inercia governamental. Não há meios de transportes e a iniciativa do grande governador, que teve a Baía, na pessoa do Dr. José Marcelino de Sousa, indo em pessoa inaugurar a navegação até S. Marcelo, no Rio Preto, na foz do Sapão; e outra, devida ao governador Francisco Marques de Góes Calmon, animando com sua presença, igualmente, o surto das estradas de rodagem, sertão a dentro, do que decorreu o automovel chegar até Santa Rita do Rio Preto, melhoramento que teve a duração de poucos meses; o que restava quando por lá andei, como ação administrativa do Governo da Baía, era tão sómente a *desobriga* anual do coletor de Santa Rita, mesmo no dominio goiano, que dizia da Baía, para arrecadar, talvez em proveito proprio, impostos extorsivos, de uma população desamparada de qualquer atenção publica, mesmo sem escolas!

Partimos na manhã de 21 de Maio para o Veredão. Ia ser satisfeita nossa curiosidade vendo e estudando a singularidade geografica especialmente descrita por Apolinario Frot, em 1907, em seu interessante relatorio, apresentado ao grande

governador da Baía, Dr. José Marcelino de Sousa. Frot relata o seguinte: —

“Esta lagoa tem de extensão, de Este a Oeste, cerca de
 “20 kms. De sul para norte, 5 a 6. As sinuosidades das suas
 “margens, formam uma linha de mais de 100 kms. de desen-
 “volvimento. Estas margens são inacessíveis e cobertas de
 “plantas aquáticas que se desenvolvem em grande brejo ou tre-
 “medal, onde se pode introduzir uma vara de 3 ms. de com-
 “primento, sem encontrar fundo sólido. Aí se vêem canais pa-
 “ralelos, até ao meio, desviando-se um para o Norte, forman-
 “do o rio Formoso, e outro para o Sul, que vem formar o Sa-
 “pão.

“Macissos de bunitis, aqui e ali, ao longe dão a impressão
 “de uma floresta de palmeiras, cobrindo toda a lagoa, que é
 “habitada por uma grande variedade de aves aquáticas, inume-
 “ros sucuriúbas (eunectes murinus, cobra aquática, sucuriú, ao
 “N., sucuriú), e jacarés, o que obsta a qualquer animal, que
 “não aves, de procurar tão pitoresca morada. E’ bastante pis-
 “cosa a lagoa, notando-se grande quantidade de pias (lepo-
 “rinus), traíras (syadas), e muitos outros peixes. O rio For-
 “moso (antigo São Diogo), saindo da lagoa com o volume de
 “água de 5 ms. por 60 cms., dirige-se para o N., recebendo
 “pelo lado direito o Galhão, com um volume de 8 ms., por 2
 “ms. depois de um percurso de 60 kms., recebe o rio *Come-as-*
 “*sado*, a 5 kms. de sua barra no rio Formoso, daí em diante, o
 “rio toma o nome de *Preto*. Continuando para NO., recebe do
 “mesmo lado o rio da Estiva, de 12 kms. de curso, e depois o
 “corrego da Pedra de Amolar, que atravessa a povoação do
 “mesmo nome, sede do território do Jalapão. Continuando ain-
 “da na mesma direção, vai se reunir ao rio do Sono, depois de
 “um percurso de 80 kms. mais ou menos, desde a nascente, na
 “lagoa, até sua confluência, no rio do Sono.

“Do lado de O. da lagoa do Veredão, nasce o rio Novo,
 “que continua nesta direção e recebe, do lado esquerdo, a 30
 “kms. de sua nascente, o rio Verde e mais adiante, na mesma
 “margem, procurando o N., as águas do rio Brejão, tomando
 “daí em diante, o rio Novo, o nome do rio do Sono. Até a sua
 “confluência com o rio Preto, tem um percurso de 100 kms.,
 “seguindo na direção de O. a 25 kms. da cachoeira Velha, de
 “50 a 60 ms. de altura, limitando, por esse lado, o planalto
 “do Jalapão.

“O rio Sapão nasce ao S. da Lagoa do Veredão, caindo
 “com um volume de 6 ms. por 2 ms.; na margem direita recebe
 “o rio Nove Galhos, com um volume de 1 m. por 80 cms., e os

“riachos Prazeres, Ribeirão, Alto, Forquilha e Sussuarana. Na margem esquerda tem por principal afluente o Sassafráz, que faz barra a 60 kms. da lagoa do Veredão, com um volume de 5 ms. por 2 ms., observando-se ainda, desse lado, os brejos do Ermicho, Brejão de Cima, Areal, Brejo de Baixo, Cachoeirinha, S. José e Livramento.

“O rio Sapão, desde sua nascente até a sua foz, no rio Preto, do São Francisco, no lugar denominado S. Marcelo, percorre 180 kms., apresentando em sua barra 18 ms. por 2 ms.”

“Em todo o seu percurso, não existe nenhuma cachoeira, a não ser pequenas corredeiras, em numero de 22, formadas por pedras soltas, que retêm o cascalho, e ainda por troncos de arvores, arrastados pelas correntezas. O leito deste rio, relativamente estreito (10 a 11 ms.) tem uma largura de 80 a 400 ms. de cada lado e não se elevam acima do nível d’água a mais de um metro, sendo todas planas.

“Uma linha ou faixa de mata de alguns metros de largura acompanha, paralelamente, o leito do rio e o resto das margens é coberto de delicada relva, formando uma avenida, tendo no centro o rio.

“E’ realmente uma das mais bonitas vistas que se observa em uma região tão abundante delas. Nas matas que formam esta avenida, são encontradas as melhores madeiras, e os buritís frondosos ostentam em profusão os seus doirados cachos.”

O engenheiro Frot subiu, de fato, o Sapão, de sua foz ao Veredão, e nós percorremos tão sómente o seu vale. Discordamos, porém, na parte que diz que “do lado O. da lagoa nasce o rio Novo.”

Nós passamos a pé enxuto, do lado goiano para o da Baía, deixando, á direita, as cabeceiras do rio Novo, e, á esquerda, o Veredão, e o que observamos, está representado no desenho. Colocados nesse divisor nós lemos o seguinte: — direção do rio Formoso, 40° NE; idem do divisor, 70° NE; idem do Sapão, 80° NE; idem do rio Novo, 50° SO; e esses vales estão limitados, visivelmente, por serras de pouca elevação. A originalidade que notei foi a das nascentes comuns do *Formoso* e do *Sapão*, correndo as aguas deste para a bacia do São Francisco e as daquele para a do Amazonas. Não são, porém, muito comuns as aguas destes rios com as do Rio Novo; tanto assim que a estrada que nós seguimos, separa-os totalmente a pé enxuto. Pelas informações do proprio Sr. Muniz, que nos acompanhava, mesmo no tempo das aguas pesadas, esse caminho é

acessível. Realmente, os terrenos úmidos das cabeceiras do NE., encontram-se com os do SO., formando a bellissima varzea que nós atravessamos, em passagem franca, de mais de 200 ms. de percurso, NS.

As cabeceiras são visivelmente assinaladas por buritizais e a varzea, que tem a denominação de Bonita, estreita entre serras, cerca de 250 ms., tem mais de 3 kms. de extensão, tanto é a distancia que vai dos primeiros buritís da cabeceira de SO. para os das cabeceiras comuns do NE. O Dr. Fret chama varzea Bonita a propria lagoa do Veredão, e aí está o seu engano. A referida varzea separa, ou melhor, é o traço de união entre as citadas cabeceiras.

E' de notar, ainda, o seguinte: — na *Pedra da Baliza*, o divisor Ermiço-Galhão corria na mesma direção que notamos, agora, no Veredão para as bacias Galhão-Sapão. Os macissos que separam essas aguas são de pouca elevação e formam os *gerais*, quasi limpos de vegetação, que tornam tão belo o aspeto topografico destas longinquas paragens do Brasil interior, onde o tropel dos animais de poucos viajantes não consegue perturbar o silencio do deserto de clima tão ameno; e só o faz, a faina destruidora dos moradores esparsos dos seus inumeros brejos, na caça dos animais silvestres.

Tocamos de regresso e no dia 30, vimos almoçar em São Marcelo, com 3 dias completos de viagem. Não vimos o Sapão sinão aí, pois a estrada desponha seus afluentes da direita. A tabela das distancias indica o caminhamiento que fizemos. Desolação e miseria foi só o que encontramos nas casas dos poucos moradores das estradas incultas da direita do Sapão. Não há com quem commerciar. O que a terra pode fartamente produzir ou é devorado pelas capivaras, porcos e veados, ou não vale o frete até Formosa.

O Dr. José Marcelino quis esboçar o problema, porém suas providencias foram logo interrompidas pela falta de programas rigidos, representando elas, aos olhos comodistas da maioria de seus auxiliares de governo, mais teimosias pessoais do governador, do que o desenvolvimento de um plano de ação em beneficio das nossas riquezas do interior.

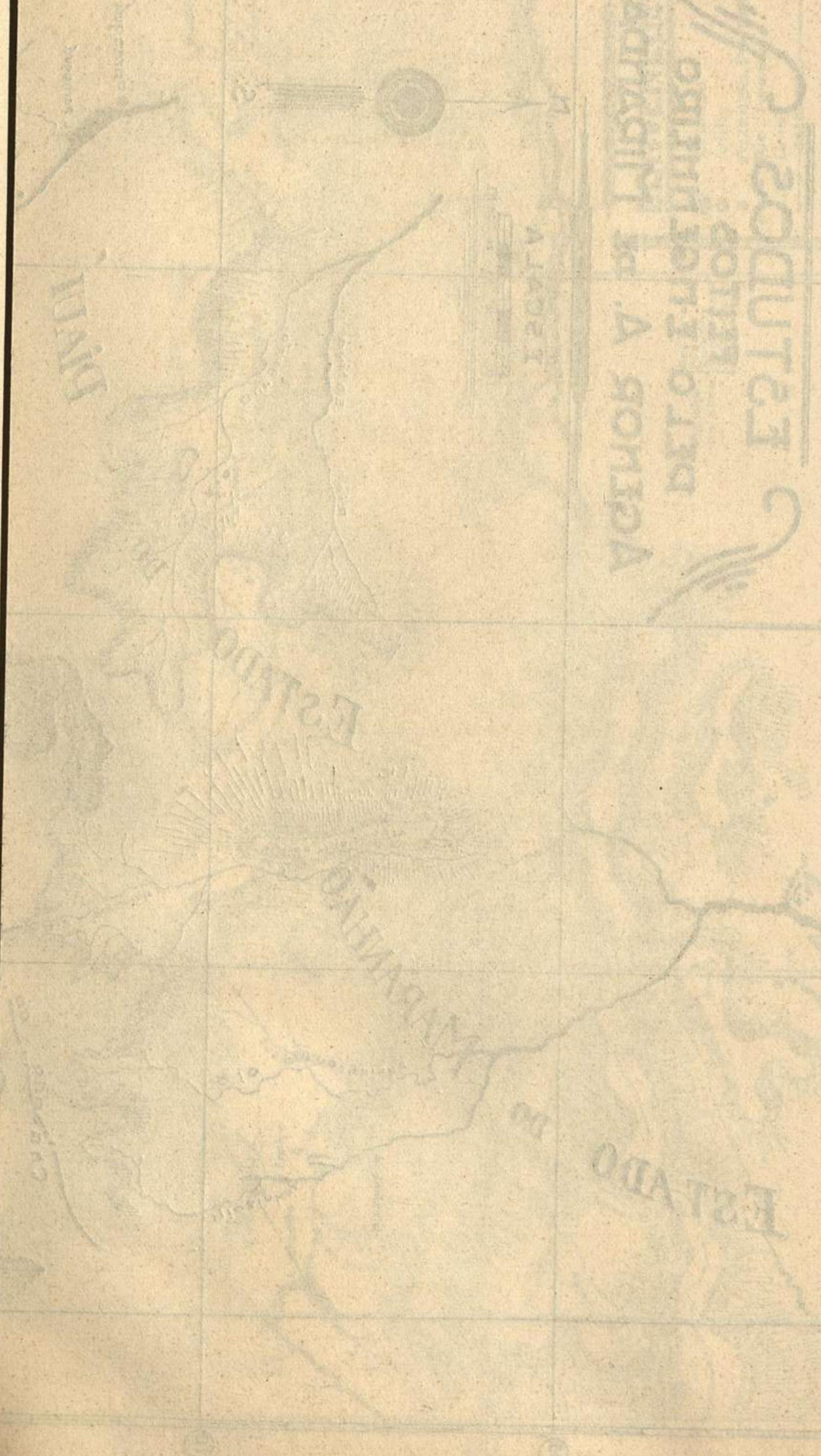
Do abandono do Govêrno resulta que se acentua, cada vez mais, a corrente de emigração do interior para o litoral.

Os pais, com enormes sacrificios, mandam os seus filhos para as academias das nossas capitais, geralmente seduzidos pela maresia das costas, e uma vez formados em Medicina, em Direito ou mesmo em Engenharia, jámais tornam ao sertão. O grande problema brasileiro está em inverter a marcha da corren-



PEDRA DA BALIZA, acidente natural nos gerais da zona do Jalapão, nos limites dos Estados da Bahia e de Goiás, situada a 35 metros a leste da divisória das águas dos ribeirões "Ermiço", que corre para o São João, e "Galhão", que corre para o Rio do Sono. A fotografia acima é a reprodução de um quadro do filme feito no dia 25 de Maio de 1930. Estão, à direita, o Engenheiro Civil Agenor Augusto de Miranda, e, à esquerda, o Dr. Correntino Paranaguá, médico. Considerado como "baliza" dos dois Estados, é o mais belo e original acidente natural do País.

СОЮЗЪ
СОЮЗЪ
СОЮЗЪ
СОЮЗЪ
СОЮЗЪ



КАВКАЗЪ

ESTADO

ESTADO

ESTADO

te que vai provocando o desequilíbrio nacional. Mude o Brasil sua capital para o planalto central; mudem os Estados suas capitais do litoral para o interior (na Baía, o governador Calmon desejou fazê-lo) e teremos, naturalmente, despertado no brasileiro o amor pelo sertão, onde há elementos de vida para a Nação inteira, á espera da intelligencia de seus filhos. Belo Horizonte já é um esbôço do que pode valer o Brasil interior.

Resumo en Esperanto

TRA LA INTERNO DE BRAZIL — STUDIOJ PRI JALAPÃO

La aŭtoro priskribas interesan regionon, malmulte loĝatan kaj malmulte konatan, ĉe la nordo de Brazilo, nome Jalapão.

Ĝi estas regiono, kies limoj tuŝas kvar Ŝtatojn de la Federacio: Baía, Goiaz, Piauí kaj Maranhão. La verkinto prezentas geofizikajn ecojn, apartajn de tiu teritorio, precipe de la vidpunkto de nia potamografio (1); efektive, tie troviĝas, proksimaj unuj de la aliaj, la naskiĝaj lokoj, aŭ la alfluantoj, de tri el niaj grandaj riveroj: Tocantins, Parnaíba kaj São Francisco; li studas ankaŭ la geologion de tiu regiono.

Li priskribas koncize ĝian vegetaĵan kaj la bestan regnon, donas interesajn informojn pri ĝia socia kaj ekonomia vivo kaj rakontas plurajn okazaĵojn dum la ekskurso, kiun li tie faris.

Tiu ĉi estas bonega helpilo por la ekkono kaj studado de la interno de niaj nordaj Ŝtatoj.

(1) potamografio = river-priskribo.

COROGRAFIA DA COSTA DO BRASIL

Contra-Almirante Raul Tavares

(*Da Ilha do Maranhão ao Cabo de São Roque*)

Aspecto geral da costa — Toda a costa Norte do Brasil, com exceção da do Estado do Ceará, é, de ordinário, muito baixa e formada por bancos de areia muito parecidos entre si.

Encontram-se, apenas, entrecortados, de espaço a espaço, algumas pequenas barrancas vermelhas e grupos de mangueiras, situadas, geralmente, na margem Oeste das embocaduras dos rios, e que servem de marcas aos navegantes.

A elevação da costa varia, em termo medio, entre 40 e 80 metros e é visível de 15 a 20 milhas de distancia.

Como todas as costas arenosas, carece de portos. As praias apenas apresentam algumas ondulações incapazes de servir de abrigo seguro.

Em parte alguma forma enseadas ou baías com alguma profundidade e, assim mesmo, raro é existir pontos em que se possa desembarcar sem perigo.

Sòmente quando pequenos recifes se estendem até fora das pontas, é que encontram abrigos formados por angras acessiveis ás embarcações pequenas.

Todas as embocaduras dos rios, geralmente em direção de N. E., estão obstruídas por bancos de areia, que não permitem a entrada senão na preamar e a navios que não calem mais de três a quatro metros. Não obstante, essas barras são perigosas de frequentar, mesmo em navios pequenos, em virtude da direção habitual dos ventos reinantes e do mar grosso que levantam em todas as épocas do ano.

Por outro lado, nota-se que a sondagem diminue continuamente e muitas delas, embora frequentadas, até pelo comercio europeu, como Aracati, não são acessiveis senão a navios costeiros. Quasi todas as embocaduras de rio, apresentam o mesmo aspecto. A margem Oeste está coberta de vegetação e de bosques de mangueiras, enquanto a de Leste está coberta de dunas de areia sem nenhuma vegetação. Explica-se, facilmente, este fato pela marcha das dunas, impelidas continuamente para o Oeste, pelos ventos alísios. Esta marcha segundo os naturaes indigenas, é bastante rapida, e se pode notar por se ver bosques de mangueiras enterrados pela areia,

e cujas ramas superiores, já sêcas, assomam por cima das dunas. Quando em seu movimento para o Oeste, encontram as areias um rio, precipitam nele, e a correntada que as arrasta, as deposita logo ao longo de suas ribeiras, onde formam, a curta distancia, as barras que obstruem os rios ou a muitas milhas para fora, os bancos perigosos, sobre os quais occorrem frequentes naufragios. As ribeiras occidentais dos rios resguardadas, dest'arte, podem cobrir-se de vegetação, enquanto as orientais encontram-se sempre invadidas pelas areias movediças. As dunas de 15 a 20 metros de elevação, têm a forma de meia lua, com a parte convexa em direção a Leste, com pendente suave para essa mesma direção e alcantilados na de Oeste.

Quando a brisa é fresca (quer dizer forte) vê-se no cimo de cada duna uma massa de areia, impelida para o Oeste, como uma ligeira nuvem.

Donde provêm essas areias? Como explicar sua marcha irregular e intermitente, que fazem com que bosques e povoações se vejam subitamente atacadas e enterradas alguns anos debaixo de uma capa de muitos metros de espessura?

Na parte oriental desta costa, no Cabo de São Roque, as dunas não são menos elevadas nem menos numerosas do que na occidental. Parece difficil conhecer as origens dessas areias, e as diversas opiniões emitidas não são sequer aceitaveis. Uns crêem que provêm dos desertos da Africa, levadas pelos ventos e correntes gerais de Leste; outros supõem que descem pelos rios, principalmente, do Jaguaribe, vindas do interior do continente; esta ultima hipotese ainda se pode aceitar. Entre o Ceará e o Cabo de São Roque existem, entretanto, alguns cabos, formados por barrancos ou colinas, que alcançam uma altura de 100 a 120 metros e se fazem visiveis a 20 milhas de distancia; esta parte é menos reta e regular; suas principais pontas são a do Mel, Grossa do Roteiro e Iguape. Não se vê terras altas senão no Estado do Ceará. Na costa do Ceará, a 3 ou 4 leguas das praias, ha um maciço de quatro montanhas visiveis a 18 leguas de distancia, que formam excelentes pontos de reconhecimento para a aterragem. Ao Oeste do Ceará encontram-se, tambem, algumas cadeias de montanhas, porém, estão situadas muito mais para o interior e são pouco uteis á navegação. Ao Oeste do rio Parnaiba, no Estado do Maranhão, não se vê senão uma praia muito baixa, quasi sempre formada por dunas, nem tão pouco montanha alguma elevada no interior. A parte do continente vizinha a esta costa está quasi deserta. Nos Estados do Rio Grande do

Norte, Ceará e Piauí existem vastos terrenos áridos, sem vias d'água e impróprios ao cultivo, os quais se conhecem sob o nome de Sertão. São verdadeiros desertos como os da África. Somente, assim se pode dizer, a costa está habitada, porque a falta de caminhos, estradas de rodagem e muito menos de ferro, não permitem senão as comunicações por mar. E' nossa opinião que, por mais que a União despenda somas enormes no N. E. do Brasil, chamado Sertão, alguns seculos serão necessarios para tornar habitavel por gente civilizada e para tornar util esta enorme parte do continente brasileiro.

Por outro lado, a sêca devora tudo: gado, plantações e gente. E' um flagelo periódico e muitíssimo difícil de evitar, suprimindo as suas fatais consequências. Por todas essas circunstancias e pela falta de portos, as povoações quasi não existem entre o Maranhão e o Cabo de São Roque. No geral, só se encontram na aridez desse trecho de costa, miseraveis ranchos de pescadores, cujas choças só se divisam a duas ou tres milhas de terra. Parecem, a certa distancia, monticulos de pedra no meio de dunas de areia. Elas se estabelecem, de ordinario, em algum ponto guarnecido por arrecifes, com o objetivo de obter um abrigo para atracar as embarcações de pesca. Sempre que o terreno permite, plantam grupos de coqueiros ao redor do povoado. Esta arvore é de grande utilidade; dá sombra e frescura, e por outro lado é alimenticia, sendo a sua agua saborosissima, juntamente produzindo a arvore varios produtos de utilidade aos pescadores. A jangada, embarcação que não emborca e que é muito veleira, tem enorme uso ao sul do Cabo de São Roque, ao passo que ao norte, é pouco conhecida.

PRINCIPAIS PONTOS DE RECONHECIMENTO

Apesar de ser a costa que estudamos, como acabámos de dizer, baixa e uniformemente composta de dunas e de pequenas colinas com arvoredos, existem, em certos trechos, algumas montanhas ou acidentes característicos do terreno, que, juntamente com a sonda, servem para reconhecer com bastante facilidade a posição do navio quando se vem de fora e se navega durante algum tempo á vista da terra.

A 25 ou 30 milhas ao N. do Cabo de São Roque, proximo á ponta Calcanhar, no angulo do continente, existe a colina isolada do Morro Branco, de 54 metros de altura e visivel a 16 milhas. A vista desta pequena montanha e a sonda indicarão, sem duvida, a posição do navio. Entre esta

colina e a ponta do Mel, não se deve aproximar para ver a terra, porque se encontrariam os arrecifes quasi ao mesmo tempo de avista-la.

A barra do rio Jaguaribe é facil de reconhecer estando a 10 ou 15 milhas da costa, por ser muito saliente, e por duas altas dunas conicas, isoladas, quasi da mesma altura, que estão precedidos pelo Sul de duas pequenas colinas com arvoredo, tendo a mesma forma.

Desde o rio Jaguaribe até á ponta Parazinho, isto é, em uma extensão de 50 milhas da costa, tem-se as montanhas do Ceará, precedidas a Leste de algumas pequenas montanhas, situadas a 10 e 15 milhas do mar, tais como os Morros Azul, Cascavel, etc., e seguidos até o Oeste por colinas com arvoredo perto da costa, constituindo marcas muito visiveis. Da ponta Parazinho até a dos Dois Patos, vê-se a serra Uruburetã ou Mandaú, alto maciço de montanhas situado a 25 milhas do mar. Na costa ha a notavel colina do Morro Melancia, visivel a 20 milhas, branca pela parte de Leste e negra pela de Oeste; depois pequenos morros com vegetação, Baleia e Sabiáguaba. No Oeste da ponta dos Dois Patos, vê-se as colinas avermelhadas do Morro do Sargento; a igreja e coqueiro grande de Almofada, destacam-se sobre o céu por cima das colinas, distinguindo-se a 16 ou 17 milhas.

O Cabo Jericoacoara, com as suas duas colinas arredondadas, de 110 metros de elevação, visiveis a 21 milhas, forma igualmente um ponto de reconhecimento notavel; depois as montanhas do Ceará (Fortaleza) são as terras mais altas situadas á beira do mar, entre São Roque e o Amazonas.

Divisam-se algumas pequenas montanhas cônicas no interior, tais como Cotunduba, Carapé e o volumoso cimo de Curral Grande, que é visivel a 56 milhas. Esta montanha, notavel pelo seu tamanho e isolamento, apresenta tres morros grandes arredondados e contiguos, dos quais 2 somente são visiveis ao mesmo tempo e apresentam quasi sempre o aspecto de uma cadeira. E' visivel esta montanha numa extensão de 50 a 55 milhas da costa; quando se aterra pelo seu meridiano, começa-se a vê-la a 30 milhas da praia, isto é, a 10 ou 12 milhas antes de ver a costa. Na parte Oeste de Jericoacoara até o Maranhão, não se encontram senão terras baixas e dunas, que fazem o reconhecimento da costa mais difficil. Entretanto, o delta do Parnaíba forma ainda um ponto bastante notavel, porque apresenta uma frente continua de arvores, de 10 a 18 milhas de longitude, salpicado somente de pequenas dunas, enquanto a Leste e ao Oeste, se vê ao con-

trario, isto é, vê-se uma costa de dunas brancas e a grandes trechos alguns grupos de arborização. A linha de árvores que apresenta o delta do referido rio, é visível a 12 ou 14 milhas de distancia. Ao Oeste do Parnaíba, encontra-se a praia dos Lençóis, muito notavel pela sua aridez completa. As dunas saem da agua, como o pequeno morro do rio Negro, os morros do Veado, e, enfim, a ponta dos Mangues Verdes e o farol da ilha de Sant'Ana, são os ultimos pontos de reconhecimento que se podem citar nesta costa.

Portos e fundeadouros — Como já dissemos, não ha um só pôrto abrigado entre Maranhão e o Cabo de São Roque, porque Ceará (Fortaleza) é uma baía completamente aberta ao Atlantico.

Os navios pequenos de 3 a 4 metros de calado, podem penetrar em alguns rios, tais como Amargoso, Aguamar, Jaguaribe, Acaraú, Amarração ou Iguaraú; mas são pouco frequentados pelo comercio estrangeiro, com exceção do ultimo.

Os trabalhos do navio francês *Lamotte-Piquet* fizeram conhecer nesta costa tão desabrigada um excelente ponto acessível a qualquer hora da maré a navios de 6 e 7 metros de calado, e este ponto é a bacia que forma a embocadura do rio Tutóia. Sua entrada é estreita, porém, o canal é facil de seguir ao longo da praia, encontrando-se no interior, depois de se haver encontrado uma segunda barra, vasta baía de 10 a 12 metros de profundidade e muitas milhas de extensão, onde o mar é sempre inteiramente calmo, e que pode abrigar um numero indefinido de navios.

Profundidade do mar — Encontra-se pouco fundo até muitas milhas para fora da costa em toda sua extensão. Pode-se dizer que em termo medio o fundo aumenta proximamente um metro por milha, até as sondas de 25 a 30 metros. Dai em diante aumenta com rapidez, e perde-se subitamente chegando a 80 e 100 metros, como aliás succede em quasi toda a costa do Brasil. As sondagens efetuadas pelo tenente Lee alcançaram 4.900 metros a 150 milhas ao norte dos recifes de São Roque.

Bancos e recifes — Depois de se haver passado os grandes bancos de coral que rodeiam o Cabo de São Roque, até as pedras de João da Cunha, a 10 milhas ao N. de Roteiro Grande, não ha mais nenhum escolho destacado para fora até os perigosos bancos de areia da costa de Lençóis, perto do Maranhão; somente em dois ou tres pontos, como na ponta Cajú e Acaraú, os bancos de areia da praia estendem-se até

4 ou 5 milhas de terra. Pode-se, pois, navegar com toda segurança á vista de terra em quasi toda a extensão desta costa, mantendo-se a umas 10 milhas em fundos de 12 a 15 metros.

Em geral, todas as pontas e todas as partes um pouco salientes da costa, estão cercadas de recifes de pedra, que não são temiveis para o navegante. A Oeste destas pontas estão, de ordinario, situados os povoados, porque se encontram possibilidades de chegar á praia mais ou menos abrigado do mar por aqueles recifes. Diante das embocaduras dos rios, existem tambem bancos de areia, que se prolongam, ás vezes, muitas milhas para fora.

Os recifes do Cabo de São Roque deixam de ser um perigo para a navegação. Durante o dia, a vista da costa permite sempre evita-los, e á noite a sonda será um guia igualmente seguro. A parte mais perigosa é a de Oeste — a coroa das Lavadeiras, onde encalhou não ha muitos anos o — *Sargento Albuquerque*, sob o comando do então capitão de corveta Radler de Aquino, reputado navegador, porque o mar é muito profundo até bem proximo do seu limite exterior e a sonda chega a ser inutil por indicar a sua aproximação. O banco que se chamou Argenstein não existe no lugar onde era assinalado e sim o de João da Cunha, que estava então mal situado. Este escolho é, igualmente, facil de evitar. Dizia-se, tambem, que perto de Ceará (Fortaleza) existia um escolho perigoso; não é outro senão a Pedra Cachoeira, aliás pequena, situada a meia milha da praia e a 13 milhas ao SE. do farol de Mucuripe, precisamente no seu limite máximo de alcance.

Os bancos realmente perigosos desta costa estão situados em frente ao rio das Preguiças e á praia dos Lençóis, porque se estendem a 7 e 8 milhas de terra; são alcantilados até o mar, e as antigas instruções não os marcavam senão de maneira vaga, recomendando, ao revés, aterrar nestas praias baixas, que se não divisam antes de se estar a 5 ou 6 milhas desses perigos.

O Almirante Roussin com a corveta *Bayadère* passou muito proximo sem encontra-los, o que explica as instruções de então muito pouco prudentes. Estes bancos de areia são isolados e formam com a costa canais de 8 a 10 metros de profundidade, e quasi todos não arrebetam senão na baixa-mar e com ventos frescos; o menor fundo que se encontra é de 2 a 3 metros. Os dois mais afastados da costa são o banco da Cruz e o das Preguiças ou de Emilia. As areias que os formam são da mesma espécie que as das dunas vizinhas

às praias. São o vento e as correntes que as transportam até mar afora.

Os recifes que rodeiam a Ilha de Sant'Ana são formados em grande parte por corais; o mais saliente ao N E. é o banco de César; a vista da ilha ou do farol evitará todo perigo. Os da Coroa Grande, á entrada do Maranhão, são grandes montões de areia de umas 10 milhas de extensão. Não ha muitos anos que se não conhecia com exatidão o limite das arrebenções exteriores, visiveis de fora. Quanto ao escolho de Manoel Luiz, é ele muito perigoso. Na distancia de 80 milhas e na direção de N. 8° E. da ponta Itacolomi se o encontra situado em um mar exposto raras vezes a ventos duros, e por consequencia poucas vezes rompendo, o que se verifica somente na baixa-mar. Consiste de muitos grupos de rochas cônicas á flôr d'água, separadas entre si por intervalos desiguais em distancia e profundidade.

As pedras dêsse recife não têm mais de 1,6 a 1,9 metro em baixa-mar, apesar de se encontrar de 13 a 20 metros junto a elas. O grande perigo está em que se as pode encontrar, subitamente; e então é inevitavel a perda do navio. A situação deste recife, segundo o Almirante Roussin, é em latitude 0° — 51' — 25" S. e longitude 38° — 2' — 24" W.

Outro grupo de pedras, cerca de 40 milhas mais ao Norte e quasi no mesmo meridiano, foi descoberto em 1825 por um official da Marinha Brasileira, M. da Silva, que o situou na Lat = 0° — 32' — 0" S. e Long = 38° — 5' W.

Qualidade do fundo — A qualidade do fundo ao longo desta costa até muitas milhas para fora dela, é quasi uniforme, isto é, areia inteiramente igual á das dunas da costa. E' muito fina, amarela ou branca amarelada, com frequencia salpicada de negro, sem conchas nem detritos de especie alguma. Sob esta capa de areia fina, encontra-se outra mais grossa misturada de lama argilosa pegadiça muito espessa, que fazem logo corpo com as ancoras; algumas vezes se encontram um pouco de lama branda á entrada dos rios. Sobretudo na baía do Maranhão e no meio dos bancos, encontra-se boa tensa para fundear, que dá trabalho para suspender as ancoras quando são movidos os cabrestantes á mão. A 10 ou 12 milhas da costa a areia é menos fina e se encontra misturada de conchas e madreperolas partidas, como tambem o cascalho.

Não se encontram fundos de pedras, salvo nas proximidades das barrancas, raras aliás nesta costa. Os pequenos

recifes que rodeiam geralmente as pontas, são formados de uma mistura endurecida de argila e areia.

Baía de Cuman — No fundo desta baía se acha a povoação de Guimarães e a sua entrada se estreita em virtude de um grande banco que rodeia a costa Norte e a Ilha dos Ovos. O canal passa entre o limite Sul neste banco e os recifes que contornam a costa de Itacolomi. Encontra-se de 15 a 20 metros de fundo na entrada, e os praticos asseguram encontrar-se outro tanto no interior da baía. Como não tem comércio e está defendida por bancos muito extensos, não tem utilidade alguma especial para navios de regulares dimensões. Sobre a costa Norte da entrada desta baía, vê-se terras baixas com arborização, porém, mais para dentro existe uma elevação de terreno bastante acentuada, que pode servir de marcação com a Ilha dos Ovos e o morro de Itacolomi, quando em consequencia de causas imprevistas se ache o navegante sotaventado ao Norte da derrota e muito proximo desta costa perigosa. Este ponto culminante encontra-se a 10 milhas ao N. N W do morro Itacolomi.

Morro Itacolomi. — De dia é o ponto principal de reconhecimento, e é a terra mais elevada desse trecho de costa, pois, tem 82 metros de altitude e aparece no horizonte desde 20 milhas de distancia, como se fosse um ilhote completamente isolado. Quando se o vê sair do horizonte, estando-se no seu paralelo, é sinal de se haver dobrado todos os bancos da Coroa Grande e se deverá guinar a B E. para passar por W. do banco do Meio. Neste morro ha um farol visível a 15 milhas. Ele está no extremo N. da costa de Alcantara, no ponto mais saliente para Oeste, formando a entrada da baía de Cuman. Quando se vem de Leste correndo o paralelo do farol, deve-se governar sobre ele até vê-lo, em cujo momento se estará de 3 a 4 milhas do parcel de Peixada, e se meterá rapidamente para B E. para seguir o grande passo do Maranhão. Se se o marca a Oeste governar-se-á ao S. S W., e se ao W. S W., deve-se governar ao Sul e ás vezes ao S. S E., conforme a hora da maré, afim de dobrar o parcel de Peixada e a Coroa das Almas. Conhece-se, também, quando se está ao alcance do farol pela diminuição do fundo que anuncia a aproximação do banco. Os fundos são de 30 a 20 metros quando se deve avistar o farol e então se estará a 3 ou 4 milhas do parcel.

Morro Alegre — É uma elevação apenas sensível da linha de escarpados vermelhos, porém, notável por ser o mais elevado da costa depois de Itacolomi. Deste último, a costa segue ao S E. e diminui um pouco em elevação, vendo-se algumas dunas alternando com os barrancos.

Ponta Pirarema. — É o final da terra que se divisa, quando aparece sobre o horizonte a costa de Alcantara, vindo-se do N E. ou N. N E.

Na vertente Sul desta ponta e na parte alta do escarpado, ha uma mancha vermelha muito notável e util ás marcações. A ponta Sul do banco do Meio está ao E. 1/4 S E. desta mancha.

Ponta Tatinga — É um dos melhores pontos de marcação desta costa por estar coroado de um pequeno morro, e forma o extremo da terra visível. Há, além disso, uma grande duna branca situada a meia milha ao Norte, na metade da distancia da ponta Raimundo, que pode servir de ponto de reconhecimento. A ponta Raimundo é alta e com escarpados vermelhos; enfiada com a ponta Tatinga é o limite que se não deve ultrapassar ao Oeste por evitar a Coroa das Almas.

Povoação e fundeadouro de Alcântara — A povoação de Alcantara está situada no extremo Sul da costa do mesmo nome, em um angulo que forma a embocadura do rio Aura. A situação da cathedral é: Lat=2°—24'—26" S. e Long = 38° 11' — 29" W., com uma elevação de 56 metros. Ha bom fundeadouro em frente à povoação. Os navios de certo porte podem fundear de 1,5 a 2 milhas da povoação em fundos de 18 a 20 metros, marcando a ponta Tatinga ao N. 1/4 N E., e a ponta Sul da Ilha do Livramento ao W. 5° N. Os navios pequenos podem fundear em 5 a 6 metros d'água a uma milha mais ao N W da costa, deixando meia milha ao Sul um pequeno banco de 2 metros. Este fundeadouro é melhor do que o das redondezas da ponta de São Marcos. A costa de Alcantara ou seja a ocidental da baía do Maranhão, está compreendida entre a ponta Itacolomi e o rio Aura, perto da povoação de Alcantara.

Está formada por barrancos vermelhos de 50 a 55 metros de altura cortados por algumas dunas. Por cima da costa não se vê montanha alguma.

Fundeadouro ao Sul da Ilha do Mêdo — Por trás da

ponta Itaqui e da Ilha do Mêdo, ha um fundeadouro preferivel ao de Duas Alagoas ou ao proximo do banco da Cerca, porque as correntes são menos intensas e o mar muito menos agitado pelos ventos e marés. Oferece, ao mesmo tempo, melhor tensa. Os navios que devam permanecer algum tempo no Maranhão e que seu grande calado impeça entrar no porto ou os que tenham necessidade de reparar avarias, preferem, frequentemente, tomar este fundeadouro.

Entrada do porto de São Luiz do Maranhão — Do sopé do farol de São Marcos até o Sul, a costa é muito baixa. Uma lingua de areia de uma e meia milha de extensão avança ao S W. e forma a Ponta da Areia, entrada do porto do Maranhão, sobre a qual existe ainda o pequeno forte de Santo Antonio. Situação da ponta e forte: Lat = 2° — 30' — 20" S., e Long = 38° — 5' — 30" W. Tôda a praia Norte da entrada está cercada por um banco de pouco mais de meia milha de largura, devendo-se, pois, afastar-se dele uma milha ou pouco mais ao procurar entrar em São Luiz. A costa Sul do passo está formada por bancos de areia, é muito estreito e está orientado ao W. N W — E. S E. Por trás do ângulo Sul do forte da Ponta da Areia está colocado um farol em disposição de ocultar-se, salvo se o marcar ao E. S E., quer dizer, quando se está na direção do canal, metendo-se aí o leme a B E. e tomando o passo com a proa sôbre a luz, deixando assim o forte a 100 metros de distancia, em frente do qual a praia é muito alcantilhada. Para a navegação a vapor, tanto de dia como a noite, a entrada é muito facil.

Morro Alto — E' a primeira terra que se avista na parte W. do Maranhão. Esta colina, situada a 1,5 milha a Leste de São Marcos, tem 56 metros de altitude e é visivel a 17 milhas.

Aparece como um pequeno ilhote cortado por linhas brancas verticais, formadas por dunas sobre um fundo de arvores.

Costa da Ilha do Maranhão — Quando se vem do N E. e se aterra pela parte Oeste da Coroa Grande, a primeira terra da Ilha do Maranhão que surge no horizonte visual, é a linha de árvores que coroa o morro Aracají, visível a 19 milhas. Esta colina de 66 metros de altura, é a mais elevada de toda a baía. E' muito importante reconhecer bem todos os *detalhes* desta costa para poder situar o navio com o auxilio das marcações nas terras visiveis.

Ao chegar-se bem perto dos bancos, quasi no mesmo instante em que aparece o morro Aracají, divisa-se um pouco a E. um grupo de arvores isoladas, quasi da mesma elevação, e depois se vê duas pequenas dunas brancas que formam a ponta N. E. da ilha.

Costas da baía do Maranhão — Todas as costas desta baía têm uma altura media de 50 a 60 metros e são visiveis a 17 ou 18 milhas; apresentam-se em forma de barrancas vermelhas coroadas de vegetação. O contôrno destas terras é bastante regular e mais ou menos em virtude das dunas e das manchas das barrancas, pode-se conhecer a posição do navio e, tambem, pelos cimos bem pouco acentuados que se divisam.

Banco de Itacolomi e Coroa dos Ovos — Estes dois bancos, situados entre E. e E. N. E. do farol de Itacolomi, unidos á costa, estão bem fora da derrota de Maranhão, e por consequencia são pouco perigosos. A Coroa dos Ovos forma uma linha de arrebentação continua que corre até o Norte paralelamente á costa e de 5 a 6 milhas dela.

A parte mais saliente dessas arrebentações está ao N. N. E. 5° E. do farol e a 6 milhas de distância, continuando até o Norte. Quando se vem de Leste e se está no paralelo da parte mais saliente do recife ou seja em 2° — 3' encontram-se fundos de 15 a 20 metros a 8 milhas para fora. Se se navega por um paralelo mais ao Norte, estes fundos não se encontram senão a 4 milhas e diminuem rapidamente até 8 e 6 metros. A respeito de navegação para entrar e sair do pôrto de São Luiz, pode-se considerar a Coroa dos Ovos como o limite N. da baía do Maranhão. O recife de Manuel Luiz não deve ser temido, salvo para os navios que saem do Maranhão com rota á Europa.

Coroa das Almas ou Parcel da Peixada — Este banco, situado a 5 milhas ao N. W. do banco do Meio e a 6 ou 7 milhas da costa de Alcântara, forma a costa W. do canal grande. Em uma só parte é perigoso, a do Sul, onde ha alguns pontos sobre os quais não fica mais de um metro em baixamar. Rompe durante mais da metade do tempo da maré e se conhece sob o nome de Coroa das Almas. Por evitar êste perigo não se deve deixar ocultar a ponta Tatinga com a de Raimundo. O alinhamento de ambas — S. W. 1/4 S — passa a meia milha a Leste dos fundos perigosos. No resto do par-

cel da Peixada, que tem 9 milhas de longitude N. N E. S. S W., os fundos variam entre 7 e 9 metros. Quando se vem de Leste navegando sobre o parcel da Peixada, começam a diminuir os fundos 2 milhas antes de chegar a ele; passam sucessivamente e sem saltos rápidos, de 35 a 10 metros, e a sua qualidade é areia, cascalho, conchas e areia cinzenta salpicada de preto. E', pois, fácil procurar um fundeadouro se as circunstancias não permitirem continuar a derrota. A ponta Norte do parcel da Peixada está a 12 milhas a Leste do farol de Itacolomi, e a Coroa das Almas a 11 milhas ao S E. 1/4 E. Entre este banco e a costa ha um canal de 18 a 20 metros de profundidade, que é pouco conhecido.

Banco da Cerca — Este banco, situado na entrada do porto, tem 3 milhas de longitude em direção N E. — S W. e meia milha de largura; rompe em toda sua extensão na baixa-mar e, neste momento, tem menos de um metro de fundo; a ponta S W. fica ao W. da baía de São Marcos, a 3 milhas de distancia. Neste banco e em suas proximidades encontram-se fundos de pedra ou areia dura e madreperolas.

As correntes são intensas nas proximidades deste banco, chegando a 4 e 5 milhas e ocasionam com o vento mar muito agitado.

Barra de São Marcos — A uma milha ao N E. do farol de São Marcos começa um banco de areia e coral, que tem duas milhas e meia de longitude em direção W. S W — E. N E., e quasi uma milha de largura; rompe em quasi toda a extensão com a baixa-mar. Entre este banco e a costa, há um pequeno canal de 4 a 5 metros. Pequena fração deste banco destacada a uma milha para Leste, chama-se baixo da Perola, e a uma ou duas milhas ao Norte dele se encontra o fundeadouro das Alagoas.

Banco do Meio — A 8 milhas ao W. S W. da ponta W. da Coroa Grande, começa o banco do Meio, que tem 8 milhas de extensão com meia apenas de largura, orientado ao N. N E — S. S W. Seu fundo menor, que é de 4 a 5 metros em baixa-mar, fica, a 10 milhas ao N. 25° — E. do farol de São Marcos; mas, somente aí é que se encontra este fundo, pois, em todas as outras suas partes, o fundo é de 6 a 8 metros.

Entre o banco do Meio, a ponta Leste do Maranhão e a Coroa Grande, existem muitos outros bancos, dos quais

alguns ficam em sêco na baixa-mar: ha fundos de 10 a 20 metros entre eles; porém, um só canal é praticavel, o qual está situado a Leste do banco do Meio; sua entrada Norte está, no entanto, obstruida por fundos de 5 a 8 metros. Esta entrada encontra-se a 13 milhas ao N 27° — E. do morro Acarají. Deste ponto o rumo é S W. 5° — W.

Entre o banco do Meio e a costa de Alcantara ha grandes fundos de 30 a 40 metros ou seja no canal do Maranhão. Pode-se, tambem, considerar este banco como a vertente ocidental do parcel de areia, que forma todos os recifes de que acabamos de falar. A ponta Sul do banco do Meio está situada 7 milhas ao E. 1/4 S E. de uma mancha vermelha muito notavel, no alto da barranca da Ponta Pirarema.

Baía de São José — Ao W. da ilha de Sant'Ana, a costa dirige-se ao W. S W. e forma a vasta baía de São José, limitada ao S W. pela ilha do Maranhão.

Grandes bancos de areia disseminados irregularmente, que deixam entre si canais mais ou menos amplos, ocupam tôda esta baía e se prolongam até fora, a cinco milhas mais ao Norte do paralelo do farol da ilha de Sant'Ana e, tambem, ao Oeste, até algumas milhas da costa de Itacolomi. O limite exterior destes perigos conhece-se pelo nome de Coroa Grande.

A mor parte dêstes bancos está na baixa-mar, á flor d'água; são muito alcantilados pela parte de fora e se encontram com frequencia 20 a 25 metros de fundo a menos de 150 metros das arrebentações. Os mesmos fundos se prolongam até 50 milhas para fora e é quasi impossivel, dest'arte, conhecer a aproximação dos escolhos. A qualidade do fundo é, igualmente, ineficaz para indica-los, porque varia com muita irregularidade. O limite exterior destes perigos, está, geralmente, dentro do alcance de vista das terras e ha apenas um trecho de 2 a 3 milhas da ponta N E. da Coroa Grande que está fora dêsse alcance. A maior parte dos bancos tem a mesma forma e direção; são muito estendidos para o N E. — S W. — e muito estreitos ao N W. — S E. —, em virtude da direção N E. — S W. — das correntes das marés, que abrem canais através dos montões de areia. Disto resulta uma regra bastante certa para passar entre os bancos, e é fazer rumo ao N E. ou S W., desde que se encontre uma profundidade sufficiente para navegar. O canal que parece mais profundo e mais regular é o que se encontra ao Oeste da Ilha de Sant'Ana. As correntes são extremamente rapidas nesses canais e chegam a 4 milhas de velocidade nas grandes marés.

Coroa Grande — A situação da ponta N E. dos bancos é: Lat = $2^{\circ} - 11' - 30''$ e Long = $37^{\circ} - 39' - 25''$ W.

O mais exterior e setentrional, chama-se Coroa Grande. Corre em direção E. N E. — W. S W. e tem um comprimento de 10 a 11 milhas. Do centro deste banco, vêem-se rasantes ao horizonte as terras mais elevadas da Ilha do Maranhão, e da sua ponta oriental distingue-se as arvores copadas da Ilha de Sant'Ana.

Encontra-se, pois, uma extensão de 4 a 5 milhas de escolhos completamente fora do alcance da vista de terra, contrariamente ao que diziam as antigas instruções ou roteiros. Somente dos topos dos mastros e com tempo claro, poderá ver-se a terra ao chegar nesta parte dos escolhos. Os bancos da Coroa Grande rompem quasi sempre, seja em que parte for; entretanto, vindo-se de fora e em tempo calmo, não seria impossivel penetrar nos primeiros baixios sem ver nada, e assim, repentinamente, no reflexo, ser-se surpreendido entre as arrebentações. Por isso se deve navegar, na falta de observação astronomica que permita uma posição segura do navio, com o prumo na mão ao julgar que se está proximo dos baixios. A ponta ocidental da Coroa Grande, está a 10 milhas ao Norte da ponta oriental da Ilha do Maranhão.

Entre aquela Coroa e a Ilha de Sant'Ana existem três ou quatro bancos, orientados todos na direção N. N E. — S. S W. e se encontram muitos canais bastante profundos para demandar a baía de São José. O maior e o mais direto é o mais proximo á Ilha de Sant'Ana. Encontram-se de 18 a 20 metros d'água ao longo da parte exterior do banco da Coroa Grande e uma ou outra sondagem poderá acusar 5 a 6 metros.

Correntes — As correntes são extremamente intensas na baía do Maranhão e até 20 a 30 milhas da costa encontram-se correntes de 3 a 4 milhas de velocidade, nas marés de sizigias. O fluxo atira ao S W., e o refluxo ao N E.

Costa e banco da baía do Maranhão — Rezam as crônicas que, no dia 18 de novembro de 1868 o navio francês — *Trois-Frères* — tendo perdido de vista o farol de Sant'Ana a 15 milhas ao S E., e em rota feita para o Maranhão, com brisa fresca e mar grosso, passou uma hora depois sobre um baixio, onde recebeu grandes golpes de mar que lhe não permitiu sondar. A posição pela estima é a de latitude $2^{\circ} - 7'$ Sul e longitude $37^{\circ} - 36' - 25''$ Oeste, que é a mesma assinalada nas antigas cartas a um banco duvidoso, suprimido

depois nas cartas por assegurar pessoas competentes que tal banco não existia. Este banco se encontraria, pois, na derrota recomendada para ir de Sant'Ana ao Maranhão, e, entretanto, não é conhecido. As grandes correntes desse trecho para navios pequenos e a vela, fazem muito pouco exata a navegação estimada, e se o navio referido não encontrou na realidade a ponta N. E. da Coroa Grande, mas um banco isolado na posição que indica pelas coordenadas, é provável que seja um banco que se passa sobre êle com tempo ordinário sem se aperceber, mas que arrebenta com mar muito grosso.

Quando com rumo ao W. paralelamente á costa, a 15 milhas de distancia, chega-se ao meridiano dos morros do Veado, vê-se sair do horizonte a W., a 12 milhas de distancia, o amontoado de arvores da Ilha de Sant'Ana e no seu extremo esquerdo a torre do farol que se assemelha a um navio de vela proximo de terra. A posição deste farol só poderá servir por evitar o banco da Cruz, e como não é visível senão a 15 milhas e os recifes desse banco se estendem até 10 milhas para Leste, ha duvidas em reconhecê-lo quando o horizonte está nublado. De mais, não se o vê quando se o marca ao S. S. E.; está occulto então pela ponta Norte da ilha e não pode auxiliar a derrota ao longo da Coroa Grande.

A Ilha de Sant'Ana é baixa e coberta de arvoredos; sua ponta setentrional é um pouco mais elevada que as oriental e occidental, com uma ou duas barrancas pequenas. Esta ilha está separada do continente por muitos ilhotes e canais, frequentados por navios da pequena cabotagem.

Recifes de Sant'Ana — O banco Cesar, situado em Lat = 2° — 14' — 45" S. e Long = 37° — 15' — 15" W., a 8 milhas ao N. N. E. do farol, é a ponta mais saliente ao N. E. dos recifes da Ilha de Sant'Ana. Rompem quasi sempre e formam uma cintura de corais, que parte da ponta setentrional da Ilha, terminando na ponta Mangues Secos. Apresentam muitos cortes, sobretudo, na costa de Leste, encontrando-se na parte interior fundos muito irregulares, que variam de 2 a 12 metros.

Se se vem do Norte, acham-se fundos de 25 a 30 metros nos extremos das arrebentações; vindo de Leste, ao longo da costa, diminuem para 18 a 22 metros.

Embocadura do Rio Priá — O passo que parece mais praticavel para penetrar em meio dos recifes que falamos acima, é o que está perto da ponta Mangues Secos e junto

á costa. Os menores fundos desse passo são de 6 metros e depois de passado o passo encontram-se 10 a 12 metros sobre a embocadura do Rio Priá, onde se depara com formosa baía bem abrigada dos ventos e do mar, podendo fundear navios de grande calado; mas é preciso reconhecer antes o passo ou canal com uma embarcação a remos, por ser muito sinuoso. Pode-se fundear fora, a 3 milhas de terra, marcando ao Sul os morros do Veado e a Oeste o farol de Sant'Ana alagado no horizonte, e então se estará em frente do canal que acabamos de indicar, em fundos de 9 a 10 metros de boa tensa. As arrebentações mais proximas ficam a 2 milhas ao Oeste.

Marés — Como são muito intensas as marés no Maranhão, é indispensavel para navios a vela e a vapor de pouca velocidade, calcular as horas em que se verificam, no dia da chegada, com o fim de apreciar os seus efeitos sobre o rumo seguido.

O fluxo atira para o S W. diretamente sobre os bancos e os canais que estes formam; o refluxo para o N E.; sua velocidade é de 2 a 3 milhas proximo aos bancos, e de 1,5 a 2 milhas algumas milhas mais para fora. As derrotas se desviarão em extremo por causa dessas correntes de través, e deve-se retifica-las continuamente, quer pela hora da maré, quer pela sonda e a vista das terras.

A maré no porto do Maranhão se atrasa meia hora em relação a da Ilha de Sant'Ana. A diferença de nivel das águas é em São Luiz de 5,9 a 9 metros nas marés de sizígias, e de 3 a 3 e meio metros nas de quadratura; mas são sempre regulares as marés.

Banco da Cruz — Em frente aos Morros Alegres existe um grupo de bancos de areia de 6 milhas de extensão, dos quais o mais exterior é o citado, chamado tambem de Ville de Bordeaux, sobre o qual encalharam muitos navios. Estes bancos são completamente alcantilados. Neles se encontram 20 metros d'água tocando-lhes pela parte de fora, e, em baixa-mar não lhes ficam senão 2 a 3 metros d'agua; em suas proximidades ha vestigios pronunciados de lama. Eles formam entre si canais irregulares, onde se encontram de 8 a 10 metros d'agua.

Ponta Mangues Secos — E' baixa com arborização e dá começo ao golfo do Maranhão e o arquipelago de ilhotes que ocupa grande extensão. As arrebentações se estendem a

3 milhas da ponta, mas deixam entre si os passos que descrevemos quando falamos da ilha e recifes de Sant'Ana.

Ponta Mangues Verdes — E' arborizada e constitue o extremo occidental das dunas de Lençois Grandes.

Pode-se aproximar de uma a duas milhas com fundos de 8 a 10 metros e ao NE. a 5 milhas encontram-se 20 metros d'água. E' uma posição magnífica para um farol, pois iluminaria não só todos os bancos de Sant'Ana, como também o mais perigoso de todos, o da Cruz.

Morros do Veado — Ao encontrar-se junto do banco da Cruz, divisam-se ao W. S. W. quasi no limite de visão das terras, os morros do Veado, pequenas montanhas com arborização situadas a 5 milhas terra a dentro. São visíveis a 18 milhas de distancia, e como são as unicas montanhas desta costa, se as reconhece facilmente.

Morros Alegres — Disse-se que em meio da praia dos Lençois Grandes existem tres ou quatro colinas designadas com o nome de Morros Alegres, e se reserva comumente como marcas por evitar o banco da Cruz. Apesar disso, porém, os morros citados distinguem-se pouco, pela sua elevação, das dunas da costa. Enquanto êles são vistos a 14 milhas, as dunas são avistadas a 12, diferença tão pequena que pode acarretar confusões e por isto não convém aproximar á terra procurando manter as dunas meio encobertas no horizonte, e á noite não navegar senão em fundos de 30 a 35 metros, tendo cuidado com as correntes intensas de maré que se sofre, sobretudo quando se começa a navegar em fundos pequenos.

Sondas e banco no Rio Negro — Um banco isolado de 5 metros, fundo de areia, está situado a 5 milhas ao N. 1/4 N. E. do Rio Negro; entre este banco e a costa encontram-se fundos de 7 a 9 metros, podendo-se aproximar á praia a uma milha com fundos de 4 a 5 metros. Os fundos de 50 metros estão a 30 e 35 milhas de terra, fundo de areia fina salpicada de preto; os de 30 metros a 15 ou 18 milhas e os de 20 a 10 milhas de terra. O limite de fundos de 10 metros é irregular e varia nesta costa entre 3 e 6 milhas. As arrebenções são muitas ao longo da praia.

Praia de Lençois Grandes e Pequenos — Da ponta dos Mangues Verdes até Preguiças, a praia é formada por mon-

ticulos de areia, completamente pelados e de côr branca, e por isto chamam-se Lençóis.

São visiveis a 10 e 11 milhas e se se aproxima a 6 ou 8 milhas, pode-se distinguir alguns pequenos morretes com mato bravo, que facilitam reconhecer a situação do navio caso haja se aproximado mais da terra do que permite a prudência, porque é preciso considerar que só se navega com segurança quando se não vê a terra completamente. O ponto mais notavel, o unico que não pode deixar duvida, é o pequeno morrete isolado que se encontra na margem esquerda da embocadura do Rio Negro, que é uma duna coberta por um pequeno bosque com o aspecto de colina negra com pendentes escarpados, completamente distinta das dunas brancas arredondadas e com ondulações que formam a costa.

Quando este pequeno morrete sai do horizonte, vê-se-o frequentemente sob a forma de um ilhote ou pedra isolada. Proximo da embocadura do Rio Negro, vê-se tambem o alto de algumas arvores do interior por cima das dunas. A praia de Lençóis Pequenos está compreendida entre Preguiças e o Rio Negro; a de Lençóis Grandes é a que se encontra ao Oeste do aludido rio.

Barra das Preguiças — Como a entrada deste rio está situada em uma volta bastante pronunciada da costa, é muito facil reconhecer, quando se vem de Leste navegando á vista de terra. Existe grande interrupção na linha de arvoredos, ocasionada por uma extensa ponta de areia de 2 milhas que quasi fica sêca na baixa-mar e forma a margem direita da embocadura, sucedendo o contrario na esquerda, donde se derivam alguns pequenos escarpados e um grande grupo de arvores mais elevado, visivel a 13 milhas de distancia. A direção da entrada do rio é N W. — S E.; porém, o passo entre os bancos é de N E. — S W., tendo 2,5 milhas de comprimento.

E' estreito e se bifurca o passo por um banco isolado, como quasi sempre succede em todas as barras desta costa. Encontram-se 5 metros d'agua no passo na época das grandes marés. Antigamente era frequentada e até se construíam embarcações.

Mas, hoje está quasi abandonada. Pode-se fundear fora da embocadura do rio a 3 milhas ao N E., e a uma milha da arrebenção por fundos de 6 a 8 metros de areia, lama e argila com excelente tensa.

Baixio de 7 metros por fora do banco das Preguiças — A 4 milhas ao N E. do banco das Preguiças, quer dizer, acerca de 9 milhas da costa, encontrou-se um baixio de 7 metros de fundo no meio de sondas de 10 a 11 metros. Não se conhece a sua extensão de Leste a Oeste; porém, o fato de se procurar estar longe da costa significa que é preciso navegar com prudencia, quando se procura reconhecê-la.

Banco das Preguiças ou do Emilio — Este banco tem 3 milhas de longitude E — W. e meia milha em direção N — S. E' formado por cabeços de areia, sobre os quais não ha mais de 2 a 3 metros d'agua; rompe em baixa-mar ou quando o mar está agitado. A sonda é muito irregular, tal como em suas proximidades, pois, ha variações de 5 a 10 metros. Entre este banco e a costa existe um canal, onde ha de 7 a 8 metros d'agua; mas ha tambem alguns pequenos fundos de 4 a 5 metros, por onde podem passar sem perigo navios pequenos.

Costa de Preguiças — Reconhecimento e perigo — Se se vem de Leste, a ponta das Preguiças é facil de ser reconhecida por causa da mudança de direção da costa. Mas, se se vem de fora é bem difícil indicar pontos de reconhecimento, pois, são muito uniformes estas costas com as suas dunas e seus grupos de arvores sempre parecidos entre si. Tão somente os praticos ou os que frequentam estes pontos podem reconhecer pela forma particular de uma duna ou de um grupo de arvores, o ponto da costa que se tem a vista.

E' preciso não esquecer que toda a costa compreendida entre Maranhão e as Preguiças é muito baixa, uniforme e rodeada de bancos de areia até 6 a 8 milhas para fora, e seria perigoso reconhecê-la de perto, como recomendavam as antigas instruções. Deve-se, ao revés, manter-se a maior distância possível quando se a quer reconhecer, e mudar de rumo logo que se avistarem os cabeços das dunas saindo do horizonte, porque é muito difícil apreciar exatamente a distancia em que se está de uma praia tão baixa e uma apreciação erronea poderá causar um naufragio perigoso.

A propria sonda não é um guia seguro, porque os bancos são alcantilados, os fundos irregulares e se pode encontrar a mesma profundidade a distâncias muito diferentes da costa. Tambem se não deve esquecer que as correntes têm muita força proximo destas costas e aumentam geralmente á medida que se avança para o Oeste em direção do Maranhão.

Por evitar desastres, outr'ora muito frequentes, hoje não

se aproxima da praia a menos de 10 a 12 milhas de dia claro e á noite não se navega senão em sondas de 30 a 35 metros.

Sondas — Quando se monta a 3 ou 4 milhas as arrebenções situadas á entrada da Tutoia, pode-se aproximar da costa até 2 milhas de distancia em fundos de 5 metros. Os de 10 metros estão a 4 milhas de terra, e os de 15 estão a 10 milhas. Mas, a proporção que se avança para o Oeste, diminuem os fundos, que anunciam a aproximação dos bancos que rodeiam toda a costa até 6 a 8 milhas afora, entre Preguiças e a entrada do Maranhão.

Costa comprehendida entre Preguiças e Tutoia — E' baixa e está formada, alternativamente, por dunas e grupos de arvores; o mais notavel destes ultimos é o Mato de São Cosme, situado a 1 milha no interior: é mais elevado do que a costa e parece de fora uma pequena ilhota preta e achatada, vendo-se algumas embocaduras de riachos.

Barra de Tutoia — E' a sexta e ultima bôca para o Oeste do Rio Parnaíba — Latitude da ponta da entrada = $2^{\circ} - 41' - 55'$ S., Long = $36^{\circ} - 4' - 20''$ W.

A embocadura do Rio Tutóia é o unico porto onde navios de 6 a 7 metros de calado podem penetrar e encontrar bom abrigo em toda a costa Norte do Brasil, entre Pernambuco e Maranhão.

Para aterrar sobre Tutóia vindo de fora, não se tem terra alguma á vista com que se orientar; será, pois, preferivel, se as circunstâncias o permitir, aproximar-se da costa um pouco a Leste para se conhecer Jericoacoara e a Serra de Ibiapaba, e se não se avistar estas terras não ha outra marca senão a linha de terra com arborização que forma o saliente do rio. A citada embocadura mede 5 milhas de largura; a margem, ao contrario, muito mais dunas do que arvoredos e formam baías mais ou menos profundas, esse delta poderá ser facilmente reconhecido.

Tutoia forma o extremo Oeste desta costa arborizada, e a linha de arvores da praia termina rapidamente á entrada do rio. A citada embocadura mede 5 mihas de largura; a margem S W. apparecerá em segundo termo muito mais distante para o Sul. Ao se chegar no meridiano de Tutoia e a algumas milhas de terra, ver-se-á para Leste uma costa com arvores e para Oeste uma praia de dunas muito mais distante. A embocadura deste rio segue para Oeste, com 5 milhas de largura; a margem esquerda é formada por uma costa que corre

em direção E — W —, e a direita por uma ponta de areia que avança para Oeste. Um grande banco que rompe por muitas milhas de extensão, obstrue toda a entrada e rodeia a ponta da margem direita, deixando livre um pequeno canal cuja entrada demanda ao E. N. E. Quando se quer entrar em Tutoia é preciso aproximar-se de terra seguindo os arvoredos, vindo a pegar os fundos de 8 e 9 metros no meridiano da parte Oeste da barra do Carrapato; ver-se-á, então, a praia baixa que segue as arvores até o Oeste, da mesma sorte que as arrebentações que se prolongam para fora desta ponta, as quais rodeiam a de areia da entrada, deixando, como se disse, profundo canal de 6 a 8 metros de fundo e de 0,2 milha de largura entre elas e esta ponta.

Dever-se-á, pois, aproximar-se da praia a 0,1 milha e segui-la na mesma distancia com o prumo na mão, deixando por B. E. a linha das arrebentações. A qualquer hora da maré se não encontram menos de 7 metros neste canal; dobrar-se-á a ponta metendo o leme, sucessivamente, ao S. W. e ao Sul; depois se poderá fundear em 6 a 7 metros d'agua, quando se marcar a ponta ao N. W. a 0,2 milha, e então ficará á mesma distancia um pequeno banco de areia, que se o marcará ao Sul ou S. E., o qual permanece em sêco em baixa-mar. Poder-se-á penetrar, igualmente, muito mais para dentro do rio, rodeando êsse pequeno banco por Oeste, e ir fundear a 3 ou 4 milhas mais distante em fundos de 10 a 12 metros d'agua. Mas, por pouco tempo de estadia, será preferível o primeiro fundeadouro e para isto é preciso passar uma pequena proeminencia que se estende para Oeste deste banco e sobre a qual não ha mais que 5 metros d'agua em baixa-mar. Como o canal é estreito e vindo do mar não é facil encontra-lo, será preferível, se houver dúvida, fundear por fora em fundos de 7 e 8 metros ao Norte do extremo das arvores e a Leste das arrebentações. A baía de Tutoia poderá admitir a qualquer hora da maré, sem a menor dificuldade, e mesmo sem necessidade de pratico, os maiores navios mercantes. Sua extensão é consideravel, e, a 4 ou 5 milhas da embocadura do rio, encontram-se de 8 a 12 metros d'agua. Na pequena barra interior encontra-se num fundo, que é de 5 metros na maré baixa, sendo provavel que a profundidade de 8 a 12 metros se mantenha subindo-se pelos principais braços do rio que desembocam na baía.

Se se desenvolverem as comunicações fluviais com Farnaíba e os diversos braços do rio, este porto, por causa de suas numerosas vantagens, chegará a ser, certamente, o mais

importante de toda a costa Norte do Brasil, compreendendo a do Maranhão.

A sua aterragem é facil, posto que se está em alto mar a 2 milhas apenas da costa e a entrada não oferece dificuldade alguma, porque o canal contorna regularmente a ponta de areia e basta perlonga-la a 0,1 milha de distancia sem preocupações com a hora da maré, pois, sempre se encontram de 6 a 7 metros d'agua, quando menos, no canal, e, depois de se haver dobrado a ponta depara-se com uma baía perfeitamente abrigada e de uma segurança completa.

E' provável que os bancos da entrada de Tutóia mudem com frequencia de forma e de lugar.

Barra do Carrapato ou Carnaúba — Está defendida por arrebentações e bancos de areia até 3 milhas afora. Mas, entre esta barra e a anterior, pode-se chegar até 0,5 milha de terra com fundos de 5 metros.

Barra do Cajú — Está situada no fundo de uma baía de 4 a 5 milhas de extensão, e uma linha continua de arrebentações a cerca em toda sua largura. Até meia milha de distancia se pode chegar com fundos de 5 metros. A parte ocidental apresenta algumas pequenas barrancas.

Barra do Meio — Se a reconhece por dous pequenos monticulos situados em cada lado da entrada.

Barra de Canavieiras — A' segunda boca do rio Parnaíba, está a barra de Canavieiras. Tem mais de uma milha de largura e está completamente fechada por uma linha de arrebentações. A ponta oriental da entrada, chama-se Ponta do Potro.

Os fundos de 10 metros em frente a este rio, estão de 2 a 3 milhas de terra.

Ponta e Pedra do Sal — A 6 milhas ao N W. de Amarração, vê-se uma pequena colina que forma uma ponta, onde começa uma enseada de areia chamada Praia da Fragata, como recordação de um naufragio ocorrido ali. A ponta chama-se do Sal. Um pequeno ilhote de pedra de 50 a 60 metros de diametro, chamado Pedra do Sal, fica a 1,5 milha ao N. N E. da ponta; estas pedras velam de um a dois metros em baixa-mar e se encontram de 8 a 9 metros d'agua ao redor deste recife.

Delta do Rio Parnaíba — Este rio nasce na Serra da Tabatinga, no Estado de Goiaz, e corre por espaço de 170 a 180 leguas. Não tem saltos d'agua e somente alguns trechos com rapida corrente que não impede a navegação. Embarcações miudas podem subir pelo rio até Bolsas, a 140 leguas de sua embocadura. O braço principal pelo qual chega ao Oceano, é o de Leste ou seja o rio Iguaraçu ou Barra Velha. Mas, a 3 ou 4 léguas mais acima de sua embocadura e perto da povoação de Parnaíba, divide-se em muitos braços, formando um grande delta de 9 leguas de largura. Todas as ilhas que nele se encontram são baixas, com arvoredos e cobertas de pastos, onde existem numerosos rebanhos. Os braços intermediarios estão obstruidos por bancos de areia; o de Oeste ou seja o Tutoia, é o unico acessivel a grandes navios. Vista de longe toda a costa deste delta, apresenta-se como uma linha de arvores uniforme, visivel de 12 a 14 milhas, cortada aqui e ali por algumas dunas que anunciam, de ordinario, as embocaduras de rios.

Barra Velha de Iguaraçu ou Amarração — Lat = 2° — 53' — 20" S. — Long = 35° — 26' W. Estabelecimento do porto = 5 h., 15 m.; diferença de nivel das aguas, 4 metros.

A boca oriental do rio Parnaíba, situada a 15 milhas a Oeste do rio Camoropim, e designada com o nome de Barra Velha de Iguaraçu, é acessivel a navios de calado de 5 metros, e é o unico rio desta costa que recebe de quando em quando um navio estrangeiro.

Os navios costeiros de Caiena vão regularmente á Amarração para obter gado. Fundeia-se na embocadura do rio a meia milha ao N E., em fundos de 7 a 8 metros e a meia milha tambem das arrebentações, afim de esperar o momento favoravel da maré. Os navios de calado maior de 3 metros não podem passar a barra senão nas preamar de sizigias.

Um grande banco de areia situado no centro da entrada forma dois canais; um corre em direção N — S — e o outro a de E — W. O primeiro é o mais facil, mais profundo e balizado. Encontram-se nele cinco metros e meio d'agua na preamar; o segundo ou canal do Sul não tem mais de 3 a 4 metros d'agua.

Como os ventos sopram sempre de Leste ou do Norte, é facil a entrada no rio para navios a vela. As mudanças de situação dos bancos de areia, são frequentes e rapidas. As correntes são violentas no canal e puxam de 4 a 5 milhas no

mais forte das marés. Por fora do canal, o refluxo puxa para o Norte.

A capital, Teresina, está situada a 100 léguas mais acima da embocadura do rio.

Ponta das Almas — Está situada 10 milhas ao Oeste do Rio Tapuin, e é o principio de uma grande baía de 10 milhas de extensão com 4 a 5 metros de profundidade, na qual desembocam os rios Timonha ou Chaval, Ubataba e Comorupim. As areias arrastadas por estas vias d'agua, formaram bancos que obstruem completamente esta baía. Os pequenos fundos de 2 ou 3 metros estendem-se até 4 milhas para fora, e antigamente se encontrava um fundeadouro bem abrigado ao Oeste da Ponta das Almas, por fora do Rio Timonha; hoje não se encontram senão 2 a 3 metros de agua no paralelo desta ponta, a 2 milhas ao Oeste. Entre as bocas desses rios as terras são muito baixas e apenas visiveis a 6 e 8 milhas. Os fundos de 10 metros estão a 10 milhas da terra; os de 25 a 20 milhas e os de 35 a 35 milhas da terra.

Banco isolado em pleno mar — Lat = 2° — 45' S., e Long = 34° — 46' — 25" W.

Navegando com vento em popa com brisa fresca, o *Lamotte Piquet*, da Marinha francesa, encontrou um banco de 5 a 6 metros de fundo de areia em meio de sondas de 11 a 14 metros; este banco está proximamente a 8 milhas de terra, e a 10 milhas ao N W. do Rio Camocim. As circunstâncias não permitiram explora-lo; depois dessa prumagem tão curta, a sondagem que era de 11 metros, aumentou a 14 e 16 continuando a navegar para o Oeste.

Barra Tupuim ou dos Remedios — Está a 15 milhas ao Oeste de Camocim e se reconhece por um pequeno monticulo com arvoredos e de forma redonda chamado Frexeiras, visivel a 17 milhas.

O rio Tapuim não tem importancia alguma. Sobre a costa compreendida entre este e o rio Camocim, observam-se algumas arrebentações que se estendem até 2 milhas de terra e são os bancos da baía de Pratiú. Os fundos de 7 a 8 metros se acham a 4 milhas da costa.

Rio e barra de Camocim — Lat = 2° — 53' — 24" S. e Long = 34° — 38' — 49" W. Estabelecimento do pôrto = 5 h., 15 m.

Do fundeadouro de Jericoacoara vê-se a 10 milhas ao

W. S W. uma grande duna branca, visível a 16 milhas de distancia, e a 5 milhas mais longe das pequenas colinas baixas e chatas que formam a ponta Leste da baía de Camocim, visíveis a 13 milhas. Sobre toda a costa de areia que separa Jericoacoara de Camocim, encontram-se 6 metros d'agua a 4 milhas, 10 metros a 8 milhas, 25 a 30 a 30 milhas, fundo de areia misturada com madreperolas, cascalho e conchas. Vê-se pequenas choças de pescadores. O Rio Camocim nasce na Serra de Ibiapaba e tem um curso de cerca de 50 leguas. Desemboca no fundo de uma baía formada de um lado por uma praia com arvores, dirigindo-se para o E. N E., e do lado de Oeste, por uma costa ponteguda e mais alta, que se dirige ao N. N W. Este pequeno golfo está coalhado de bancos de areia.

Existem, tambem, dois medões de pedras situados na parte Leste desta baía, um a 1 milha ao N. N W. e o outro a 2 milhas ao W. N W. da ponta Feijão, os quais rompem com frequencia. Vindo-se de Leste pode-se passar a 3 milhas da ponta Feijão, demandando pelo N. ou N E., o fundeadouro da barra de Camocim. Pode-se deixar cair a ancora em 6 a 7 metros fundo de areia de boa tensa, marcando: a ponta Feijão a E. $1/4$ S E.; a ponta Camocim ao W. S W. 5° Sul, e a bôca do rio ao S. $1/4$ S W. A bóia que indica a entrada do passo ficará a 1 milha ao S W.

A entrada deste rio é, por outro lado, facil de encontrar-se vindo de fora, porque está a 3 ou 4 milhas por dentro do limite visível de Jericoacoara, e ha, além disso, para se orientar, a Serra Mucuripe, o morro Trapiá e o promontorio elevado da Serra de Ibiapaba, que demora ao S W. 5° Sul da barra. O rio Camocim era, antigamente, muito frequentado. Havia grande comercio com a povoação da Granja, situada na margem esquerda a 15 ou 18 milhas mais acima da embocadura. Mas, a boca e o leito deste rio secam cada vez mais e somente pequenas embarcações com 2 metros de calado podem subir até Granja, levando-se a remos e a vela a favor da corrente quatro horas de viagem. Os navios de 4 e meio metros no maximo podem franquear a barra nas grandes marés e ir fundear no pequeno porto de Camocim, onde ha 6 a 8 metros d'agua. A barra rompe quasi sempre e está baliçada, tendo dois bancos; a diferença de nível das águas é de 4,2 a 4,3 metros nas sizigias e 1,5 nas marés de quadratura.

Cabo Jericoacoara — Este cabo é a unica terra alta que se vê entre o Maranhão e o Cabo de São Roque. Apresenta

duas pequenas montanhas penhascosas e arredondadas, situadas na direção E — W —; a menos alta, que é a ocidental, tem 85 metros de altura, tendo a outra 110 metros. São visíveis a 23 milhas de distância, enquanto a costa próxima não é senão a 15 ou 16 milhas. De qualquer parte que se as vê, parecem ilhotes completamente destacados.

A Oeste do cabo, a costa gira para o Sul, por duas ou tres milhas, formando uma baía bastante profunda, onde navios pequenos podem encontrar bom abrigo contra o vento e o mar de Leste. Pode-se fundear em 5 a 6 metros d'agua a 1 milha ao W. S W. da ponta. A sondagem diminue regularmente. O fundo é de areia fina. Desembarca-se com facilidade ao abrigo da ponta, sobretudo, na preamar. Do alto do cabo descortinam-se vastas planicies de areia, que formam quasi toda a zona do territorio proximo ao mar.

Vê-se a seus pés inumeras dunas parecidas a ondas de um mar de areia, que afetam todas a mesma forma, e seguem a mesma direção acompanhando a costa por espaço de 2 milhas.

No meio desta solidão não se distinguem vestigios de gente, salvo algumas miseraveis choupanas de pescadores estabelecidas no meio das lagunas da costa. A baía de Jericoacoara, mais abrigada que a do Ceará, oferece fundeadouro menos ruim que se pode encontrar neste trecho de costa.

Barra Acaraú — Quando se aproxima á terra um pouco a Leste do meridiano da Serra Mucuripe, vê-se sair do horizonte uma costa baixa arborizada e ao chegar 7 milhas da terra em fundos de 6 a 7 metros, distingue-se em meio das árvores as casas da embocadura do rio Acaraú. Os navios pequenos que demandam este rio vem reconhecer a boia fundeada a 2,5 milhas ao Norte da entrada, em fundos de 3 metros ao N. 5° = E. da Serra de Mucuripe.

Tambem se pode encontrar a embocadura do rio por sua situação relativa ao cabo Jericoacoara.

Está exatamente no limite Leste do alcance visual da pequena colina que forma aquele cabo. A boia indica a entrada do canal, marcado por balizas. Os práticos asseguram que se encontram mais de 4 metros d'agua na barra por ocasião da preamar e 6 a 7 no interior do rio próximo à povoação. Como esta costa é pouco funda, não havendo os navios que por ela passam necessidade de deter-se, deverão navegar por fora de modo a não ver senão o copado das árvores, nave-

gando assim a 10 e 12 milhas de terra em fundos de 12 a 14 metros.

Do cabo Jericoacoara a costa corre para Leste e está constituída de dunas de areia e pequenos morros arborizados, dos quais o mais notavel é o — Outeiros Cartelhanos. — Vê-se, tambem, o monte Mucuripe e o morro da ponta Jericoacoara e alguns morretes conicos da Serra de Tiaia. O fundo, porém, é mais consideravel e se pode chegar á costa até 3 milhas dela com sondas de 5 metros, encontrando-se 10 metros a 10 ou 12 milhas da terra.

Serra Mucuripe ou Curral Grande — E' visivel a 56 milhas e tem a elevação de 850 metros. Lat=3°—16'—20" S. e Long. = 34° — 00' — 19" W — Como pontos de reconhecimento desta costa, além dos morros Melancia, Sargento e a Serra de Uruburetama, que se vê por Leste, divisam-se mais para dentro alguns cimos de montanhas. O mais notavel é o morro Curral Grande, que forma o começo oriental da Serra Mucuripe e se apresenta em quasi todas as direções sob a forma de uma cadeira. Como esta montanha está situada umas dez leguas terra a dentro, só se a vê 8 ou 10 milhas antes de se avistar as arvores da costa.

Banco de Acaraú — Em frente de Almofada começam os pequenos fundos, que se afastam cada vez mais da costa e rodeiam a ponta Tapagé, até algumas milhas ao W. da barra Acaraú; os fundos de 3 metros estendem-se a 4 milhas para fora e os de 5 a 6 milhas.

A estes bancos, compostos de areia e lama, designam-se-os com o nome de Coroa de Acaraú. Os fundos de 10 metros estão a 10 milhas de terra e os de 15 a 16 milhas. A costa nas proximidades da ponta Tapagé ou Meruoca, não pode ser vista senão a grandes distancias; aparece como uma linha de árvores bastante regular, composta pela parte Oeste de algumas dunas da praia da Testa Branca, perto da barra do rio Tapagé. O mar quasi nunca é grosso, apesar da pequena profundidade, mas com a brisa fresca e contraria á corrente da maré, é quasi sempre picado.

Morro Sargento — E' uma pequena proeminencia avermelhada pouco notavel, que avança em linha reta á costa.

Almofada — Na barra de Aracati Mirim principia uma costa um pouco elevada e regular em forma de bar-

ranca, visível a 16 e 18 milhas, sobre a qual se vê a igreja de Almofada, com um elevado coqueiro, saindo do horizonte antes que a costa, a qual se vê a 20 milhas.

Ponta dos Patos — E' muito saliente e se reconhece por um alto morro completamente nu, visível a 16 milhas. Perto dela o fundo é escasso, os de 10 metros estendem-se até 10 milhas para fora da costa e os de 4 a 5 a 2 milhas. Por trás desta ponta desemboca o rio Aracati Assú, que é navegável tão somente por embarcações pequenas. Nasce na Serra Verde e tem de curso umas 40 leguas.

Um segundo braço, o Aracati Mirim, desemboca a 9 milhas ao Oeste. Entre o Mirim e o Assú, a costa compõe-se de dunas visíveis a 12 e 14 milhas.

Rio Mandaú — Situação da embocadura: Lat = 3° — 10' — 3" S. e Long = 33° — 10' — 15" W. Estabelecimento do porto — 5 h., 15 m., — diferença de nível das águas — 2,60 metros.

A ponta Mandaú está rodeada de um arrecife que se destaca um pouco da costa para o Oeste, formando uma enseada onde tres ou quatro navios costeiros podem encontrar abrigo, com 3 a 4 metros d'água. O rio Mandaú tem umas 20 leguas de curso e nasce na Serra Uruburetema. Pode-se fundear a uma milha de terra em fundos de 7 a 8 metros; os de 10 metros encontram-se a 2 milhas.

Morro Melancia — E' uma colina propria para reconhecimento desta costa, não só em virtude de sua elevação e isolamento, como também pela particularidade de sua aparência.

Pela parte oriental é por metade *branca* e pela parte ocidental é *escura*. E' visível a 20 milhas e é muito útil para conhecer a posição do navio quando a cadeia de montanhas de Uruburetema está oculta pela bruma ou chuvas.

A ponta oriental destas montanhas está situada ao S. S. W. do morro Melancia.

Ponta Parázinho — E' uma ponta baixa de areia, que se acha na parte oriental da embocadura do rio Curú, que se conhece de fora pelas barrancas com manchas avermelhadas situadas ao Oeste da boca, vendo-se sobre estas barrancas a povoação de Laguinha. Os navios de cabotagem tem ali, igual-

mente, bom fundeadouro, conhecido sob o nome de baía de Curú.

Ponta Curumicuara — Encontra-se ao Norte da povoação deste nome. Está formada por dunas. É a parte mais saliente desta costa e se a reconhece por um pequeno morro cônico e arborizado, situado um pouco para dentro da terra. Esta ponta está rodeada de arrecifes e ao Oeste dela ha uma baía bastante profunda com bom fundeadouro para navios de pequena cabotagem, os quais se amarram em frente de uma pequena povoação, junto á qual desemboca o rio São Gonçalo.

Em todo trecho desta costa, encontram-se de 8 a 10 metros d'agua a uma milha de terra e 20 a 7 ou 8 milhas.

Ponta Pessem — É notavel por causa de um grupo de pequenos morros arborizados que dominam a costa e que se vê do fundeadouro de Ceará como se formasse o extremo da terra visivel para o Oeste. Chamam-se — *Os Irmãos* — e são visiveis a 18 ou 20 milhas de distancia.

A ponta Pessem está prolongada por um pequeno recife de meia milha de extensão; forma um abrigo para pequenas embarcações. A 5 milhas ao Oeste da ponta referida e 2 milhas terra a dentro, há um pequeno morro visível de fora e ao Norte do qual desemboca o rio Pericuara.

Rio Cauípe — Desemboca ao Norte do morro deste nome, em uma parte da costa donde se observa uma depressão bem acentuada das dunas da praia ao N W. de uma pequena barranca. Este rio não é navegavel.

Costa até o Ceará — Está formada por dunas e por pequenas barrancas de 20 a 30 metros de altura. Morros isolados veêm-se de espaço a espaço a uma ou duas leguas de terra. Estes diversos accidentes do terreno marcados na carta e o ver-se as montanhas do Ceará e a Serra Uruburetama para o Oeste, permitem reconhecer sem hesitação o ponto da costa em que se navega. A Barra Velha do Ceará, embocadura do pequeno rio deste nome, está situada no extremo Oeste da baía do Ceará.

Baía do Ceará — Esta baía está completamente aberta de Leste ao Norte e ao N W.

É uma baía má onde se encontra o navio exposto ao vento e ao mar, em uma extensão de 12 a 13 quartas; porém, como não ha nunca temporais nestas paragens senão batéguas

grossas de chuvas sem duração e consistencia, fica-se em perfeita segurança, mesmo no fundeadouro exterior da grande baía, a 2 milhas ao N E. da cidade. Os dois arrecifes da *Velha* e *Meireles* situados nesta baía a 1 milha da costa em frente à cidade, exigem alguma atenção quando se toma o fundeadouro, sobretudo à noite.

Ponta e Farol de Mucuripe — Lat = 3° — 42' — 5" Sul e Long. = 32° — 15' — 30" W. elevação 21 metros.

A ponta Mucuripe, que forma o limite oriental da baía do Ceará, é o extremo da cadeia de colinas ou dunas de 60 a 70 metros de altura, que termina em uma lingua de areia baixa, no extremo da qual se construiu o farol. Está rodeada de arrecifes que não arrebentam. A ponta Mucuripe não avança suficientemente por abrigar o fundeadouro do Ceará, mas forma em sua parte Oeste uma pequena baía bastante profunda, na qual se encontram de 5 a 7 metros d'agua, com bom abrigo dos ventos e do mar de Leste. Não se compreende a causa que pudesse impedir a fundação da cidade de Fortaleza nesta baía, onde hoje se ergue a povoação de Mucuripe, pois seria menos oneroso o seu porto, superior por sem duvida ao atual.

Recifes da baía do Ceará — O mais oriental é o recife do Meireles, situado a 1,7 milha ao W. 1/4 S W. da ponta Mucuripe; está formado por dois manchões de pedra separados por estreito canaleta: rompe na baixa-mar e quando está o mar agitado. O menor fundo é de 2 metros, de coral. Há uma boia branca que o marca.

Banco da Estrela — E' de areia com 3 a 4 metros d'agua, contiguo á costa ao S W. do Meireles e se estende a 0,4 ou 0,5 milha. Para fora: rompe na baixa-mar e sempre que há vento fresco; encontra-se de 6 a 7 metros d'agua no canaleta formado por Meireles e Estrela. O arrecife da *Velha*, é um pequeno parcel de pedras isoladas de 0,12 milha de diametro, situado a milha e meia ao N. 1/4 N E. da cidade, onde se encontram fundos de pedra de 3 metros. Rompe em meia maré e com vento fresco. Este escolho exige precaução na derrota para tomar o fundeadouro por Oeste, quando se chega de noite. A *Coroa Grande*, está situada ao Norte e N W. da cidade e é o mais extenso arrecife. Tem 0,7 milha de comprimento na direção de E. S E — W. N W. paralelamente á costa com 0,2 milha de largura e forma com a praia um

canal de 0,26 milha de largo e 5 a 6 metros de profundidade, que é o que se chama o porto do Ceará. Mas, como somente ha de 3 a 4 metros de profundidade neste arrecife, ele não presta abrigo eficaz e quando a maré está alta e a brisa fresca, parece que se está em alto mar.

Arrecife do Porto — Desembarcadouro — Este arrecife é o prolongamento S E. do anterior, mas com uma interrupção que separa os dois, formando a entrada do porto. O do *Porto*, cortado obliquamente á costa, apresenta algumas linhas de pedras que velam em baixa-mar, formando um canaleta bastante abrigado, onde se construiu o desembarcadouro, que assim mesmo, muitissimas vezes ou quasi sempre torna o desembarque difficil e perigoso.

Marés — A corrente tem pouca força na baía do Ceará. O Estabelecimento do porto é de 5 h.,30 m.; a diferença de nivel das aguas é de 2,3 metros nas marés de sizigias.

Aspectos mais notaveis — Por 78° da ponta e do farol de Mucuripe, na distancia de 8 milhas, vê-se a Barra Velha, a qual é denominada — Rio Ceará — e neste intervalo, surgem: Povoação do Mucuripe, dita do Meireles, Morro da Prainha, Cidade da Fortaleza, Morro do Croatá, Riacho Jacaré-Canga, Morro das Goiabeiras, Praia dos Arpoadores e Barra do Rio Ceará. Todos esses lugares são bastante povoados, com grandes sitios e boas casas. A enseada do Mucuripe que forma especie de meia lua e se prolonga além do de Meireles, é circulada por cabeços de pedra, conhecidos pelos nomes — Pedra do Meireles, da Estrela, Trempe e Pedra Velha, ficando em frente á cidade e Prainha. No canto formado pela ponta Mucuripe está o povoado deste nome, hoje augmentado e que tem progredido muito. A um quarto de legua de Mucuripe, surge o povoado do Meireles, tambem, em progresso e muito pitoresco.

Pelo seu Oeste ha um comoro de areia que domina — Morro da Prainha —, donde principia a freguesia dêste nome, que vai unir-se a cidade de Fortaleza. Pelo Oeste desta cidade e pelo centro avistam-se quatro serras de grande elevação, sendo a primeira — Aratanha ou Pacatuba, a segunda, que é a mais alta — Maranguape — e a terceira — Guaiuba — e a quarta — Juá —, e encostado a esta acha-se o pequeno serrote do Cauipe. O morro do Croatá, que fica á beira-mar para o N W. da cidade da Fortaleza, é coberto

de mato rasteiro, entremeado de comoros de areia, tendo somente de notavel servir de marca para a entrada da barra, formando uma seta no centro e encostado a ele para o N W. acha-se o pequeno riacho do Jacaré-Canga. O morro das Goiabeiras e praias dos Arpoadores são medões de areia que sobrepujam os demais, os quais vão ter ao pontal que forma o rio Ceará.

Pedra Cachoeira — Da ponta Mucuripe, a costa que segue para S. E. corre em linha reta e está formada por medões e colinas de 50 a 80 metros de altura, alguma delas com arborização, podendo-se chegar à praia a uma milha de distância em fundos de 10 metros, exceto no ponto onde existe um escolho de pedras destacado da costa e conhecido pelo nome de Pedra Cachoeira, tendo 2 metros d'água. O centro deste arrecife está situado a 1,2 milha da praia; tem 0,2 ou 0,3 milha de diametro e só rompe na baixa-mar quando ha vento fresco. Do centro deste escolho, marcam-se: o farol de Mucuripe, rasante no horizontê a 9,5 milhas ao N. 40° — W.; o cabo Iguape, a 9,5 milhas ao S E., e a ponta de areia do rio Pacote, a 2 milhas ao W. N W.

Basta, pois, para evitar êste escolho, manter-se por fora da linha que une o cabo Iguape e o farol Mucuripe, ou melhor, manter-se sempre a 2 milhas da costa pelo menos. Entre a praia e o arrecife, ha um canal de 0,6 a 0,7 milha de largura e de 6 metros de fundo; pela parte de fora, junto ao recife, encontram-se 11 a 12 metros de fundo. A 2 milhas ao Oeste da Pedra Cachoeira desemboca o rio Pacote, cuja embocadura se reconhece por uma grande ponta de areia de 40 metros de altura, que forma a ponta S E. O morro Caranta, de 60 metros de altura, e a barra do rio Coco, reconhecem-se pelas pequenas barrancas avermelhadas e são os unicos pontos de marcação.

Costa do Ceará a Aracati — As montanhas do Ceará são vistas á distancia de 56 a 58 milhas, formando um semicirculo em torno da cidade, da qual estão afastadas 12 a 15 milhas.

Sua massa imponente e sua proximidade ao mar, fazem muito facil o reconhecimento da costa quando se vem demandando o fundeadouro do Ceará. Da ponta Mucuripe ao cabo Iguape, a costa é limpa por fora da linha que une ambos os cabos, tendo-se, contudo, certo cuidado com a Pedra Cachoeira.

Cabo Iguape — E' visível a 23 milhas, tendo uma elevação de 120 metros; é uma ponta saliente mais elevada que as terras proximas, e está formada por um morro cuja vertente N E. está semeada de medões muito visíveis quando se vem de Leste e a sua parte superior está coberta de mato. De mais, é facil reconhecer pelo conjunto de terras visíveis quando se chega dentro o raio visual, tais como as montanhas do Ceará e o morro Cascavel, podendo-se aproximar a uma milha em fundos de 7 a 8 metros.

Ao Oeste do cabo forma a costa pequena baía na qual se pode fundear a uma milha de terra em 5 a 6 metros de fundo de areia. Do cabo Iguape até á barra de Aracati, a costa corre em linha reta e é limpa, mas deshabitada; pode-se chegar dela 2,5 a 3 milhas em fundos de 6 a 8 metros; não se encontra ponto algum interessante para marcar, salvo algumas colinas ou medões com arvores de 80 a 100 metros de altura, tais como os morros Sucutinga, Branco, Cajueiros e Aruan.

Seguindo a costa, vêem-se a algumas léguas para o interior o morro Azul e o monte Cascavel; que são duas montanhas conicas e separadas; a ultima, de 180 metros de alto, é um bom ponto de reconhecimento para a aterragem. As correntes que puxam para o N W. são mais fortes neste trecho de costa do que na costa oriental, sem duvida pela sua orientação.

Barra do Aracati ou rio Jaguaribe — Estabelecimento do porto = 5 h.,30 m.; diferença de nivel das aguas = 2,5 metros. A embocadura é muito facil de reconhecer, primeiro pela sua posição saliente e depois pelas duas colinas situadas á margem direita, que são dois medões de areia com arvoredos, ambos quasi da mesma altura, e que saem do horizonte como duas ilhotas vizinhas numa distância de 21 milhas.

Algumas barrancas avermelhadas na margem direita, que terminam na ponta Massaio, a qual é muito notavel pela sua forma singular. E' uma barranca cujo pé foi cavado pelo mar, com a forma de um canhão que sai de uma porta. Fundeia-se na embocadura a uma ou duas milhas a Leste, em fundos de 7 a 8 metros. Este fundeadouro é regular de fevereiro a julho, porém, mau de agosto a dezembro, pela violencia do vento e do mar. A barra não tem senão 3,5 metros d'agua com maré alta; é estreita, sinuosa, de difficil acesso e perigosa. O mar rompe com violencia. A cidade de Aracati,

fundada em 1723, está a 11 milhas para dentro da barra na margem esquerda do rio.

Ponta Grossa ou de Roteiro Grande — Tem uma elevação de 100 metros, e é visível a 21 milhas. Esta ponta, que se designa nas cartas com o nome de Roteiro Grande, conhece-se mais pelo nome de Ponta Grossa. É uma grande baranca cortada a pique, bastante saliente e mais elevada que as terras próximas, sai do horizonte com a forma de uma ilha um pouco achatada quando se vem reconhece-la pelo N E. ou N W., e é bom ponto de reconhecimento. Está rodeada de algumas pedras a flor d'água. Não se deve aproximar deste trecho de costa além de 5 a 6 milhas de distancia, porque grande banco de areia, conhecido pelo nome de Coroa do Cajú, estende-se ao longo de toda ela até 4 ou 5 milhas para fora.

Vêm-se muitos medões com árvores; o mais notável é o morro Tibau, que se reconhece muito bem pela sua côr vermelha viva, sobretudo, quando iluminado pelo Sol.

Baía Roteiro Grande — Diz-se que antigamente havia um bom fundeadouro abrigado pela sua ponta, mas que agora está obstruído. Entretanto, é uma povoação bastante frequentada, e nela se desembarca para ir por terra a Aracati, situada sete leguas ao N W. Pode-se, todavia, fundear em 5 metros a uma milha ao W. N W. da ponta. Não se deverá aproximar além de 5 a 6 milhas neste trecho de costa, quando se vai de ponta grossa á barra de Aracati. A costa do fundo da baía está formada por medões e pequenos comoros arborizados, que servem de bons pontos de marcação. O primeiro destes é um grande medão branco, coroado de pequenos montículos; é visível a 17 milhas e está situado a 7 milhas ao Oeste da ponta grossa.

A 5 milhas mais ao Oeste está o morro Mandioca, medão conico um pouco mais elevado, o qual parece negro pela vegetação que o cobre, e é visível a 20 milhas. A' distancia de duas milhas mais longe vê-se uma segunda colina do mesmo aspecto, no sopé da qual se vê a povoação de Canoa Quebrada, cujas casas se divisam como pequenas manchas pretas sobre o fundo branco dos medões. A 2 milhas ao Oeste de Canoa Quebrada vêem-se as duas colinas que servem de ponto de reconhecimento para a embocadura do rio Jaguaribe ou Aracati.

Morro Dantas — E' o primeiro que se vê terra a dentro ao Oeste do Cabo de São Roque. Quando se aproxima de terra a 8 ou 10 milhas apresenta-se como um cone um pouco achatado e isolado no fundo da baía do rio Mossoró; mas como está muito terra a dentro, é pouco útil á navegação. E' visível ao S W. na frente da costa que se marca nesta direção, e, então aparece sob a forma de um ilhote muito longínquo. E' visível à distância de 38 a 40 milhas.

Rio Mossoró — Este rio serve de limite aos Estados do Ceará e Rio Grande do Norte. Em frente da embocadura se encontram fundos de 10 metros a 10 milhas de terra e os de 5 metros a 5 milhas. Exporta-se sal por este rio.

Ponta da Redonda — Reconhece-se esta ponta por alguns montes de 60 a 70 metros de altura, coroados com 5 a 6 grupos de arvores; pode-se fundear a uma milha dela, sondando-se 7 a 8 metros. O desembarque é facil, voltando-se esta ponta, quando a brisa não é muito fresca. Chama-se ponta Redondinha um pequeno medão branco, situado a 2 milhas ao W 1/4 S W.

Ponta do Mel — E' elevada 95 metros e visível a 20 milhas — Vista do Norte de Leste, não se destaca da costa, mas se a reconhece pelas suas grandes barrancas vermelhas, no sopé das quais se elevam até a metade de sua altura medões de areia branca. Rodeiam-na bancos de areia, sobre os quais não ficam mais de 2 ou 3 metros d'agua e não permitem aproximação maior de 3 a 4 milhas. Um pouco ao Oeste da ponta vêem-se pequena povoação e um grupo de coqueiros.

Recife João da Cunha — (Argenstein) — Lat = 4° — 44' — 30" S. e Long. = 30° — 46' W. A 10 milhas ao N. 5° W., da ponta Redonda existe perigoso arrecife, conhecido pelo nome de João da Cunha, mas que foi mal situado nas cartas, segundo dados do primeiro navio que o encontrou, o bergantim *Argenstein* — E' um banco de pedras sempre cobertas, de 0,2 a 0,3 milha de extensão e sobre os quais não ha mais de 3 a 5 metros d'agua. Pode-se-o considerar como o ultimo grupo para o Oeste dos arrecifes do cabo de São Roque e da Coroa das Lavadeiras, com os quais tem muita semelhança. E' alcantilhado; encontram-se 15 a 17 metros de fundo de areia e pedaços de coral, junto às pedras, rompendo rarissimamente. Do centro do banco marcam-se a ponta do Mel, cuja praia a oculta no horizonte ao S. 25° — E. a 14

milhas, e a ponta Redonda ao S. 6° E. a 10,5 milhas. Para o W. S W., ao Norte do rio Mossoró, vê-se a terra rasante ao horizonte.

Rio Amargoso — Este rio, cuja barra não é profunda, é pouco frequentado. O fundo é curto em frente a este rio; mas, como as sondas diminuem com regularidade, pode-se chegar proximo da costa. Encontram-se 10 metros d'agua a 9 milhas de terra e 5 metros a 5 milhas.

Ponta Tubarão — Desta ponta até Aguamar a costa está formada por praias e rodeada de bancos de areia que se dirigem ao E. S E. Não oferece nada de interessante que indicar nesta costa, que se não divisa até chegar-se a 9 ou 10 milhas de distância; a colina do Mangue Sêco sai d'agua muito antes da costa.

Colina Mangue Sêco — E' visível a 21 milhas e é o melhor ponto de reconhecimento deste trecho de costa, que é a primeira terra elevada que se vê no interior ao Oeste do Cabo de São Roque. E' um macisso arredondado, com pendente em extremo doce e regular.

Costa de Aguamar — Da ponta Tubarão, a costa inflexiona-se para dentro formando golfo em cujo fundo desemboca o rio Aguamar. Este golfo está coalhado de bancos de areia que adquiriram muita extensão desde ha alguns anos. A pequena povoação de Aguamar está situada a 6 milhas mais para dentro da embocadura do rio. Os praticos afirmam encontrar-se 2,5 metros d'agua na baixa-mar e 4,5 metros em preamar na barra deste rio.

Caiçara — Lat = 5°—3' — 15" S. Long = 29° — 51" W. Estabelecimento do pôrto = 5 h. Esta povoação está situada por detrás de uma ponta de areia, ao abrigo da qual se desembarca facilmente a qualquer hora da maré; os arrecifes de fora são a causa do bom mar que se encontra. Há bom fundeadouro em 5 metros d'agua em frente da povoação, na distância de 0,5 a 1 milha ao N W. da ponta. Os arrecifes das Lavadeiras prestam abrigo ao mar grosso de N E.

Tres Irmãos de São Alberto — Estas pontas são tres escarpados formados por pequena barrancas rodeadas de algumas pedras; ao Oeste da terceira está a aldeia de São

Alberto e a 3 milhas mais distante a povoação de Caiçara. Os tres Irmãos de São Alberto formam a parte mais saliente ao Norte de toda esta costa e ao mesmo tempo a mais elevada. As colinas ou medões com arvores, de São Alberto, são visiveis a 15 milhas. Entre os Tres Irmãos e Caiçara, estão mais próximos da costa os recifes Lavadeiras, e o canal é mais estreito, pois, não tem de largura mais de 0,5 milha.

Ilha Décima — Conhece-se com este nome elevado medão muito notável por duas grandes árvores que coroam e é visivel a 14 milhas e muito facil de reconhecer. Nesta praia sempre uniforme e sem sinuosidade apreciavel, encontram-se as localidades seguintes, que não oferecem nada de notavel e não são outra coisa que aldeias de pescadores: Guajurú, Cutia, Boca dos Campos, Uxuquemada, Mendes, Marcos, Barco Quebrado.

Morro Branco ou Cajueiros — Altura 55 metros; visivel 17 ou 18 milhas. Esta pequena colina, apesar de sua pouca elevação, é notavel por ser completamente isolada e assim servir de bom ponto de reconhecimento. Vendo-se-a sair do horizonte, não haverá duvida da posição do navio. Ao Oeste do Morro Branco encontram-se as povoações de Cajueiros, São José e Santo Cristo. Esta ultima acha-se situada ao Oeste de uma ponta que forma pequena baía abrigada por um recife, atrás do qual as pequenas embarcações encontram bom abrigo.

Costa entre as pontas do Tubarão e do Calcanhar — E' baixa e formada por medões com alguns grupos de coqueiros que abrigam nucleos de pescadores, exceto duas pequenas barrancas vivamente vermelhas, como Olhos d'Agua e São José, situadas a algumas milhas ao Oeste de Calcanhar. Apesar da orientação deste trecho de costa o mar é mais grosso com os ventos de S E. do que com os de E. e N E., e por isso é difficil o desembarque em todas as praias.

Arrecifes Lavadeiras e Urcas — E' um dos grupos de recifes de São Roque, e está situado a Oeste da Ponta Calcanhar, entre esta e a do Tubarão. Estes escolhos estendem-se mar afora: estão situados com mais irregularidade e são mais perigosos que os do outro grupo; ocupam uma extensão de 30 milhas E — W — entre as Urcas Cotia e Tubarão, com uma largura de 15 milhas. São muito alcantilados pela parte

de fora; perde-se o fundo a 3 ou 4 milhas dos recifes e a sonda não é de utilidade alguma: a esta circunstância é preciso atribuir o mar grosso que se vê romper continuamente no seu exterior e quasi sempre inevitavel a perda do navio que encalhe neles. Como o seu limite exterior está, tambem, no limite de visão da terra, não se deve contar com as marcações para determinar a situação, pois, a costa aparece sob a forma de comoros muito parecidos, occultos pelo horizonte em tres quartas partes e não oferecem nenhum ponto seguro de reconhecimento.

Urca Cotia — Lat = 4° — 52' — 50'' S.; Long = 29° — 38' W. Está situada a 26 milhas ao N. 50° — W — do Calcanhar; é um conjunto de pedras com 3 a 4 metros d'agua, com 2 milhas de extensão E — W — e uma milha de largura. O mar quasi sempre rompe sobre as pedras. Encontram-se 12 a 14 metros d'agua, fundo de areia e coral solto, ao redor do recife, mas ha tambem pedras soltas sobre as quais não ha senão 8 a 10 metros d'agua. Porção bastante consideravel destas pedras, ha a 2 milhas ao N E., e se pode passar sobre estes baixios sem outro inconveniente senão o de ficar exposto a receber golpes fortes de mar. Pelo través do recife Cotia, a costa é visivel a 13 ou 14 milhas, mas não se a vê vindo-se de fora senão quando se chega a 2 ou 3 milhas do escolho. Entre a ponta Calcanhar e o recife Cotia, ha grande espaço limpo de todo perigo; pode-se navegar por fundos de 12 a 15 metros e chegar a 2 milhas da costa em sondas de 6 a 8 metros d'agua. Entre a costa e a Urca Cotia encontram-se fundos regulares de 10 a 12 metros.

Coroa das Lavadeiras — Este recife, cuja ponta N E. está situada a 3 milhas ao W. S W. do anterior (Cotia) é uma continua linha de rompentes que se dirige ao S W — 1/4 W, em uma extensão de 12 milhas até ao meridiano de Caiçara; é alcantilhado pela parte de fora e se encontram de 12 a 15 metros d'agua a alguns decimos de milha das rompentes. As areias acumuladas pela parte de fora, formaram um banco comprehendido entre estes recifes e a costa, deixando apenas um estreito canal pelo través de São Alberto.

Urca da Conceição — E' um recife de uma a duas milhas de extensão, situado a uma milha a Oeste do anterior, do qual está separado por um canal de 16 metros de profundidade; encontram-se 15 a 20 metros de agua entre estes recifes.

As vagas que se atiram com violencia sobre a Urca da Conceição e a Coroa das Lavadeiras, adquirem às vezes um volume d'agua enorme.

Pedra Sêca e Risco das Bicudas — São pedras soltas que estão ao S W. da Urca da Conceição, sobre as quais rompe o mar com frequencia.

A Pedra Sêca é a primeira a Leste: está isolada á flor d'agua e arrebeta sempre.

Sobre as Bicudas encontram-se de 3 a 4 metros d'agua na baixa-mar.

Urcas Oliveira e Minhoto — São dois bancos isolados que arrebetam constantemente. Estão situados a 10 milhas ao W. N W. da Urca da Conceição, e a 15 milhas ao N. 1/4 N E. da embocadura do rio Aguamar. Êstes dois bancos estão proxivamente no limite de visão da costa e da colina do Mangue Sêco, que demora a 20 milhas ao S W — 1/4 S. Encontram-se 40 metros d'agua a alguns decimos de milha ao Norte dos recifes e 20 metros na mesma distância para o Sul. Um baixio de 10 metros existe a 2 milhas ao Oeste da Urca do Minhoto.

Estas duas arrebetações constantes servem de ponto de reconhecimento quando se demanda o canal de Caiçara pelo Oeste.

Urca Tubarão — Lat = 4° — 52' — 00" S.; Long = 30° — 14' — 00" W — E' um banco de areia e coral com 4 a 5 metros d'agua em baixa-mar; rompe somente nesta hora da maré ou com vento fresco; tem proxivamente uma milha de extensão e se encontram de 15 a 20 metros d'agua em um raio de uma milha ao seu redor.

Limite do parcel de sondas — O limite do parcel de sondas está muito unido á zona exterior dos recifes que se acabam de descrever. Passa a 5 milhas ao Norte de Cotia, 3 da Coroa das Lavadeiras e outros recifes ao Oeste e a esta distancia se perdem os fundos de 70 a 80 metros. Para a aproximação aos arrecifes não se deve contar com o prumo.

Deixamos de lado as derrotas que se podem seguir para navegar no canal de Caiçara e de São Alberto, como as do canal de Leste a Oeste ou de Oeste a Leste, vindo do canal de São Roque ou vindo de fora, porque não é êste o nosso objetivo. Queremos, apenas, dar uma impressão do aspecto

corografico da imensa Costa do Brasil, com os seus accidentes mais notaveis, sob o ponto de vista maritimo.

Ponta do Calcanhar — Lat = 5° — 8' — 30" S.; Long. = 29° — 16' — 00" W. — Esta ponta é uma praia muito baixa e arredondada, que se não pode reconhecer senão de muito perto.

Entre esta ponta e Touro a praia está em linha reta. Encontra-se um pequeno grupo de 5 a 6 coqueiros no sitio chamado Quixaba. Em frente a esta costa, os fundos pequenos de 3 a 4 metros estendem-se até uma milha para fora e formam o banco conhecido sob o nome de Baixo de Quixaba.

Entre a ponta do Calcanhar e os coqueiros de Quixaba, a meia milha da praia e em fundos de 4 metros, ha um parcel de rocha, que está a flor d'água na baixa-mar, sôbre o qual já se perdeu, ha muitos anos um navio brasileiro.

Esta pedra não rompe sempre; dever-se-á ter cuidado com ella e não se aproximar menos de uma milha da ponta quando se passa pelo canal.

Touro — E' uma povoação que se reconhece pela sua linha de coqueiros, a igreja branca e melhor ainda por uma pequena ponta de barrancas negras e pedregosas de 14 metros de elevação, que é muito notavel no meio das praias de areia; chama-se Touro Grande. Uma segunda ponta negra parecida com a anterior, mas menor, está a uma milha ao Sul e se a designa sob o nome de Touro Pequeno ou Tourinho.

O nome da povoação tomado da sua igreja, é o de Nossa Senhora dos Navegantes, e é o ponto habitado mais importante do canal de Caiçara.

Pode-se fundear a uma milha da praia em fundos de 6 a 7 metros de cascalho. Não é facil desembarcar, salvo nas marés altas.

Ponta Gameleira — Está constituida por medões com alguma vegetação e coroada por algumas arvores que permitem reconhecer facilmente a algumas milhas de distancia; está rodeada por um arrecife à flor d'água de 0,1 milha de extensão. Esta ponta, elevada de 30 a 40 metros e situada no centro da linha de escolhos mais perigosos de São Roque, forma a parte quasi mais avançada do continente.

Ponta Pititinga — Esta ponta, chamada tambem Morro de Santa-Cruz, é um maciço de medões completamente des-

nudos. No cimo do mais elevado encontra-se uma arvore frondosa isolada; tem 45 metros de altura e começa a ser visível na distância de 16 milhas; e como sai da água inteiramente isolado algum tempo antes de ver-se os medões que ele domina, os observadores o tomam como um ilhote ou pedra, o que se acentua mais quando se o vê por S E. ou E. S E. Ao Oeste desta ponta, a costa, rodeada por um recife de 0,1 milha de largura, forma uma baía bastante espaçosa, que oferece bom fundeadouro a navios que navegam no canal; deixa-se cair a ancora a 1,5 milha ao N W. 1/4 W. da ponta, em fundos de 5 a 6 metros, cascalho e madreperolas soltas. E' preciso ter cuidado, antes de fundear, de examinar a qualidade do fundo, por evitar os parciais de pedras, que são bastante numerosos em toda a extensão do canal. Uma povoação está ali estabelecida sob um frontão de coqueiros que segue ao longe da praia, desde a vertente ocidental dos medões da ponta Pititinga. Um pequeno riacho desemboca aí. O logar mais comodo para desembarcar se acha a Leste da povoação, imediatamente ao sopé dos grandes comoros e ao abrigo dos arrecifes, é o melhor ponto de desembarque em todo canal.

Da Ponta Gameleira a costa se dirige ao S. S E. até Pititinga e entre elas se encontram as povoações de Garças e Fogo. Em frente da primeira um recife de 0,16 milha de extensão termina mar afora em dois pequenos ilhotes de pedra, chamados Pedras das Garças. Depois vê-se a ponta do Zumbi, perto da qual ha uma pequena barranca avermelhada, chamada Barreiras do Inferno e os dois rios Punaú e Guaxinim. Da Ponta Pititinga ao Cabo de São Roque a costa corre ao S E. e está formada por medões de 20 a 50 metros de altura, salpicados de manchas de vegetação e coroados por altas arvores. Encontram-se, sucessivamente, a aldeia de Santa-Cruz; a povoação de Maracajaú, situada no centro da baía formada pela ponta dos Aneis; a ponta dos Aneis Grandes, baixa e rodeada de recifes e as duas aldeias de Piracabú e Caraúbas, perto de duas pequenas barrancas.

Cabo de São Roque — Lat = 5° — 29' — 15" S. e Long. = 29° — 3' — 52" W. — Elevação 55 metros e invisível a 18 milhas.

Este cabo é uma ponta que não avança muito e é pouco notavel, situada a 25 milhas ao S E. 1/4 S. do lugar onde a costa inflexiona subitamente para o Oeste, e que se designa, ás vezes, indevidamente, sob o nome do citado Cabo: a parte

que mais avança do continente para o N. E., é realmente a praia baixa do Calcanhar. O Cabo de São Roque e a costa que lhe fica proxima, estão formados por pequenas colinas arenosas de 40 a 60 metros de altura, alternam com medões brancos e manchas de vegetação, e não oferecem á aterragem ponto algum de reconhecimento muito caracterizado. Como não ha montanhas terra a dentro, pois, todo este territorio é composto de 71 planuras pedregosas ou desertos de areia, as colinas citadas são as primeiras que saem do horizonte quando se vêem de fora.

Pontos de reconhecimento — O Cabo de São Roque apresenta-se como um pequeno morrete um pouco achatado, com arvores, e tem dois comoros brancos e alguns escarpados avermelhados. A partir do Cabo, as terras do Norte são mais baixas e mais afastada do que as do Sul, circunstância que pode servir para reconhece-lo. De mais, desde que se avançou algumas milhas para dentro do limite visual, sobretudo, se se faz derrota para o Sul, reconhecer-se-á por S. SW. a montanha isolada ou Morro Pinto, visivel a 24 milhas, que se apresenta sob a forma de um cone regular muito achatado e se poderá ver pelo Norte do Cabo a árvore da Ponta Petitinga, que sai da água 16 milhas como uma pedra isolada. Se se o demanda mais ao Norte, no paralelo da ponta Calcanhar, como a costa é um pouco mais baixa, só se o vê na distancia de 16 milhas, que será quando se obtenha sondas de 30 a 35 metros. Neste paralelo, a 26 milhas da costa, a sonda será de 65 a 70 metros. A primeira terra que se vê é a ponta Gameleira, onde termina pequena cadeia de colinas de 45 a 50 metros de elevação, e sobre o cimo de uma delas é facil se conhecer uma mancha branca sobre fundo negro, com a forma proximamente de *V* formada por um comoro, em meio do qual se encontra um grupo de vegetação. Este ponto notavel é tambem o mais elevado da cadeia de colinas da Gameleira, pois, tem 50 metros e é o primeiro que surge do horizonte. Está situado a uma milha ao Oeste da Ponta Gameleira.

Pouco tempo depois de divisar esta ponta, ver-se-á sair do horizonte, um pouco mais ao Sul, um medão completamente desnudo situado proximo da povoação das Garças. Se se continua aproximando de terra, ver-se-á logo ao Norte da Gameleira o Morro Branco, pequena montanha de 56 metros de altura, que é a unica que se acha completamente isolada desta costa e a mais alta e não pode deixar duvida alguma

sobre a situação que se divisa, sendo visível a 18 milhas de distancia.

Fazendo-se rumo ao S W., ver-se-á ainda um ponto muito notavel — a arvore de Pititinga, de que falamos. Com o auxilio destas marcas será facil orientar-se e conhecer a distancia em que se passa dos arrecifes, que não rompem se não na baixa-mar ou com ventos frescos.

Sondas — Ao se aterrar ao Cabo de São Roque encontra-se o limite do parcel de sondas e os fundos de 60 metros a 25 milhas de terra pelo través da Ponta Calcanhar, e a 18 milhas do paralelo de São Roque. Os fundos de 30 metros estão a 15 milhas da costa, em frente a Calcanhar, e a 10 milhas a São Roque, e os de 11 a 12 metros começam quando os escolhos distam uma milha.

A diminuição regular da sondagem á medida que se aproxima da costa, é o unico bom sinal que pode dar a sonda, porque a qualidade do fundo varia com muita irregularidade para que se possa deduzir com segurança a distancia em que se está dos recifes. O prumo traz em geral areia, cascalho e madreperolas soltas em proporções irregulares.

A profundidade d'agua indica de um modo seguro a distancia de terra, e não se deve deixar de sondar quando a noite ou com tempo cerrado se aproxima da costa.

Fundeadouro — Vindo-se do N E., de Leste ou de S E., pode-se aproximar sem temor do Cabo de São Roque até uma milha de distancia e fundear em sondas de 7 a 10 metros, areia, cascalho e madreperolas soltas. A tensa do fundo é boa, mas se está muito sujeito ao mar de fora, e a corrente que segue geralmente a costa, mantém o navio atravessado ás ondas. Quando a brisa é moderada desembarca-se sem muita dificuldade na pequena praia que se encontra ao N W. do cabo e se as brisas são frescas é preciso recorrer ás *jangadas* para comunicar com a terra.

Arrecifes do Cabo de São Roque — Estes arrecifes são menos extensos e formam passos maiores do que afirmam antigas instruções incluindo as do Comandante Vital de Oliveira, da nossa Marinha. A carta levantada por esse distinto e competente official, era, todavia, incorreta para permitir a navegação sem pratico pelo canal de São Roque.

Entre a ponta do Calcanhar e São Roque, os fundos perigosos não se estendem a mais de 4,5 a 5 milhas da costa.

Os arrecifes de São Roque dividem-se em dois grupos: o primeiro está situado entre o Cabo e a ponta do Calcanhar; o segundo está muito mais ao Oeste, em frente das povoações de Cotia e Caiçara. Estes escolhos estão formados por grupos de corais, que existem em fundos de pedras situadas a 5 e 6 metros de profundidade, e na maré baixa muitos destes corais velam. Em seu limite exterior os fundos são alcantilhados e se encontram 8 a 10 metros d'água tocando arrecifes. Quando o vento não é muito fresco pode-se com facilidade atravessar os bancos em bote, por fundos de 2 a 4 metros entre os corais.

Durante a estação dos ventos do Sul, ou seja em junho, julho e agosto, a brisa é muito fresca e o mar grosso ao redor do Cabo de São Roque. Mas, durante o resto do ano e sobretudo quando os ventos sopram de E. S. E. ao N. E., o mar é calmo nos arrecifes do Sul, situados entre São Roque e Calcanhar, enquanto é grosso junto ao segundo grupo de bancos situado mais ao N. W. — até Caiçara. Isto resulta sem duvida da circumstancia de que em frente ao primeiro grupo a profundidade diminue regularmente vindo-se de fora, enquanto pelo través do segundo perdem-se logo os fundos das grandes sondagens ao se afastar algumas milhas das arrebentações. O Tenente Lee encontrou 4.300 metros de fundo a 55 milhas dos recifes. Entre São Roque e Calcanhar, quando a maré está alta e o vento é bonançoso, succede com frequencia que não se vê nenhuma arrebentação sobre os escolhos; porém, se evitará durante o dia por meio da vista e das marcações de terra, e durante a noite com auxilio da sonda, por isso que os fundos diminuem regularmente á medida que se aproxima. Estes bancos estendem-se paralelamente á costa em direção N. N. W. — S. S. E., á distancia de 3,5 a 4 milhas de terra, e se dividem em tres recifes, deixando entre eles passos bem largos. O primeiro, o mais Sul, é o de Maracajauí ou Pititinga, situado pelo través da Ponta Pititinga, com 8 milhas de longitude N. N. W. — S. S. E., e com uma e meia milha de largura.

O arrecife do Fogo, separado do anterior por um passo de 1,5 milha, chamado Passo de Pititinga, tem 6 milhas de comprimento e mais duas de largura; está cortado em frente da povoação de Garças, por um pequeno canal de 3 a 4 metros de profundidade, estreito e sinuoso, praticavel somente por embarcações pequenas. O arrecife Sioba, situado a 9 milhas ao N. E. da Ponta Calcanhar, é o menor dos tres; tem 2,5 milhas de comprimento em direção W. N. W. — E. S. E.,

com meia milha de largura. Um grande banco de 6 a 9 metros de água estende-se do N W — ao S E., por fora do recife Sioba e da ponta Norte do recife Fogo; o centro deste banco está situado precisamente no passo entre estes dois arrecifes. Tem 10 milhas de comprimento e 1 a 1,5 milha de largura.

Entre os recifes Sioba e Fogo ha um passo chamado dos Touros, de 3,5 de comprimento, mas está meio obstruído por tres ou quatro bancos isolados, onde se encontram 4 a 5 metros d'agua.

Profundidades por fora dos bancos — Os muitos naufragios que se mencionam, em parte devido aos conselhos de Maury, seguidos com exagero de cortar muito por Oeste o Equador, obrigaram sondar com minuciosidade as proximidades do arrecife de São Roque, com o fim de fazer possível aos navegantes o reconhecimento de suas cercanias, mediante o emprego do prumo. Fazendo-se proa ao W. S W. ou S W., a diminuição bastante regular das sondas, permite determinar com bastante exatidão a posição do navio e a distancia em que se está da costa, quando se aterra a noite ou com cerção.

Entre o Cabo de São Roque e a Ponta Calcanhar encontram-se, por termo medio, 6 a 8 metros d'agua no limite extremo dos arrecifes; 11 metros a uma milha; 15 a 3 milhas; 20 a 7 milhas e 30 a 10 milhas. Perde-se subitamente o fundo depois dos fundos de 55 a 70 metros, a 18 milhas de terra no paralelo de São Roque e a 25 no paralelo de Calcanhar.

E' preciso considerar que a terra é visível entre 16 e 18 milhas de distancia. A natureza do fundo é bastante variavel, mas muito pouco regular por obter indicações uteis.

Ventos — A direção geral do vento no Cabo de São Roque é a de S E. a Leste. Durante a monção do Sul, em junho, julho e agosto, os ventos sopram de S. S E. e ás vezes com força; o mar é grosso na costa e nos arrecifes e as correntes ao N W, alcançam sua maior velocidade. Na estação oposta, a brisa é moderada, sopra com frequencia de Leste e tambem do E. N E, e o mar é quasi sempre espelhado.

Os arrecifes só rompem na baixa-mar; as correntes são quasi nulas.

Canal de São Roque — A 4 milhas ao N. N E do Cabo deste nome começa a cadeia de recifes que forma o canal de

São Roque. Estes recifes estão divididos em tres grupos principais, formando entre eles e a costa canais muito frequentados pela cabotagem.

Encontra-se mar espelhado, correntes menos intensas e alguns fundeadouros bem abrigados do mar pelos arrecifes. Os bancos de coral do Cabo de São Roque, já bem conhecidos, mas nada explorados industrialmente, como os de Abrolhos, deixam de ser um perigo para a navegação. No canal ha recursos provenientes das povoações de Touro, Garças, Fogo e Pititinga.

Correntes — As correntes gerais proximo á costa do Cabo de São Roque variam conforme as estações; puxam ao N W. com bastante velocidade durante os meses de junho, julho, agosto e setembro, época dos ventos de S E. São fracas e variaveis nas estações opostas, em que os ventos sopram do E. N E. Ao longo da costa, o reflexo leva para o Norte e o fluxo para o Sul.

Notam-se tantas irregularidade nas correntes proximo de terra, como aliás, succede, de ordinario, nos canais, que é difficil dar indicações mais precisas.

Rio de Janeiro, setembro de 1934.

Resumo en Esperanto

PRISKRIBO PRI LA BRAZILA MARBORDO. (DE INSULO MARANHÃO ĜIS PROMONTORO SÃO ROQUE)

Tiu ĉi estas detala priskribo pri grava peco de nia norda marbordo.

La aŭtoro, unu el la plej distingigaj superaj oficiroj de nia mararmeo, — do aŭtoritatulo de nekontestbla valoro — pentras en sia verkaĵo, la vastegan marbordon de Brazilo, kun ĝiaj plej rimarkindaj malregulaĵoj de la vidpunkto de navigacio.

Lia priskribo ne estas simpla nomado de la geografiaj neregulaĵoj, sed klara bildo de tiuj ĉi, kun iliaj perspektivoj, pejzaĝoj kaj karakterizaj punktoj, kio ebligas al la navigaciantoj ilian facilan rekonon.

Krom tio, precizaj indikoj pri la profundeco de punktoj proksimaj al la bordo, akiritaj per ekzakte faritaj sondadoj; la koordinatoj de la plej gravaj lokoj, konsiloj pri la navigacio en kelkaj regionoj, faras ĉi tiun verkon utila kaj alte taksebla ilo ne nur por tiuj, kiuj studas nian geografion, kiel ankaŭ por la navigaciantoj en tiuj regionoj; en ĝi oni trovos korektitaj multajn neperfektaĵojn kaj signitaj multajn mankojn, kiuj estas rimarkeblaj sur maraj kartoj, maraj vojoj kaj instrukciiloj ankoraŭ nun uzataj de nia mararmeo kaj komercaj ŝipkompanioj.

AS NOVAS SUB-DIVISÕES POLITICO-ADMINISTRATIVAS DO BRASIL

Tenente-Coronel Raul Correia Bandeira de Melo

2ª PARTE

CAPITULO I. INTRODUÇÃO

I—A DISSIMETRIA NACIONAL. Não há quem desconheça que um dos grandes males economico-sociais do nosso país reside na disparidade profunda dos seus elementos administrativos. Imensas regiões, deshabitadas e pauperrimas, em competição funcional com outras, povoadas e ricas, tinham que ser vencidas nessa luta desigual e foram relegadas para um obscurantismo doloroso onde tripudiam, num repasto felino, aventureiros afortunados.

Por isso nunca foi possível observar-se o menor sinal de paralelismo de direitos entre as diversas circunscrições nacionais da mesma categoria. Do entrechoque de interesses locais contrariados e da sonegação das garantias e das liberdades constitucionais, nasceram a ambição do mando, a perpetuidade do poder pelas castas absorventes e a proliferação das coligações em beneficio dos corrilhos.

Esses fatores dissolventes da solidariedade nacional, cada vez mais impossibilitam a Nação de entrar na posse de si mesma e de orientar seus destinos radiosos por ideais mais alevantados.

A Republica Nova, é bem verdade, com alguma lerdeza e maior incongruencia, vai acabando com a maioria das arbitrariedades que incompatibilizavam os princípios democráticos com as inclinações populares. Parece que já foram exterminados os inominaveis abusos das famigeradas oligarquias mancomunadas. Mas o cancro da politicagem e a ulcera das praxes inconfessáveis, que já contam raizes de quasi meio seculo de implantações no organismo federativo, só se extirparão depois de merotomias fundamentais. Por conseguinte é indispensavel atuar com energia afim de que eficientemente se recomponha, na dignidade perdida e na grandeza compatível, a aparelhagem governamental,

ha tanto tempo desconcertada pela iniquidade, pela truculencia e por um exagerado presidencialismo.

2 — *Nova divisão territorial.* Conjuntamente com a republicanização dos nossos horríveis costumes políticos e, talvez, como a operação mais decisiva desse *desideratum*, devemos abordar com coragem e resolver, sem pieguices, o estuante problema da divisão territorial do país. Será que não tenhamos um Alexandre ou ainda não se forjou a espada que cortará esse “nó gordio” que estrangula a evolução nacional?

Extinguindo os feudos e os cangaceiros que cnxovalham o regimen e muito deprimem nossa cultura, anulando as preponderancias regionais dispersivas e os conchavos de campanario, que tanto afroixam a coesão federativa, acreditamos que os nossos estadistas e os grandes condutores da brasilidade gloriosa terão cumprido nobremente sua missão na terra.

Um dos erros fatais dos republicos decaídos foi a despreocupação por estes negocios e o desamor que sempre manifestaram pela solidariedade das minorias independentes. Elevados nos vicios parasitarios, apodrecendo bisantinamente nas voluptuosidades das Capuas hodiernas, jámais cogitaram de libertar a Nação das calamidades tremendas. E a Republica Velha, perseverando nos atos culposos, amesquinhada por seus caciques, surda ás protestações das massas sofredoras e cega aos acenos do bom senso, descambou para a voragem dos desatinos até perder-se, destroçada, nas recentes jornadas de 1930.

Consumada a vitoria, cabe, aos dirigentes vencedores, fomentar as iniciativas razoaveis, revigorar as aspirações em potencial nos anseios nacionalistas, assegurar o exercício, em tôdas as direções, do direito e da liberdade do povo e, por fim, preparar uma atmosfera de ordem e progresso, dentro da qual gravitem os destinos do Brasil obedecendo ás atrações solares do Estatuto Constitucional.

Uma obra prima de tamanha magnitude só será fundida nos moldes da paz e da justiça e em ambiente de calorosa confraternização. Torna-se preciso o concurso patriótico de todos os expoentes da civilização nacional realmente emancipados dos preconceitos e sem os laivos personalistas de vaidades transitorias.

Não havendo ensanchas para o florescimento do regionalismo e para o surto do nepotismo, a igualdade individual e o poder de agir livremente em face da lei e perante os onus e os munus sociais, poderá ser uma realidade palpavel, respeitados,

todavia, os imperiosos estagios condicionais e as graduações da capacidade.

3 — *As tentativas revisionistas.* A remodelação administrativa do Brasil, no sentido da melhor repartição territorial conjugada com o justo predominio da soberania nacional, é um problema anoso. A possibilidade dessa revisão, dentro de um prazo relativamente curto, tem sido encarada por varios prismas e continua objeto de meditação de intellectuais estudiosos e de politicos cheios de entusiasmo.

Inumeros patriotas solveram o problema a seu modo, materializando suas idéias nos paineis magnificos de planos e cartas geograficas que honram nossa cultura e são verdadeiros lampejos de antevisão do nosso destino de povo livre.

Tudo, entretanto, vai-se perdendo com a vertigem do esquecimento que contamina as intenções sem persistencia ou ainda não amadurecidas. Por outro lado, a falta de constancia e a dubiedade na insistencia em combater os bons combates, consomem a firmeza das convicções e daí o estado de estagnação em que permanece a questão. Fruto serodio da imaginação fulgurante de sectaristas ou fruto temporão do idealismo filosofico de faciosos, tais tem sido a maioria das tentativas que não lograram sazonar apaixonando a opinião publica. Carecemos da lição alienigena sem esquecermos que estamos no Brasil.

4 — *Frutos da perseverança.* A orientação revisionista até agora seguida quasi sempre, não se compadece com a apatia nacional. Tornam-se necessarios o fremito e a viveza de uma propaganda capaz de aproveitar o “momento historico” que estamos vivendo, captando a adesão geral. Resta, porém, saber-se qual “o processo” a empregar na campanha ingente e urgente para que ela frutifique perfumando o ambiente onde ainda medram a obstinação e o apego á tradição.

Os fastos da monarquia brasileira consignam iniciativas que, no genero e na época, devemos reputá-las como importantissimas. Desde o advento da primeira constituição que se procuram novos moldes para a distribuição territorial do país. Em pleno fastigio imperial o deputado Cruz Machado, depois Barão do Serro Frio, apresentou ás Camaras, em 1873, um projeto que mereceu calorosa aprovação e foi mandado litografar pelo Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, então Ministro do Imperio. O projeto seguiu seus tramites regimentais, atacado por tenaz opposição e defendido por alguns entusiastas

valerosos, até acuar em um canto, que coincidiu, justamente, com a queda do Gabinete, com o aparecimento de nova política e com a indiferença subsequente. Cogitava o representante mineiro, Cruz Machado, da subdivisão das grandes províncias, principalmente as centrais, de cujos flancos deveriam sair as novas províncias de Januaria, Sapucaí, São Francisco. Santa Cruz e Entre-Rios.

Os documentos estratificados nos arquivos publicos e nos demais repositórios onde se guardam os verdadeiros monumentos do pensamento nacional e as achegas da historia patria, mostram a evolução e as vicissitudes do ideal revisionista. Falta-nos tempo para excavar este filão minacíssimo e extrair as preciosidades da sua mineração dedutiva.

Na vigencia republicana o surto tem sido igualmente abundante e, por ser amis recente, está na memória de todos. Contudo devemos aqui destacar o brilhante trabalho do insigne mestre Dr. Everardo Backheuser, colaborador notavel da campanha seccionista radical.

5 — *Iniciativa animadora.* Tivemos a honra de fazer parte da comissão que a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro instituiu para estudar uma melhor compartição territorial do país e a localização da futura Capital Federal. Então submetemos á consideração dos eminentes confrades um ensaio da nossa autoria. Filha de acurada reflexão, limitou-se esta contribuição, como era natural, ao desdobramento dos atuais Estados da Federação em Unidades Federais de três categorias, obedientes a um criterio rigorosamente formulado.

Agora, iremos tratar da composição dessas Unidades, constituindo-lhes a trama dos seus elementos segundo um escalonamento racional e pratico. Mas, como já mostrámos, os apontamentos que neste comenos vamos lançar aos azares da critica conscienciosa e educativa não tem o sabor da novidade. Tão pouco se revestem das alucinações da fantasia, porque são os reclamos generalizados de sentimentos patrióticos, estampando uma mentalidade que solicita o pronunciamento do "consensus omnium".

CAPITULO II. A EQUAÇÃO DO PROBLEMA

6 — *Inferencias indutivas.* E' realmente um problema complexo a subdivisão territorial de um país, como o nosso, bem fadado, senhor da sua independência e seguro da sua rota ascencional.

O Brasil marchará impavidamente para o Futuro desfraldando a bandeira da Liberdade e entoando hinos á Justiça. Sua articulação administrativa tem que estribar-se na cultura coeva, nos ensinamentos da historia e nas conclusões da enciclopedia, sem, todavia, cingir-se cegamente aos seus ditames. A adaptação da legislação universal, o emprego das praticas consuetudinarias e a escolha de algumas medidas imprevistas ou do acaso, mas decorrentes da evolução do nosso povo, argamassam o colosso brasileiro, cujo avanço formidavel para a gloria já se percebe no aumento das riquezas nacionais e, sobretudo, na estabilização progressiva e avassaladora da "sã política, filha da moral e da razão", segundo apostolou o venerando Patriarca.

As duras lições dos desgovernos, as crises economicas e a multiplicidade de direitos e deveres a manter e respeitar, são preocupações governamentais valiosas e que muito influem e tudo consolidam nas organizações politicas, nos preceitos federativos e na indole nacional.

Tenhamos bem em mente que neste país sublime se desconhecem os odios de raça, os conflitos religiosos e as lutas das castas.

O indiscutivel espirito de brasilidade dá ao "leader" sul-americano atributos de indivisibilidade. Portanto, uma repartição duradoura deve separar, do todo, as partes inteiriças minimas segundo a complicação decrescente do valor intrinseco das atribuições politicas e consoante a simplificação cada vez maior dos órgãos representativos da autoridade.

7 — *Sequencias da dedução.* A Historia nos ensina que, em épocas que já se perderam na noite dos tempos idos, as familias, ao nascer, associaram-se por conveniencias mutuas e inauguraram a primeira tribu ou o clan bíblico. Esta molécula politica, coeva dos nossos antepassados das cavernas e da pedra lascada, vingou proliferando a esmo, através de todas as idades, até chegar ao conglomerado fetichista dos governos primitivos. Eversões subsequentes e indefinidas foram, aos poucos, pulverizando o respeito ou o temor pelas decantadas "revelações" dos iluminados e pelos "direitos divinos" dos monarcas. O geodo que vestia o poder da força e das abusões foi sendo carcomido pelo germen da liberdade, que nascia fragil e coloidal. A metafisica das crises maximas que vem assinalando as eras humanas, a despeito das suas vacilações, pôs a nu o amago amorfo da ganga politica e acabou cristalizando-a na arte de conduzir os povos. Agora, esta arte, ao influxo vito-

rioso das aspirações revolucionarias que eletrizam a vida contemporanea, melhora a sociedade, lapidada penosamente pela ideologia e moraliza, aos poucos, os regimens governamentais, com os padrões em voga. Mas, ainda muito longe está da perfeição ou da semecracia concebida pelos propugnadores da fórmula: "sem Deus nem Rei".

8 — *Caos taxeonômico*. A clareza dos métodos expositivos dos assuntos de taxinomia geral vai-nos permitir discretar sobre o esgalhamento da arvore administrativa nacional, salientando as ligações de interdependencia e os raios de ação eficiente deles.

Desejamos tambem, para facilitar a compreensão, frisar a vantagem da uniformidade e do emprego exclusivo de termos proprios para cada coisa, afim de que a simples enumeração traga loco ao espirito, e sem suscitar duvidas, uma constante e determinada locação. Urge opôr-se um paradeiro á confusão reinante e que tanto prejuizo acarreta aos interesse coletivos.

O Governo, mediante comissões de capacidade reconhecida, cuidará de modificar a nomenclatura corografica de modo a evitar, dentro do razoavel, que uma mesma denominação sirva para inumeros accidentes geofisicos do nosso solo.

9 — *A toponomia nacional*. Nada aconselha nem justifica semelhante pobreza inventiva, quando, a tudo, se deve dar uma apelação privativa, ressalvadas as impossibilidades manifestas. Essa reiteração antipatica, sobre ser nociva, não tem cabimento em face da nossa terminologia indigena, que é fonte etimologica bastante agradavel ao sentimentalismo brasileiro. Precisamos criar a toponomia nacional sob bases racionais e práticas. Esta criação é tão necessaria e imperiosa como o recenseamento e o registo gratuito e compulsorio de todos os habitantes do país.

Numa resenha ligeira é possivel reconhecer-se que os nomes de santos, de algumas cerimonias do ritual catolico, de certos sinais interjetivos e onomatopaicos, de qualificações sentimentais e até de palavras exoticas, são repetidos, reproduzidos, renovados e multiplicados por milhares de vezes em todos os Estados. Na coro-topografia do país podem ser contados mais de cinco mil vezes os nomes de São João, Santo Antonio e alguns outros, igualmente milagrosos; assim como os vocabulos Bonfim, Bonjardim, Bom Jesus, Boa Viagem, Bela Vista, etc., etc., sem faiar em Rosario, Conceição, Madre Deus, Sacramento, etc., etc. O dicionario geografico de Moreira Pinto regista perto

de 400 vezes o nome Barra só ou seguido de qualquer coisa, exemplo este citado ao acaso.

10 — *Artificio necessario*. Como meio para alcançar o nosso objetivo e após laboriosa ponderação encontramos um artifício com capacidade para generalizar ou particularizar ora a classificação, ora a distribuição, quer dos elementos politico-administrativos, quer dos conjugados deles resultantes. Procuraremos, com esse artifício, generalizar as teorias orientadoras do nosso trabalho, optando por um expediente que as coordena em consistencia e em *subtractum*. O artifício que elegemos está condensado nas vantagens da ordem ternaria, cujo emprego será o lema fundamental das subdivisões capitais ou homologas que vamos esboçar sumariamente. Desta forma ficaremos abroquelados nas simpatias do numero tres, que tanto simboliza a Santissima Trindade Cristã como relembra as triades de muitas das religiões da humanidade, desde as seitas mais grosseiras até os cultos ditos revelados e as confissões filosoficas. E' invencivel a tendencia hereditaria para a imitação ou reprodução dos fatos historicos e dos pendores mentais dos nossos antepassados. Além disso, a predileção pelo numero tres é uma virtude menos moral e scientifica do que iterativa e pratica. E, sem nos alongarmos na exemplificação, aludiremos aos prestimos magicos do numero 3 desde os remotos tempos da alquimia, que girava em torno das combinações ternarias dos quatro elementos ar, fogo, agua e terra, até os nossos dias repletos de surpresas e contingências dos triângulos cabalísticos e das trípodas fantasticas do signo-saimão e da cruz gamada.

A imaginação popular está cheia de monstros tricúspides; a historia militar menciona as façanhas dos triarios romanos imunizados pela triaga e invenciveis com o triglifo, e Dante, para sublimar o sofrimento humano, para impressionar as criaturas pecaminosas, tudo isto poetizou na sua trilogia imortal.

11 — *Mea culpa*. E' de bom aviso presumir-se o valor respeitavel da opposição e do protesto que varias correntes conservadoras e, talvez, certas agremiações partidarias, farão contra as inovações que apresentamos, sob o pretexto de inoportunas, inverossímeis e inexequíveis.

Sendo a inercia uma propriedade das fraquezas humanas e rudemente vencivel pelo estado geral das nossas volições, ha, tambem, que contar-se com as resistencias antepostas aos movimentos que visam alterar as posições relativas do espirito estacionario e da constancia do *statu-quo*.

E' claro que, se a Nação, por intermedio dos seus autorizados e lédimos representantes, rejeitar qualquer modificação na sua tectonica administrativa, o atualismo continuará impavido e acatado e tudo se conservará segundo a finalidade da sua vontade inapelavel. Mas, se a bulha vier desacompanhada da sanção nacional, se a gritaria estiver em desacordo com as elites sociais, convocadas em plebiscitos de qualquer modalidade, se, finalmente, o debate só refletir o choque de interesses ou pendores particulares e locais, o Governo, manejando os recursos compulsórios, executará todas as reformas, calma e suasóriamente, dentro de um vasto programma de iniciativas e realizações patrióticas.

CAPITULO III

AS SUB-UNIDADES FEDERAIS

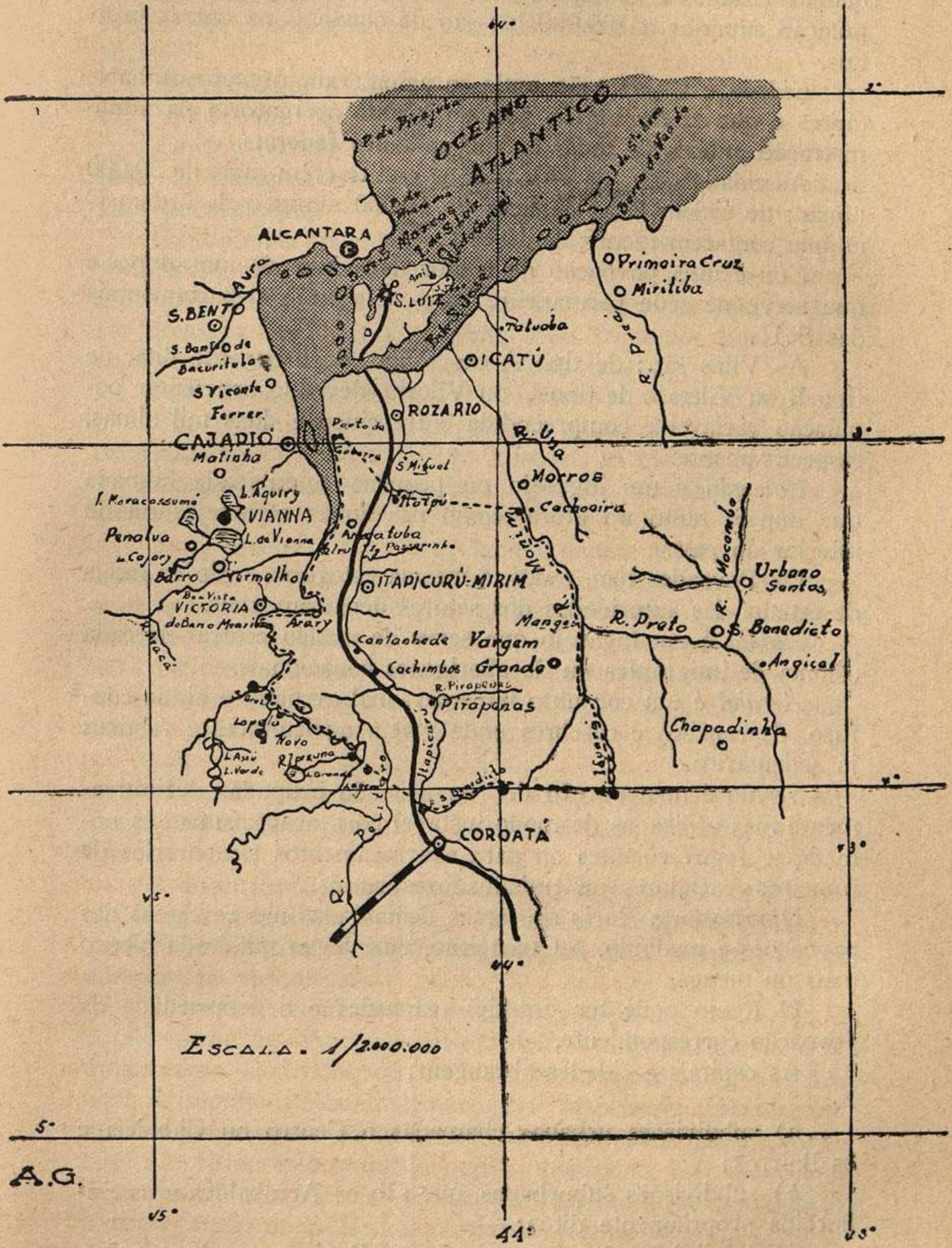
12 — *Noções preliminares.* Um dos beneficios da classificação sistemática consiste na "estandardização" dos rudimentos organicos da coisa a classificar. Assim ha toda vantagem em delinear-se uma nomenclatura perduravel das aglomerações humanas, quer consideradas isoladamente, quer levando-se em conta os predicados funcionais privativos que lhe couberem no trovejamento administrativo. O valor das convenções deste quilate é tão importante quanto a comodidade, a despeito de um maior esforço de memoria, como a exclusividade de um nome proprio para cada acidente geo-fisico do país, acabando de vez com as repetições desnecessarias e as adulterações insuportaveis.

Como dissemos, muitos lugares abusam do nome da mesma santidade, alguns têm apelidos exquisitos e outros são termos rebarbativos.

Isto posto e cingindo-se ao que já se aceita nos meios didaticos, vamos ensaiar uma denominação coordenada capaz de substantivar imutavelmente as posições topograficas onde gente civilizada se aconchega debaixo do sol da nossa pátria.

Capital é a cidade privilegiada, que serve de residencia fixa do Governo Federal e dos governos das diferentes U. F. ou, como doutrina o Codigo Civil, o domicilio legal das principais pessoas juridicas no direito publico interno.

Quanto á grandeza das suas populações e á influencia *sui-generis* que exercem no ambito das U. F., as capitais podem ser qualificadas em tres classes: são de classe A as Metropoles, isto é, as que contiverem mais de 500.000 habitantes (Rio de Janeiro e São Paulo sómente); são de classe B as capitais dos



ESCALA. 1/2.000.000

A.G.

demais Estados e as capitais das outras U. F. que tiverem população superior a 100.000 h.; são de classe C as outras capitais.

Cidade é a povoação onde se aglomeram numerosos habitantes e que se destina ao estacionamento obrigatório da administração pública de todas as sub-unidades federais.

As cidades são: de ordem A as que tiverem mais de 50.000 almas; de ordem B as de mais de 10.000 almas e de ordem C as que contarem menos de 10.000.

Vila é uma povoação de menor densidade de moradores e que serve de sede permanente para as gestões departamentais das S.U.

As Vilas são: de tipo A ou Vila propriamente dita, de tipo B ou Vileta e de tipo C ou Vilorio, devendo apresentar população variável e compreendida entre cinco e duas mil almas, respectivamente.

Povoado é um lugarejo ou pequena coletividade humana que impera tanto no litoral como nas zonas sertanejas ou do interior do país.

Os Povoados têm, todos, a mesma categoria e são os locais de estadia das autoridades dos setores departamentais.

Aldeia é um lugarejo que serve de núcleo central de cada colônia de imigrantes ou de aborígenes conacionais.

Arraial é um conjunto irregular, mal arruado e ainda confuso, de ranchos e casebres onde vivem agricultores e rústicos já sedentários.

Sertão é uma porção de terras não ocupadas definitivamente mas utilizadas de modo instável para acantonamentos nômades e fogos volantes ou para abarracamentos temporários deromeiros caçadores ou trabalhadores rurais.

Quarteirão e *Rocio* são áreas demarcadas nas cercanias das povoações e medindo, o Quarteirão, uma legua quadrada, pouco mais ou menos.

O Rocio pode ter grandes extensões e é propriedade da povoação correspondente.

As capitais e cidades abrangem:

a) subdivisões urbanas chamadas o Centro ou Cidadela e os Bairros;

b) subdivisões suburbanas, que são os Arrabaldes e os Subúrbios propriamente ditos;

c) subdivisões rurais que são o Rocio e os Quarteirões, compartilhados em Quadras, que se separam por vias ou logradouros públicos.

As vilas compreendem: o núcleo ou Matriz no perímetro urbano, os Arredores na parte suburbana e o Rocio na zona rural.

Os povoados e aldeias apresentam somente a parte central ou Campanario e as Redondezas.

Centro, também chamado Cidadela, é a parte mais importante de qualquer ajuntamento de moradias, geralmente destinada ao comércio.

Os Bairros, os Arrabaldes e os Arredores, que também poderemos chamar Paroquias ou Curatos, são prolongamentos do núcleo central que se destinam às residências particulares e aos recantos desportivos e fabris. São formados por Quadras ou quadriláteros separados por logradouros.

Nos Subúrbios, Rocios e Redondezas, outrora chamados o "alfoz privativo e jurisdicional da povoação", encontram-se principalmente os sanatórios, os bosques, as quintas ou mansões de tratamento e os campos de aviação, de manobras e das pequenas lavouras.

Os Quarteirões e o Rocio que circundam as povoações principais estão, quasi sempre, totalmente ocupados por chacaras, sítios e herdades. Nos grandes tratoz sertanejos, pontilhados de choças e que chamaremos Sertões, assim como nos Retiros ou nas vastidões coloniais abundam as datas ou latifúndios onde se localizam as granjas, as roças, as criações de gado e as grandes lavouras.

13 — DIVISÃO RACIONAL. Não será exequível, como é curial, a divisão das U.F. em um mesmo número de S.U. iguais.

A disparidade de população, e a discordância dos recursos próprios a cada zona do país, complicam sobremaneira a repartição equitativa, também prejudicada pelo advento de circunstâncias aleatórias.

Comissões técnicas, depois de caracterizadas as U.F., incumbir-se-ão de fixar uma área, variável até a média de 5.000 quilômetros quadrados, que será atribuída a cada S.U. O princípio a seguir-se nestas demarcações respeitará, quanto possível, os imperativos tradicionais, as facilidades das comunicações e a fisionomia geral da região. Consoante este objetivo na decomposição das U.F., sucede que elas admitirão um número indeterminado de S.U. dos diversos grupos.

Todavia, o número total delas, em todas as novas unidades, será, no mínimo, igual aos municípios atualmente existentes no país. Estes municípios, portanto, não sofrerão retro-

cesso e somente vantagens ganharão com o advento do regimen que vamos propôr.

14 — *Classificação das S.U.* As sub-unidades federais serão as abelhas da grande colmeia brasileira. Cada qual, conforme suas qualidades proprias, trabalhará sincronicamente para o engrandecimento da comunidade.

Indo substituir os atuais municipios, ficarão ordenadas em tres grupos, regidos por leis especiais que tambem regularão a passagem de um grupo para o imediatamente superior; não devendo haver retrogradação.

Os três grupos ora criados em atenção ao montante das respectivas populações, das suas possibilidades economicas e das suas larguezas financeiras, são os seguintes: *Municipio*, propriamente dito, correspondendo ao grupo principal ou mais importante das S.U.; *Comuna*, relativa ao grupo medio, e *Cantão*, referente ao grupo inicial ou inferior.

Estes nomes e outros que apresentaremos sucessivamente, fomos buscá-los nos repositórios nacionais e nos tombos de outros povos indiscutivelmente mais experimentados. Acreditamos render um preito de homenagem ao espirito conservador da nossa gente, homologando boas usanças que sobrevivem. As inovações têm seus perigos, maxime quando visam exponenciar uma orientação personalista. Embora caprichemos em auscultar os sentimentos generalizados, devemos sensatamente comedir nossos aplausos aos seus ditames, ancorando nossa tentativa de renovação administrativa nas amarras que eles criam nos habitos sociais. Tambem queremos, sem alaridos, escora-la nos marcos miliarios com que a humanidade vem balizando os diferentes estagios do seu engrandecimento.

15 — *Composição das S.U.* Cada S.U. de qualquer agrupamento é formada por uma unica Cidade e um numero variavel de Departamentos Sub-unitarios (D.S.U.) de todos, de dois ou somente de um dos tres tipos creados. Acontecendo que muitos dos atuais municipios teem vilas para as respectivas sedes, serão elas automaticamente elevadas á categoria de cidade. Em beneficio da comunhão nacional, que reclama perene constancia, no tempo e no espaço, do plano osculador da nossa evolução de povo vanguardeiro, torna-se necessario coartar os desregramentos sacrificando a elasticidade dos poderes locais. As iniciativas e propositos administrativos, quando não logram o consentimento de poderes mais altos, devem ser comprimidos entre as tenazes rigidas da legislação disciplinar.

O seccionamento do país implica o cerceamento de atribuições, proporcionalmente á diferenciação dos elementos. Por outro lado, impõe-se, dentro da lei, a mediação, cada vez mais ampla e paternal, das autoridades superiores nos negocios das subalternas, "verbi gratia" no sentido da assistencia e da profilaxia. O combate ás calamidades, a ajuda ao implemento da instrução e da hygiene, como garantia do saneamento e da ordem publica eventualmente perturbada, e o estimulo ao levantamento da prosperidade regional são deveres precipuos das administrações superiores. Premiando e animando as iniciativas economicas, patrocinando o surto das belas letras e o labor da imprensa livre, a administração mais elevada age como providencia reparadora das colisões e das inadvertencias. Não obstante o estrangulamento gradual da esfera de ação das autoridades administrativas, fica subentendido que o raio delas diminuirá até um tamanho marcado pelas responsabilidades dos detentores do poder publico, sem jámais decair até zero.

Em regra, o nome da S.U. será o mesmo da cidade que a encabeça. Analogamente ocorrerá com os D.S.U., os quais tomarão a denominação das respectivas vilas. Em caso de divergencia, erro ou incompatibilidade, caberá aos governos imediatamente superiores decidir afinal, retificando, subscrevendo, etc.

O que, porém, advogaremos com ardor é a conveniência de se dar, pelo menos em cada U.F., um nome privativo e exclusivo a cada uma das suas subdivisões administrativas até as mais infimas, como os cafundós sertanejos e os retiros coloniais.

Passemos, agora, a caracterizar os tres estratos do nosso "trias" sub-unitario.

16 — *Município*. E', por excelencia, a S.U. fundamental cuja autonomia é a mais ampla. Podemos compara-la a uma celula inteiramente constituida e em pleno funcionamento diferenciado. Toda a vida do formigueiro federativo, em ultima analise, apoia-se no poder de agir desembaraçado mas condicionado, destas circunscrições territoriais.

O novo Município terá população maior de 50.000 habitantes e uma area de perto de 5.000 quilometros quadrados, sendo que esta superficie pode ser muito maior nas regiões do país menos densamente povoadas. Posto em confronto com o atual, é uma potencia. Em vez de depender discricionaria ou disfarçadamente dos dirigentes da U.F., sua ação politica contrabalança a influencia daqueles e até prepondera dentro do seu ambito, como convem a um verdadeiro regimen liberal democra-

tico e progressista. Inteiramente livre das injunções da subserviência e das promessas de sustentação mutua nos cargos e sinecuras, a S.U. não se curva senão em face dos preceitos constitucionais que estatuirem os laços de sujeição e de controle da U.F. e de ligação e solidariedade aos demais elementos administrativos. Quanto ás suas conveniências particulares, podem deliberar francamente dentro de suas jurisdições e sempre no intuito do aperfeiçoamento, isto é, conservando e melhorando seu patrimonio e suas fontes de riquezas. Como força elcitoral, repercutindo nos mais altos escalões da representação nacional, os municipios sobrepujam nas U.F. Como força economica, as rendas proprias custearão sua administração e os serviços publicos, o que tambem lhes permitirá compartilhar prodigamente nas despesas orçamentárias federais e da U.F., contribuindo com os melhores quinhões do seu *superavit*.

17 — *Comuna*. E' a S.U. do grupo medio, tendo area variavel e uma população global compreendida entre 20 e 50 mil habitantes. Pode ser comparada a uma cédula que ainda não adquiriu maturação estrutural. Compreende uma cidade e varios D.S.U., sendo que, quasi sempre, somente um da série superior. Sua capacidade administrativa não será tão ampla quanto a do Municipio, porque exiguas serão as fontes dos rendimentos locais.

Cantão. E' a S.U. incipiente ou do grupo inicial. Tem menos de 20.000 habitantes e figura no plasma administrativo como uma celula em evolução cariokinetica. Compreende uma cidade de 3.^a ordem e alguns D.S.U., sendo que nenhuma da série principal. As superficies das S.U. são sensivelmente iguais, aumentando, porém, nas zonas menos habitadas.

CAPITULO III

OS DEPARTAMENTOS SUB-UNITARIOS

18 — *Classificação*. Os departamentos sub-unitarios (D.S.U.) assemelham-se a nucleos celulares em agitação no seio da substancia nacional. Representam as primeiras concreções palpaveis da administração regular. Seus orgãos, posto que mal especializados e da mais simples contextura, suportam já os onus da suzerania local sem desfalecimentos nem intermitencias.

O escalonamento dos D.S.U. em tres séries procura atender á importancia e ás possibilidades deles, quer quanto á população, quer quanto aos recursos economico-financeiros e aos

meios de consegui-los. Concomitantemente com a seriação, variarão o conjunto dos afazeres políticos e as obrigações e responsabilidades de prestação de contas e de cuidar da coisa pública.

Os departamentos sub-unitarios terão as seguintes denominações: *Concelho*, aos da série principal; *Burgo*, aos da série intermedia, e *Termo*, aos da série inferior.

Os Concelhos e Burgos terão proximamente 1.500 quilômetros quadrados para superfície média, enquanto que os Termos poderão ter vastíssimas dimensões.

19 — *Composição*. Cada D.S.U. origina-se da combinação de particulas atómicas da materia brasileira. São compostos de uma vila das tres categorias e de porções sertanejas ou do “hinterland”, as quais carecem da maior coesão associativa para poderem subsistir administrativamente. Estes elementos conglomerados e formadores das primeiras manifestações da força vital que vibrará por todo o arcabouço do Brasil, denominaremos “*Setores Departamentais*” ou abreviadamente S.D.

Quando lhes parecer oportuno, os poderes legislativos competentes da S.U., precedendo proposta dos representantes do Poder Executivo, reverão a classificação dos seus D.S.U., alterando-lhes a composição em Setores, com a criação de novos ou a elevação da série. Isto feito, dará conhecimento ao Legislativo da U.F., que, depois de aprovar, fará a comunicação ao Governo Federal para a ratificação final. Aliás, este “processo” tem cabimento em todos os escalões superiores, isto é, nas S.U. e nas U.F., conforme já dissemos na primeira parte deste trabalho.

20 — *Concelho*. E’ uma região de certa densidade de população circunscrevendo uma vila de primeira ordem.

O Concelho, desenvolvendo-se, transforma-se em Cantão e este, por sua vez, chegará a Municipio depois de ter sido Comuna. Inicialmente os Concelhos poderão ter de 5 a dez mil habitantes.

Burgo. E’ o D.S.U. medio formado de zonas escassamente povoadas e que estão em derredor de uma Vileta. Inicialmente terão de dois a cinco mil habitantes.

Termo. E’ o D.S.U. da série infima. Corresponde a uma área maior do que a dos outros departamentos das séries superiores e circunscrevendo um Vilorio. Sua população será inferior a duas mil almas.

CAPITULO IV

OS SETORES DEPARTAMENTAIS

21 — *Organização*. Os Setores departamentais serão os últimos fracionamentos da administração. Gozam, porém, do direito de escolher seus representantes políticos nos comícios solenes. Medem, aproximadamente, 150 quilômetros quadrados e apresentam uma população inferior a 2.000 habitantes.

Os S.D. ficarão repartidos em tres variedades: *Vila*, *Freguesia* e *Colônia*. Os dois últimos são áreas de terras destacadas dos atuais municípios onde nunca tiveram uma exploração regular e sempre foram mais ou menos devolutos e incultos.

A Vila é a parte essencial dos D.S.U., que, em muitos casos, só se comporá deste setor departamental, isto é, das suas subdivisões urbanas e rurais. No nosso país já se notam zonas coalhadas de pequenas coletividades humanas. Outras, ou a maioria, ainda se acham desocupadas e sem proveito senão para a devastação da mataria e da pradaria por mamelucos semi-selvagens. Aborígenes mais ou menos canibais fazem de algumas seu repasto predileto.

22 — *Vila*. Para as tres categorias de vilas a criar-se concorrerão muitas das existentes; mas a maioria resultará do soerguimento de diversas povoações, naturalmente indicadas para centro de atração e de enervação politico-regional.

Por existir uma unica em cada U.F., onde monopoliza excelsa posição, as Capitais não serão, realmente, consideradas sub-unidades. Tão pouco, a unica Cidade adjudicada a cada S.U. não será, pelas mesmas razões, um departamento sub-unitario, embora sempre se possa presumir a mudança dela, que, nesse caso, diminuirá de categoria, para outra localidade da mesma S.U.

Ao invés disso, as Vilas podem ser multiplas dentro de cada S.U., onde só se diferenciam umas das outras pela ordem que lhes indigitar a respectiva população. Ao demais, as de tipo C ou Vitorios são instaveis porque, dada uma emergencia de força maior ou de decadencia fortuita, podem ser extintas. Nesta hipotese serão erigidos em Vitorio outros Povoados mais prosperos e melhor colocados dentro da circunscrição correspondente.

Só as Vilas e Viletas, tipos A e B, têm estabilidade garantida e, normalmente, não retrogradam.

Por conseguinte não haverá ascendencia claramente pronunciada entre as tres variedades de S.D., que estabelecemos, se-

não uma relativa predominância das diferentes Vilas que, de fato, são o nó que enlaça todos os poderes locais. Provavelmente oferecerão as melhores comodidades de vida em relação aos setores.

Sendo as Vilas, Viletas e Vilórios os focos de fascinação departamental, nos quais borboleteiam os demais setores, manterão, por isso, um governo próprio. Com a ascensão de um Concelho a Cantão, a Vila de primeira ordem será forçosamente elevada a Cidade e, como tal, começará a gozar os arras desta.

23 — *Freguesia*. É uma região agreste, montuosa, ribeirinha ou marítima, de população rarefeita e sem núcleos de sensível compactidade. Ali florescem as indústrias extrativas fornecedoras de matérias primas e moireja o trabalho braçal da nossa gente rústica.

Cada Freguesia compreende:

a) Um *Povoado*, que é uma perspectiva ou começo de Vila e consta de um núcleo central onde poucas habitações já se mostram mais ou menos permanentes e das redondezas entremeadas de sítios e herdades.

b) *Sertões* (um nenhum ou muitos), cada qual constituído por um Arraial eventualmente estavel por suas moradias e por inúmeras porções de terras que chamaremos: “Rincão” ou “Pagos” ou “Querencia”, quando campos recobertos de estancias ou explorações pecuárias; “Centro”, quando matas ocupadas por fazendas e outros estabelecimentos da lavoura, e “Soledade”, quando florestas virgens, capoeiras ou zonas safras não aproveitadas pela agricultura. Os Sertões e os Retiros somente povoados por índios chamaremos “Confins” e os deshabitados completamente serão os “termos”.

24 — *Colônia*. É uma região francamente selvática, de matas ermas e de fundões descampados e mal conhecidos.

Sua população será constituída pelos contingentes de imigrantes nacionais ou estrangeiros instalados pelo governo. A população volante ou autoctone vive dispersa por vastas brenhas e ainda se encontra em nível inferior ao bitolado pela média da nossa civilização geral.

A maioria dos D.S.U., principalmente os do litoral e os dos Estados atuais de grande densidade de população, não conterão, em regra, o setor Colônia, o qual, entretanto, superabundará nas sub-unidades do setentrão e do poente.

Em cada Colônia observam-se:

a) a *Aldeia*, analoga ao Povoado porque representa o centro coordenador da administração regional;

b) os *Retiros*, que compreendem as Datas ou grandes porções de terras ainda não utilizadas metodicamente, consoante os conselhos agro-pecuarios; os Casais, que já têm um começo de exploração racional, e os Lanços ou Talhões, destinados á localização de imigrantes ou colonos em quinhões e lotes demarcados.

Cada Retiro possuirá um agrupamento maior, que chamaremos Toldo, Tribu ou Aldeola, quando for o ponto onde a catequese oficial e o devotamento das congregações religiosas ou de mão-morta humanizam os indios selvagens e acasalam os mansos, ensinando-lhes as artes rudimentares e dando-lhes a educação elementar.

Chamaremos Posto, Nucleo ou Registo, quando for o centro de convergencia local dos colonos nacionais ou estrangeiros que ali possuem seus quintais e cabanas em convizinhaça pre-estabelecida.

25 — *Repartição das Colonias*. As Colonias, destinadas aos fins já previstos, serão repartidas em quatro tipos, segundo leis positivas, adrede estabelecidas, e marcando a percentagem e o "modus faciendi" desses tipos, os quais são os que se seguem:

1º — "*Dominios*" ou Colonias pertencentes ao Governo Federal e por ele geridas, quer mediante exploração direta para as necessidades proprias, quer mediante contratos ou concessões para aforamento, utilização industrial ou estabelecimento de imigração. Os lotes serão vendidos ou, de preferencia, cedidos aos servidores publicos para tal habilitados.

2º — "*Possessões*" ou Colonias pertencentes ás U.F. para os mesmos fins e principalmente para a colonização e o assento de estabelecimentos officiais.

3º — "*Patrimonios*" ou Colonias pertencentes ás S.U., que as utilizam para fins diversos, inclusive o arrendamento parcial ou aforamento em quinhões.

4º — "*Sesmarias*" ou Colonias de propriedade dos D.S.U., que fixarão seu aproveitamento, delimitando as vantagens a auferir.

Qualquer que seja o tipo, as Colonias têm a administração

e as subdivisões esquematicas já referidas, variando somente a nomeação do Chefe, que sempre competirá ao governo proprietario. As rendas serão arrecadadas e as despesas reguladas por aparelhos proprios consignados em leis que tambem discriminarão a aplicação e a distribuição dos lucros pelos governos de que dependem. Os Patrimonios e as Sesmarias são inalienaveis e constituem renda local permanente. Os Dominios e as Possesões, somente repartidos em lotes ou pequenas áreas, podem ser vendidos aos particulares. Portanto, tendem a desaparecer por este processo ou por transferencia ou reversão em Patrimonios e Sesmarias. Estes ultimos, quando estiverem regularmente ocupados por populações sedentarias, serão elevados a Freguesias. Ordinariamente, os S.D. terão dimensões reduzidas, mas as Colonias poderão apresentar tamanhos excepcionais quando se tratar de regiões deshabitadas ou serranias, chapadões e pantanais incultos, desprezados e distantes e tudo conservado no estado natural por motivos imperiosos. Então acontecerá que um Dominio subentenderá todo um Territorio defeso. Igualmente, uma Possessão abrangerá toda uma S.U. ; um Patrimonio terá a área de um D.S.U. e a Sesmaria cobrirá um S.D. Nestes casos e se convier aos interêsses gerais, o uso e o gôzo das terras ficará vedado ao trabalho particular, removendo-se compulsoriamente todos os moradores para outras paragens. Para a rigorosa observancia das prescrições officiais haverá patrulhas florestais volantes e suficientemente fortes para evitar as depredações e obstar as incursões clandestinas.

Como já dissemos alhures, o interesse da conservação da nossa fauna, da manutenção da nossa flora, da restauração das nossas terras áridas e cansadas e da expansão e perpétuidade das nossas reservas zoo-botânicas especializadas, tudo isso e mais as razões de ordem economica e social, aconselham, indigam e reclamam a interdição, a evacuação e o trancamento por muitos anos, dos formidaveis chapadões amazonicos, mato-grossenses, goianos, etc., onde não vivem criaturas sequer semi-civilizadas, e, *mutatis-mutandis*, de 50 % do nosso nordeste flagelado, removendo os habitantes e seus bens para a outra metade, a qual se deverá beneficiar e socorrer com afinco, desvelo e patriotismo. As regiões largadas ou proibidas assim permanecerão indefinidamente até se refazerem, recuperando o viço primitivo e acumulando a água e os fertilizantes nitrados que lhes trarão fatalmente as contribuições cosmico-teluricas subsequentes.

CAPITULO V

CONCENTRAÇÃO ESQUEMATICA

26 — *Quadros sinopticos.* Para que se logre uma boa vista do conjunto e á guisa de memento para ajudar a compreensão do nosso Ante-Projeto, exposto “per summa capita”, nas linhas precedentes, ocorreu-nos a conveniencia de resumir em quadros sinopticos os “materiais” da nossa concepção.

Com um simples relancear de olhos facilmente serão percebidos e apontados os senões que pejam e tornam inglorio o nosso trabalho.

27 — *Exemplificação sumaria.* Como complemento do plano redivisionista que acabamos de esboçar, daremos alguns exemplos concretos da maneira como se conseguirá urdir a tectura das sub-unidades federais.

Certamente, não poderemos apresentar senão tipos aproximados. As características geograficas de área e população são avaliadas “grosso modo”, por não ser possivel apoiar os calculos em dados incontestes. Os mapas fidedignos somente existem de pequenas porções do nosso imenso territorio.

A — Estado do Maranhão

a — Municipio de Itapicurú

Limites. Ao N. com o municipio do Rosario por uma linha reta que parte do Porto das Gabarras, sobre o rio Mearim, até a região do burgo de Itaipú (exclusive) e daí por outro alinhamento reto até a Cachoeira do rio Munim, acima do concelho de Morros.

A L. com o cantão de Barreirinhas e a comuna do Brejo pelo rio Munim acima, a partir da sobredita cachoeira até a foz do rio Iguará e montando este até suas nascentes.

Ao S., com o municipio de Coroatá pelo arco do paralelo 4º Sul entre as nascentes do Iguará e as cabeceiras do igarapé São Benedito; descendo este igarapé até seu desaguadouro no rio Itapicurú e daí por uma reta até o cruzamento do mencionado paralelo 4º S. com o rio Peritoró.

A W., com o cantão de Lagem e o municipio de Viana por uma linha geodesica ligando o ponto já assinalado no Peritoré com a confluencia do rio Grajahú no Mearim; por fim, por este rio Mearim descendo até o seu estuario na baía de São Marcos.

Superficie: avaliada em 8.777 quilometros quadrados.

QUADRO A

<i>Unidades Federais</i> <i>U.F.</i>	<i>Sub-unidades Federais</i> <i>S.F.</i>	<i>Departamentos Sub-unitarios</i> <i>D.S.U.</i>	<i>Setores Departamentais</i> <i>S.D.</i>	<i>Povoações</i>	<i>Colonias</i>
30 Estados	2 Metropoles 68 Capitais	Cidades	Vilas	Povoado	Domínio
10 Provincias	Municipios	Concelhos	Viletas	Aldeia	Possessão
20 Territorios	Comunas	Burgos	Vilorios	Arraial	Patrimônio
10 Distritos	Cantões	Termos	Freguesias Colonias	Toldo ou Posto	Sesmaria

Nação

BRASIL

QUADRO B

<i>Nome</i>	<i>Especificação</i>	<i>População média</i>	<i>Superfície média</i>	<i>Sede</i>
S.U.	Município Comuna Cantão	Mais de 50.000 h. De 20 a 50.000 h. Menos de 20.000 h.	Cerca de 5.000 quilo- metros quadrados	Cidade de tres ordens
D.S.U.	Concelho Burgo Termo	De 5 a 10.000 h. De 2 a 5.000 h. Menos de 2.000 h.	Cerca de 1.500 quilo- metros quadrados	Vila Vileta Vilorio
S.D.	Freguesia Colonia	Variavel ou insignificante	Cerca de 150 quilome- tros quadrados. Para colonias	Povoado Aldeia
Sertão Terras	Rincão Centro Soledade	Idem	Variavel 40 Km ² mais ou menos	Arraial
Retiro	Data Casal Talhão	Idem	Lotes ou quinhões variaveis	Toldo ou Posto

QUADRO 0

<i>Locação</i>	<i>Capitais e Cidades</i>	<i>Vilas das 3 ordens</i>	<i>Povoados e Aldeias</i>
Zona Urbana	Cidadela Bairros	Matriz	Campanario
Zona Suburbana	Arrabaldes Suburbios	Arredores	
Zona Rural	Quarteirões Rocio	Rocio	Redondezas

População: calculada em 55.000 almas.

Cidade: Itapicurú-mirim, com uma área jurisdicional de cerca de 784 quilômetros quadrados, abrangendo a zona destinada ao futuro canal de ligação com o mar. Incidentemente devemos aqui chamar a atenção para a grafia errada desta palavra composta tupi que serve de apelativo para a dita cidade. Segundo os dados etimológicos e a interpretação dada pelos lexicógrafos competentes, deve-se escrever foneticamente Itapicurú-mirim e não deturpadamente Itapecurú-merim, como querem Cesar Marques e Domingos Magalhães. Aliás em todos os documentos do começo do século XIX aparece a grafia Itapicurú-mirim.

Concelhos: Vargem Grande, Ararí e Anajatuba, com Vila do mesmo nome, varias Freguesias e Colônias.

Burgos: Manga, Cantanhede, Caximbos e Pirapemas, com Viletas dos mesmos nomes e alguns Sertões, Patrimonios e Sesmarias.

Termos: Porto das Gabarras, Santa Rosa, Kelrú, Mandioca e outros, com os respectivos Vilorios dos mesmos nomes e alguns Centros.

Sertões: Jacú, Leite, Jandiaí, Bôca da Mata, Jací, Guarací, Catanópolis, etc.

Patrimonios da S.U.: Campos das Pombinhas e os das "soltas" das cercanias do Anajatuba e do Porto das Gabarras.

Sesmarias da Cidade: Guarapiranga (Piranga), Assuntin-ga, Aratodí, Guanaré, etc.

B — Estado do Rio de Janeiro

b — Municipio da Barra

Limites: Ao S. e ao W. com o municipio de Campos; ao N. com o Estado do Espirito Santo; a L. com o Oceano Atlantico.

Superficie: 2.000 quilômetros quadrados.

População: 40.000 habitantes.

Cidade: São João da Barra, com 6.000 habitantes.

Burgo: São Sebastião de Itabapoana.

Termos: São Francisco de Paula, São Luiz Gonzaga e Amparo do Taí.

Freguesias: Atafona, Grassalí, etc.

Patrimonios: Curral, Convento, etc.

Sesmarias: ilhas Arena e Urubú.

C — Provincia do Tietê

c — Comuna de Tijuco Preto ou Caiuá

Limites: ao N. a comuna de Santa Cruz do Rio Pardo; a L. os cantões de Cerqueira Cesar e Santo Antonio da Boa Vista; ao S. o municipio de Fartura e a W. o cantão de Ribeirão Claro, no Estado do Paraná.

Superficie: 1.500 quilometros quadrados.

População: 35.000 habitantes.

Cidade: Pirajú, com 8.000 habitantes e muito prospera.

Concelho: Mandurí.

Burgos: Sarutaiá e Belo Monte.

Termos: Timburí e Ataliba Leonel.

Freguesias: Hungria, Paivas, Araras, etc.

Sesmarias: as terras "não praguejadas" da Serra de Parapanema.

D — Estado de Pernambuco

d — Comuna de Jaboatão

Limites: Ao N. com a comuna de S. Lourenço da Mata; a Leste com o municipio de Recife, com o Oceano Atlantico e com a comuna do Cabo; ao W. e ao Sul com a comuna de Victoria.

Superficie: 3.580 quilometros quadrados.

População: 40.000 almas.

Cidade: Jaboatão.

Concelho: Afogados.

Burgos: Cruz das Almas, Jaboatá e Luz.

Freguesias: Gurgauí, Camassarí, Mussaíba, Patrimônio, Cajabuzinho e Pocinho.

Sesmarias: Tapera, Queimada, Xixaim, etc.

E — Provincia de Guaira

e — Cantão de Clevelandia

Limites: Ao N. com o distrito da Foz do Iguassú e o municipio de Guarapuava; ao W. com a linha sêca Brasil-Argentina; a L. com o cantão de Palmas; ao S. com o Territorio de Missões.

Superfície: 9.640 quilometros quadrados.

População: 12.000 habitantes.

Cidade: Bela Vista de Palmas ou Clevelandia.

Burgos: Bom Retiro, Sant'Ana e Santo Antonio do Bar-
ração.

Termos: Gramados, Campo Erê, Mangueirinha.

Freguesias: Xanxerê, Capanema, Cotegipe, Pato Branco.

Dominio: Campos do Peperí.

Possessão: Campos do Chopin e do Xapecó.

F — Estado do Amazonas

f — Cantão de Sacará

Limites: Está encravado entre os cantões de Urucará, ao norte, Urucurituba, a leste, e Moura a oeste e o municipio de Itacoatiara, ao sul.

População: 5.000 habitantes.

Cidade: Silves ou Saracá.

Termo: Itapiranga.

Freguesias: Canassarí e Urubú.

Patrimônios: Mocajutuba e Boa Esperança.

Sesmarias: Pai Tomaz e Cacuiarí.

Dominio: Campos de Boa Esperança.

Possessão: Matas de Anibá.

Rio de Janeiro, ano de 1934.

Resumo en Esperanto

LA NOVAJ POLITIK-ADMINISTRAJ SUB-DIVIDAĴOJ DE BRAZILIO

La aŭtoro montras la erarojn, la domaĝojn kaj la mal-
oportunaĵojn de la nuntempa politik-administra divido de
nia teritorio, pro la malproporcio de rimedoj kaj de loĝan-
taro en kelkaj Ŝtatoj de la Federacio kompare kun aliaj, pro
la granda malegaleco de areoj de niaj Ŝtatoj kaj pro la
nereguleco de la homaj grupoj, sub la vidpunktoj rasa kaj
kultura.

Li faras kronologian studon pri la provoj por pli bona
teritoria dividado de nia lando, de post la imperio ĝis la

hodiaŭa tempo, kaj finas prezentante interesan kaj originalan skizon de nova politik-administra dividado de Brazilo.

En ĉi tiu skizo, farita laŭ rigora sistema klasifiko, laŭ metoda plano, la aŭtoro proponas kaj difinas la nomojn, kiujn oni adoptos por la homaj grupoj, konsiderante ilian nombran, socian, kulturen aŭ ekonomian gravecon, kaj penante akordigi, en la de li elektita nomenklatur, la klasikan kaj tradician terminaron kun la esprimoj naskitaj de la hodiaŭa politik-socia evoluado.

Tiu ĉi estas verko, kiu meritas la atenton de ĉiuj, kiuj sin donas al la studado de niaj politikaj, sociaj kaj ekonomiaj problemoj.

GEOGRAFIA DAS CALAMIDADES

*Comunicação feita em sessão do Conselho Director aos
10 de Maio de 1934*

Rodolfo da Mota Lima

Por mais que o optimismo seja uma expressão de confiança, no exame das questões de interesse vital de uma nação, será sempre preferível que ninguém se deixe embalar pelo entusiasmo das frases feitas, que servem, inegavelmente, para os fins de propaganda externa, mas também, inegavelmente, contribuem para dar uma convicção erronea á sociedade que se forma para o dia de amanhã quanto aos problemas que ela deverá enfrentar quando lhe couber o encargo de atuar, de qualquer forma, em favor dos destinos da nossa terra. Indispensavel é dizermos, com justeza, o que, na realidade, conosco se passa, afim de não ficarmos entre os sonhadores que proclamam o nosso enorme país o mais fértil e o mais rico do mundo e os descrentes que nos vêm considerando, desde há muito, à borda do clássico abismo. Nem uma cousa nem outra exprime a verdade. Entretanto, se tivermos que aceitar o exagero, melhor será preferirmos o alarma do pessimismo que nos disponha a reação contra os males que nos retardam, do que orientarmos as gerações que se formam segundo os sonhos das patriotadas que forcem a nossa colocação no primeiro lugar entre os primeiros...

Ninguem veja nestas minhas palavras a confissão de que me coloco na fileira dos céuticos. Apenas acho que quando se não puder ser exato no exame dos problemas brasileiros, não se deverá criar um falso ambiente de pujança, que nos leve enganadoramente a esperar por um porvir facil, atingivel sem os penosos esforços que estamos obrigados a fazer.

Repete-se, a todo o instante, dentro e fora das nossas fronteiras, que o Brasil ha de ser o celeiro do mundo e, com esta afirmação, corre a outra da inesgotavel riqueza do subsolo brasileiro, riqueza que todos proclamam, conhecendo ou não a materia sôbre que discorrem. Celeiro do mundo o nosso país será um dia, se os homens de responsabilidade esqueccerem as fantasias de quem espera o maná do ceu e tirarem das terras que o acaso lhes entregou o que ellas puderem dar como fruto do esforço humano bem orientado. Não o será

nunca — e atravessaremos os seculos perdendo, como até aqui, um grande legado — se os rumos incertos por nós seguidos ainda hoje não forem mudados pelo que nos traçar uma politica mais sã, capaz de nos tirar do comodismo e nos levar á realidade das coisas.

Ao contrario dos que querem ver tudo no nosso país através das lunetas côr de rosa do Dr. Pangloss, eu entendo que o nosso futuro depende de uma desmedida vontade de acertar, o que nos custará esforços inauditos, porque, num balanço das calamidades geograficas que afligem varios povos, o Brasil não é dos menos visitados por elas.

O territorio sob a nossa bandeira — que a quasi totalidade desconhece e muitos blasonam conhecer — está dividido em zonas que merecem estudos demorados, exames minuciosos e continuados, levados por diante com pertinencia e destinados a um fracasso, se dever predominar em tudo a superficialidade dos presumidos, que teem uma solução simploria para todos os problemas, por mais acentuada que seja a sua complexidade.

Vejamos as inundações. Elas são um flagelo que visita periodicamente varios nucleos de população, formados ao des-caso dos dirigentes que só raramente se interessam pela sorte dos individuos que vegetam pelo nosso interior esquecido. Quando vêm, arruinam campos rudimentarmente cultivados, destróem habitações, trazem epidemias, aumentam os focos das endemias, e os flagelados, depois dos auxilios officiais, mais trombeteados do que efficientes, reconstróem ou refazem seus casebres e voltam á tranquilidade duvidosa de quem espera a repetição inevitavel do desastre. O poder publico, praticada a filantropia exhibicionista em metal sonante, fecha os olhos ao resto, de nada mais cuida. A historia se repete nas regiões mais assoladas, que são as do vale do Amazonas, da "Mesopotamia" do Maranhão, do Baixo S. Francisco, do rio Doce (Esp. Santo) e do Paraíba do Sul. Nessas zonas, os barracões, cabanas e até casas são erguidos discricionariamente, de preferencia buscando as margens dos cursos d'agua, e só em casos raros os proprios interessados reconhecem os perigos de edificar as suas moradas em pontos facilmente atingíveis pela elevação maxima do nivel dos rios no periodo das enchentes. Mas são inumeraveis até os casos de formação de cidades em lugares sujeitos a alagamentos. A de Nova Cruz, Rio Grande do Norte, que ficava á margem do Curumatai, numa area ao nivel desse rio, foi completamente destruida e teve que ser reconstruida a 10 kms. de distancia. E' conhecido

o que ocorreu em Arassuaí, Minas, há pouco tempo, e o efeito da cheia que mais recentemente varreu Silveiras, no vale do Paraíba, está na memória de todos.

As cheias, porém, apenas são motivo para que se revelem mais uma vez, em cada vez, a grandeza de sensibilidade do coração brasileiro. Passado que seja o flagelo, cumprido o dever do socorro imediato, tudo acaba. Volta-se á mesma situação. E porque, apesar de todos os pesares, o Brasil cresce, as aglomerações de povo vão-se formando em pleno desconhecimento e sem a intervenção do poder publico. Não há sequer preocupação de um conselho, nesta época em que alguns governos começam a intervir diretamente nos mínimos detalhes da vida de cada cidadão. Ninguém fez chegar aos nossos compatriotas descuidosos e descuidados do interior o conhecimento de que êles devem construir sua cabana ou conjunto de cabanas em cotas cuja elevação esteja acima da maxima do crescimento das aguas. Ha um numero regular de ilhotas no Paraíba do Sul que são habitadas, embora sujeitas ao menor aumento do volume do rio. E, todavia, isto bem pouco representa, diante do erro cometido na segunda cidade do Brasil — São Paulo — onde se formaram bairros populosos nos trechos facilmente inundaveis pelo Tieté, impondo, hoje, a realização de obras dispendiosissimas para a retificação desse rio.

Antes de chegar á calamidade que contrasta com a das sêcas — quero referir-me, de passagem, a outras que surpreendem o homem de trabalho no melhor de sua luta pela vida. Uma delas é a tempestade, comum no Contestado e em vários pontos da nossa região meridional, visitada em certas épocas pelo Minuano, o "tornado" do sul, que vem da Terra do Fogo e entra pelo boqueirão, avançando para o norte e, as vezes, chegando até ao Cubatão. Outra é a praga bíblica dos gafanhotos, que invadem os campos cultivados dos Estados meridionais, principalmente o Rio Grande do Sul, numa obra de devastação menos comum e mais completa que a das geadas. Vindos dos campos do Prata, êles estendem sua ação destruidora até onde os impede de prosseguir a primeira cadeia de montanhas. E, a seguir, de efeitos permanentes e de permanente devastação, vem uma das nossas calamidades mais sérias — a malaria — que é endêmica em varias regiões do país e continuará a sê-lo por longo tempo, enquanto os homens que tem a responsabilidade maior quanto ao futuro da nossa terra não se distraírem um pouco da política de campanario, para cuidar, com interesse, dos problemas vitais

da nacionalidade. E não é ainda tudo, porque, por mais estranho que pareça, nem do perigo dos movimentos teluricos estamos livres. Eles já se vem tornando uma ameaça para nós, e não são casos estranhos em certas regiões do Ceará, Estado do Rio e Minas Gerais, os abalos sísmicos, embora de pequena intensidade. Neste ultimo Estado, na zona entre Bon-sucesso e Oliveira, ha uma enorme extensão de terra, profundamente fendida, que prenuncia com o grande abismo que ali se cavou, uma série de agitações subterraneas numa região claramente vulcanica.

Mas cheguemos á calamidade maior, a unica que já conseguiu despertar interêsse aos governos e que tem sido objeto de discussões demoradas, em que se têm empenhado pretendidos técnicos — a da aridez do solo. As zônas áridas se encontram no Nordeste brasileiro, em grande parte do Maranhão, em todo o vale do São Francisco, parte baiana, no Planalto Mato-grossense e na região S. José de Deus, em Goiaz. Quem percorrer certos pontos do sertão nordestino, nos Estados onde se estabeleceram os holandeses, terá provas de que as sêcas chegaram a ser uma preocupação para Mauricio de Nassau, que fez construir cisternas e fontes em pontos diversos. Desde então, gerações se tem sucedido e, com elas, os planos mais ou menos extravagantes do aproveitamento de terras áridas, enquanto muitas regiões aproveitaveis continuam a esperar quem as cultive. Já houve planejadores que consideraram perfeitamente viavel a canalização, para as terras ressequidas, das águas do rio São Francisco, e outros, mais arrojados, sustentaram a viabilidade de um desvio, pelo sertão cearense, do proprio curso do segundo rio do Brasil. E' um grande problema levado ao dominio da fantasia e do ridículo.

Vimos o quanto a Nação gastou no plano de combate ás sêcas, o que a encheu de compromissos, ao passo que enriquecia os intermediarios de negocios. Em muito pouco, porém, melhorou a situação calamitosa dos sertanejos das regiões escaldantes do Nordeste. Obras custosas para tão diminuto resultado, elas demonstram a soma de recursos que seria necessaria para se conseguir um fim apreciavel, e o país ainda não está em condições de arcar com despesas muito acima da sua capacidade de gastar.

Na Australia, estudou-se muito o aproveitamento das terras improdutivas. Varias sugestões foram examinadas e, por fim, chegou-se á conclusão de que o governo não estaria em condições de atacar o problema e nem os resultados seriam

compensadores. Preferiu-se deixar de lado as zonas sêcas, atraindo as populações que nelas viviam para outras regiões favorecidas, e somente as zonas aridas voltarão a preocupar, quando a exploração das fontes de riqueza mais faceis do país o permitir.

Identico é, pois, o caso do Brasil. Apenas temos que confessar uma diferença: a de que no nosso país existem extensões aproveitaveis que não mereceram até aqui o cuidado dos poderes publicos e outras, nas mesmas condições, que são exploradas discricionariamente, ainda pelo descaso daqueles mesmos poderes, sem que os seus exploradores saibam que produção nelas melhor se adaptaria. Ninguém pensa em desenvolver o cultivo das terras mais produtivas, segundo a orientação de técnicos, para que, depois, o Estado, numa situação de desafôgo, cuide de executar um plano de aproveitamento dos enormes trechos do nosso solo que são desertos em adiantada formação. No papel escrito, externadas as teorías mais variadas, o problema das nossas regiões batidas pelas sêcas tem sido objeto de preocupação dos administradores, que criaram uma repartição propriamente para estudá-lo e solucioná-lo. Mas praticamente nada se fez de racional e não será possível fazer, quando se sabe que ainda não ha onde ir buscar a soma de recursos necessária a obras fabulosamente custosas, como as de açudagem ou de irrigação mecanica. Mas o desperdicio do dinheiro continuou, como continuam as sêcas e continua a falta de orientação, para agravar e deixar desenvolver-se a maior das nossas calamidades geográficas, enquanto os descuidados deixam ao abandono o que ha de aproveitavel e os sonhadores, embalados pelo orgulho patriótico, continuam a proclamar uma "riqueza colossal" á flor do nosso solo ou nas profundezas do nosso sub-solo: neste ela existe em abundancia, apenas na imaginação facil dos comodistas; naquele, ela está comprometida pelo efeito das erosões que nos vão empobrecendo as terras mais ricas.

Não descreio dessas riquezas, é preciso que o diga. Não as exagero, porém, e apenas quero dizer que o estudo das calamidades que nos afligem esclarecerá os que agem meditando, para que êles se vão convencendo de que cada um dos nossos problemas não difere do que lhe é correspondente em países e regiões, cujas condições economicas estão na dependencia das mesmas dificuldades e igualmente exigem um grande e paciente esforço de inteligencia, afim de que se possa conseguir contornar a multiplicidade de obstaculos que surgem a cada momento.

Meus consócios:

Aí tendes o meu cartão de visitas, ao entrar para o vosso proveitoso convivio. Aqui serei vosso discipulo, atencioso e vosso colaborador na parte que nos tocará na obra a realizar pela grandeza do Brasil. Escolhi para minha apresentação um tema que vos dará de mim a impressão, á primeira vista, de um cético incuravel. Não o sou, porém, e o andar dos tempos vô-lo comprovará. Creio, sem duvida, no porvir da nossa Patria, mas sou forçado a não calar que os homens o têm retardado e têm deixado de dedicar a devida atenção aos meios de nos conduzir até êle, ainda que por pequenas etapas.

Espero, apenas, que os brasileiros de responsabilidade compreendam que o caminho que nos conduzirá ao nosso amanhã não é uma avenida larga. E', ao contrario, um carreiro obstruido, que precisa do esforço de todos para se tornar plenamente praticavel, depois de desbravado.

Resumo en Esperanto

GEOGRAFIO DE LA MALFELIĈEGOJ

Temas tie ĉi pri komunikaĵo farita ĉe unu el la kunsidoj de la Direkta Konsilantaro, la 10an de majo 1934.

La aŭtoro priskribas, sen detaloj, la malfeliĉegojn, kiuj kelkafoje falas sur certajn regionojn de nia lando: la inundojn, la sekveterajn periodojn, kaj aliajn malpli gravajn kaj ne tiom vastajn, kiaj la ventegoj ("tornados" k. a.) en pluraj lokaj en la sudo de Brazilo; la akridojn kaj la hajlojn, ankaŭ en la sudo, kaj la malarion en kelkaj regionoj.

La aŭtoro opinias, ke kelkajn el tiuj malfeliĉegoj oni povus forigi aŭ almenaŭ mildigi, per rimedoj, kiujn konscience uzus la Respublika Registaro.

IRMAOS
PONGE 